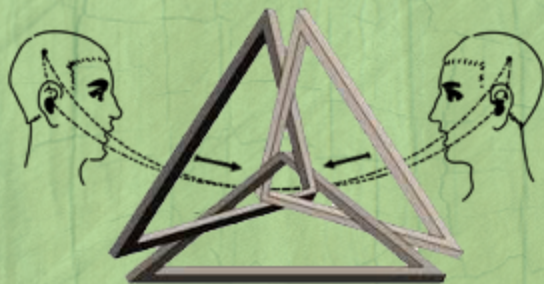


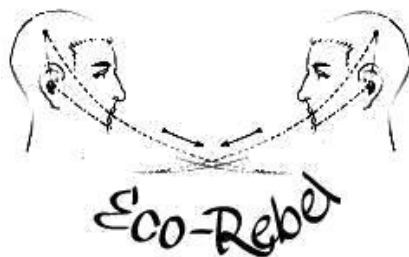
Ecolinguística

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem
(ECO-REBEL)**

Volume 6, número 3, 2020



**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

A irrupção do coronavírus (SARS-CoV-2) é um dos acontecimentos mais marcantes nas últimas décadas, afetando a vida de pessoas em todo o mundo. Por esse motivo, decidimos dedicar dois números extras de *ECO-REBEL* em 2020 aos discursos sobre o fenômeno. O presente número, v. 6, n. 3, 2020, é o primeiro e consta só de artigos em português. O segundo, v. 6, n. 4, 2020, só conterá artigos em inglês.

À guisa de introdução ao número, abrimo-lo com um comentário sobre um Editorial que a renomada revista de medicina inglesa *The Lancet* dedicou ao tratamento que o presidente brasileiro tem dado à questão da pandemia do coronavírus. O texto consta de reproduções de parágrafos do texto original traduzidos, juntamente com alguns comentários por Hildo do Couto. Todos os parágrafos originais são reproduzidos e comentados. Não há uma reprodução pura e simples do Editorial, a fim de se evitarem questões de direitos autorais. Trata-se de um comentário crítico dele.

Em termos de artigos propriamente ditos, o primeiro é de Lorena Borges, “A natureza da pandemia: uma análise ecolinguístico-crítica das representações do meio ambiente em textos sobre o coronavírus”. Analisando três textos do PNUMA e utilizando a Ecolinguística Crítica proposta por Arran Stibbe, a autora mostra que a “natureza é frequentemente submetida a um apagamento de tipo *traço* (trace), figurando apenas como um reservatório natural que está a serviço da humanidade”.

O texto do ecolinguista português Rui Ramos, “Discurso sobre a pandemia: o discurso polêmico para além do negacionismo”, parte de bases teóricas como a Análise do Discurso francesa, a Linguística do Texto, teorias enunciativo-pragmáticas e até a Linguística Ecolinguística a fim de analisar “um discurso polêmico e contracorrente” de “uma crônica publicada num jornal nacional português”. No texto “são analisadas estratégias argumentativas, que passam pela tentativa de persuasão do leitor e pela construção do *ethos* do autor, e são analisadas as formas de relacionamento do autor com o espaço e os outros indivíduos, através da palavra”.

Em seguida vem o artigo de Mario Luis Monachesi Gaio, “Estamos mesmo em isolamento social? Interações comunicativas através de meios digitais em tempos de pandemia”, que aborda a questão da pandemia basicamente da perspectiva da interação comunicativa, necessidade primária dos seres humanos. No caso, essa interação se dá num ecossistema artificial, que é extensão do natural. Embora a pandemia tenha nos obrigado a evitar o contato físico, não evitou o contato social. Afinal, “mudam-se as

ECO-REBEL

práticas e os meios, permanecem as interações”. No caso da quarentena devido à presença do coronavírus, “esse contato virtual atenua as dificuldades do distanciamento”. Tanto que “as pessoas tentavam interagir pelas varandas de suas casas, janelas e áreas comuns”, para ir além da que existe apenas via Whatsapp ou Telegram. A comunhão tem um papel importante nesse processo. Por isso, “não podemos falar em Isolamento Social, mas em Isolamento Físico”. Mas, há pelo menos três senões: a) “esse espaço virtual não é apropriado para a criação de vínculos afetivos fortes e duradouros. O estado de Descomunhão [...] surge com muita facilidade”; b) “Esse espaço sem dimensão definida parece que facilita o discurso de ódio”; c) “A internet parece uma "terra sem lei””.

O próximo texto é “Coronavírus, discurso e opinião pública: a vida ou o lucro”, de Gilberto Paulino de Araújo. O texto toca na questão da polarização no tratamento do coronavírus. Os pronunciamentos e atitudes do presidente Jair Messias Bolsonaro vão na contramão das recomendações das autoridades da saúde, minimizando levemente os efeitos do vírus, defendendo a abertura total da economia, para ele mais importante do que o risco de morte pelo vírus. O discurso negacionista e a prática do presidente provocam uma atitude de confronto “com chefes de Estado de outros países e autoridades nacionais e internacionais da área de saúde”. Tudo isso está contra a comunhão recomendada pela Análise do Discurso Ecológica/Ecológica. Quem assume posições racionais são os governadores e os prefeitos, porque o presidente chega a mentir a fim de manter suas rígidas posições.

Zilda Dourado Pinheiro usa, no artigo “Clube da leitura online: um relato de experiência sobre a comunhão durante a quarentena”, o conceito de comunhão para estudar as consequências do isolamento social. Mostra sua importância não só para que haja uma interação comunicativa prototípica, mas também para a existência do próprio grupo de pessoas que formam uma comunidade de fala (e de língua também). O advento das redes sociais provocou um tipo de descomunhão entre pessoas fisicamente juntas, mas fez também emergir um tipo de comunhão virtual, à distância. É um dos poucos artigos a reconhecer o real valor do conceito de comunhão nos estudos linguísticos e afins.

O artigo de Maria Célia Dias de Castro, “EM TEMPOS DE COVID-19: comportamentos e dinâmicas no sistema ecolinguístico via interações sócio-culturais” salienta, entre outras coisas, a mudança de comportamento, distanciamento proxêmico e linguístico causada pela irrupção da pandemia do coronavírus covid-19.

Anderson Nowogrodzki da Silva, Elza Kioko N. N. do Couto e Ricardo Sena Coutinho discutem, em “A escuta dos idosos na pandemia do coronavírus pela Análise do Discurso Ecológica e pelo Imaginário”, o medo e o sofrimento que os discursos sobre o coronavírus têm trazido para os idosos. Para tanto, coletaram depoimentos de sete pessoas entre 65 e 85 anos de idade. A maioria sofre com a pouca valorização dos idosos em nossa sociedade, mas alguns se mostram conformados.

Samuel de Sousa Silva, em seu texto “Por pretexto fora de contexto: a dinâmica das *fake news* veiculadas sobre a covid-19 em uma abordagem linguístico-ecológica”, tem por objetivo o discurso de resistência e negação ao saber da medicina atrelado ao discurso dominante de nossa época, o discurso capitalista liberal, cuja manifestação mais explícita se dá por meio dos discursos já denominados como *fake news*. Tudo isso tendo como pano de fundo a pandemia da Covid-19. As *fake news* nascem do próprio centro do poder atual.

Genis Frederico Schmaltz Neto discute, em “Pandemia espiritual”, a maneira como os diversos ecossistemas religiosos brasileiros têm colocado em crise a relação entre o ser humano e seu próprio sistema religioso. Partindo dos conceitos de religião e espiritualidade, o autor diz que a situação pandêmica pela qual passa o mundo tem

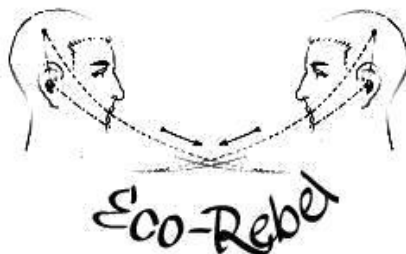
ECO-REBEL

renovado as regras de interação espirituais entre as pessoas ao mesmo tempo em que as faz ressignificar a relação entre religião e sociedade.

Este número contém ainda uma resenha do livro *A vida após a pandemia*, do Papa Francisco, feita por Tadeu Luciano Siqueira Andrade. Apesar de ser um pequeno livro (apenas 68 páginas), ele demonstra a preocupação do Papa não só com o momento atual, mas com o que virá quando a pandemia arrefecer. Revela ainda uma preocupação com o meio ambiente e com a pobreza.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, n. 3, 2020.



A COVID-19 NO BRASIL, O PRESIDENTE BOLSONARO E A REVISTA DE MEDICINA BRITÂNICA *THE LANCET*

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília/GEPL)

Resumo: O objetivo deste pequeno artigo é apresentar e discutir o Editorial da revista de medicina britânica *The Lancet* de 9 de maio de 2020. Como o Brasil está sob um desgoverno no que tange a uma coordenação das medidas contra a pandemia do coronavírus, este Editorial e os comentários a ele são uma espécie de introdução a este volume especial de *ECO-REBEL* dedicado aos discursos sobre o coronavírus. Nota-se que a revista se mostrou bastante crítica diante do fato de o atual presidente não só não coordenar o combate ao vírus, mas atrapalhar o que governadores, prefeitos e autoridades da saúde tentam fazer. O Editorial termina afirmando que se o presidente não mudar de atitude, pode ser o próximo a ser cassado.

Palavras-chave: Coronavírus; *The Lancet*; Ecolinguística; Falta de governo.

Abstract: Being a kind of introduction to this supplement of *ECO-REBEL* volume 6, number 3, 2020, the objective of this short essay is to present and discuss the Editorial of the British journal of medicine *The Lancet* of May 9, 2020, on the attitude of the Brazilian president regarding measures to be taken to fight the coronavirus. The president not only do not coordinate these measures at a national level, but is a hindrance to what provincial governors and city mayors are trying to do to cope with the pandemic. As a rule, the journal is very critical of the president's attitudes and non-attitudes. It concludes by saying that if he does not act as a real president in this ordeal he will be the next to go, i.e., to be impeached.

Key-words: Covonavirus; The Lancet; Ecolinguistics; Absence of governance.

A conceituada revista de medicina britânica *The Lancet* publicou em seu número 395 um Editorial provavelmente assinado por seu editor-chefe, Richard Horton, sobre a questão do coronavírus no Brasil e a atitude do presidente Bolsonaro relativamente à pandemia. *The Lancet* tem uma longa história. Como se vê no seu *site*, ela “é uma revista de medicina geral semanal fundada em 1823 por Thomas Wakley. Desde seu primeiro número (5 de outubro de 1823) ela tem lutado para tornar

ECO-REBEL

a ciência amplamente disponível de modo que a medicina possa servir e transformar a sociedade e impactar positivamente a vida das pessoas”. Vê-se também que “*The Lancet* evoluiu de um panfleto no século XIX para uma revista internacional de grande impacto”. Sabe-se outrossim que ela tem escritórios editoriais em Londres, New York e Pequim.

Diante do renome da revista, considere conveniente divulgar o Editorial neste número de *ECO-REBEL* dedicado à discussão dos discursos sobre a SARS-CoV-2, coronavírus (covid-19) no Brasil. Embora se trate de um pequeno texto publicado em uma revista de medicina, ele é perfeitamente adequado ao presente contexto. O que vou fazer é semelhante ao que Fritjof Capra fez com a Encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco (CAPRA, 2020). Como se trata de um texto curto (apenas cinco parágrafos), quem se interessar pela Encíclica terá acesso a ela na íntegra, pois, como se verá, reproduzirei cada um dos seus parágrafos, acompanhados de pequenos comentários. Já no primeiro parágrafo se nota um apanhado geral do problema do coronavírus no Brasil e a posição do presidente. Segundo o autor do Editorial, ele é o maior problema no combate ao vírus. Com efeito,

A pandemia do coronavírus 2019 (COVID-19) chegou à América Latina mais tarde do que em outros continentes. O primeiro caso registrado no Brasil foi em 25 de fevereiro de 2020. Mas, agora o Brasil tem o maior número de infectados e de mortes na América Latina (105.222 infectados e 7.288 mortes, em 4 de maio), número que certamente se deve a subnotificações. O que é mais preocupante é que a taxa de duplicação de mortes é estimada em 5 dias e um estudo recente pelo Imperial College (Londres, RU), que analisou a taxa de transmissão ativa de COVID-19 em 48 países, mostrou que o Brasil é o país com a maior taxa de transmissão (RO de 2.81). Grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro são no momento os principais focos, mas há preocupações e alguns sinais de que as infecções estão se locomovendo para o interior, para cidades menores com recursos inadequados em termos de centros de terapia intensiva e respiradores. Ademais, a maior ameaça a uma resposta do país à COVID-19 é o próprio presidente, Jair Bolsonaro.

Em seguida o texto entra em detalhes sobre a indiferença do presidente para com o sofrimento dos infectados e mortos, alguns mortos à míngua e a cujo enterro os parentes muitas vezes sequer puderam comparecer, sem dizer que não houve velório. Aliás, hoje (11/08/2020) o número de infectados já chegou a 3.112.393 e o de óbitos 103.099. Esse segundo parágrafo começa reproduzindo a resposta do presidente à pergunta de um repórter sobre o grande número de casos de infectados e mortos no Brasil. O texto reproduz a resposta do presidente: “E daí? O que você quer que eu faça?” Vale dizer, ele não está nem aí para tudo isso. Sua preocupação é com seu poder. Tanto que demite ministros competentes (Mandetta, Teich e Moro), só porque estavam “aparecendo demais” e/ou procediam como recomendam as autoridades de saúde, e não como ele manda, a despeito de ele ser o chefe. O parágrafo termina mostrando que o Brasil está sem rumo, pois não há exemplo moral vindo de cima.

Quando perguntado por jornalistas semana passada sobre o crescente número de casos de COVID-19, ele respondeu “E daí? O que você quer que eu faça?” Ele não só continua a criar confusão desrespeitando e desencorajando abertamente medidas de distanciamento físico e fechamento total (*lockdown*) de iniciativas de governadores de estado e prefeitos de cidades, mas também perdeu dois importantes e influentes ministros nas últimas três semanas. Primeiro, Luiz Henrique Mandetta; no dia 16 de abril, o respeitado e bem-querido Ministro da Saúde foi demitido após uma entrevista na televisão, na qual criticou duramente as ações de Bolsonaro e conclamou por unidade ou, do contrário, correr o risco de deixar 210 milhões de brasileiros extremamente confusos. Em seguida, em 24 de abril, o Ministro da Justiça Sérgio Moro, uma das figuras mais proeminentes do governo direitista e nomeado por Bolsonaro para combater a corrupção, anunciou sua renúncia, devido à demissão do chefe da Polícia Federal do Brasil por Bolsonaro. Um tal desarranjo no âmago da administração é um problema mortal no meio de uma emergência de saúde pública e um forte sinal de que a liderança do Brasil perdeu sua bússola moral, se é que já teve alguma.

ECO-REBEL

Em seguida o texto toca na questão dos problemas endêmicos do Brasil, como a pobreza, as favelas, em que as pessoas vivem amontoadas em pequenos espaços e pouco, às vezes nenhum, acesso a água limpa. Ele vai mais longe, salientando que o desgoverno de Bolsonaro inclui estímulo nem sempre velado à derrubada de árvores na floresta amazônica bem como a invasão das terras dos povos autóctones por grileiros, terminando com o alerta do conhecido fotógrafo Sebastião Salgado sobre um iminente genocídio.

Mesmo sem o vácuo de ações políticas no nível federal, o Brasil teria muita dificuldade para combater a COVID-19. Cerca de 13 milhões de brasileiros vivem em favelas, frequentemente com mais de três pessoas por cômodo e com pouco acesso a água limpa. O distanciamento físico e as recomendações de higiene são praticamente impossíveis de ser seguidas nesses ambientes – muitas favelas tomaram por conta própria as melhores medidas possíveis. O Brasil tem um grande setor de empregos informais, com nenhuma opção de fontes de rendimento. A população indígena tem sido submetida a severas ameaças de irrupção de COVID-19 porque o governo tem ignorado ou até mesmo encorajado a mineração e o corte de madeiras ilegais na floresta amazônica. Esses madeireiros e mineradores estão agora provocando o risco de nova doença a populações remotas. Uma carta aberta de uma coalizão global de artistas, celebridades, cientistas e intelectuais, de 3 de maio, liderada pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, adverte sobre um iminente genocídio.

A seguir o Editorial lembra os protestos das associações de classe e científicas. Menciona também os painéis que têm acontecido em todo o Brasil durante os pronunciamentos do presidente na televisão. Diz que há muita pesquisa, muito conhecimento já adquirido, mas o presidente ignora tudo isso.

O que estão fazendo a comunidade de saúde e científica e a sociedade civil em um país conhecido por seu ativismo e clara oposição à injustiça e inequidade, além de ter a saúde como um direito constitucional? Muitas organizações científicas, tais como a Academia Brasileira de Ciências e ABRASCO, têm se oposto firmemente a Bolsonaro por causa de duros cortes no orçamento para a ciência e um desmantelamento geral da seguridade social e serviços públicos. No contexto da COVID-19, muitas organizações têm lançado manifestos direcionados ao público, como o Pacto pela Vida e pelo Brasil, e feito declarações escritas e apelos aos membros do governo clamando por unidade e soluções em conjunto. Painéis de janelas como protesto durante pronunciamentos presidenciais acontecem com muita frequência. Há muita pesquisa em andamento, da ciência básica à epidemiologia, e há uma dinâmica produção de equipamento de proteção pessoal, respiradores e kits para exames.

O Editorial termina ressaltando que as ações dos cientistas e das organizações civis são importantes e bem-vindas; elas representam algum vislumbre de esperança para os brasileiros, a despeito do presidente. O texto termina com algo que lembra o Velho do Restelo, dos *Lusíadas* de Camões, mesmo que ao reverso. Se o presidente não mudar sua atitude, poderá ser o próximo a ser defenestrado, talvez lembrando a cassação de Fernando Collor e de Dilma Rousseff.

Estas são ações alvissareiras. No entanto, liderança no nível mais alto do governo é crucial para contornar o pior momento desta epidemia, como se pode ver em outros países. Em nossa série Brasil 2009, os autores concluíram: “O desafio é no final das contas político, exigindo um engajamento contínuo da sociedade brasileira como um todo a fim de assegurar o direito à saúde para todos os brasileiros”. O Brasil como país precisa se unir para dar uma clara resposta ao “E daí?” de seu presidente. Este precisa mudar de curso drasticamente ou será o próximo a ir embora. *The Lancet*, volume 395, 09/05/2020: www.thelancet.com

O Editorial toca nos principais pontos do discurso escatológico de Bolsonaro: um discurso egocêntrico e egoísta, para dizer o menos. Sua indiferença relativamente ao sofrimento e às mortes causadas pela covid-19 mostra que ele é uma pessoa preocupada apenas com seu poder, o que

ECO-REBEL

compreende uma proteção a seus filhos a fim de não serem punidos pelos crimes e atos de corrupção de que estão sendo denunciados.

Por ocasião de uma de suas participações em manifestações na Esplanada dos Ministérios defendendo o fechamento do Congresso, do STF e conclamando por uma ditadura militar sob o seu comando, Bolsonaro tentou se justificar asseverando: “Eu já estou no Poder. Já sou o presidente da República. Então, estou conspirando contra quem, meu Deus do céu?” (*Correio Braziliense*, 20/04/2020). Ele pensa que os brasileiros são mentecaptos, incapazes de ler a essência do que está por trás da aparência de seu discurso virulento. Ele é presidente, sim, mas tem que conviver com a democracia, com um Poder Legislativo e um Poder Judiciário funcionando, bem ou mal. O que ele não diz, mas todos nós sabemos, é que gostaria de fazer aquilo que está sendo solicitado nos cartazes dos eventos de que ele participou, entre outras coisas, “Intervenção militar com Bolsonaro” (Globo.com:G1, 03/05/2020). Tanto que seu filho Eduardo disse que “se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta. E uma resposta pode ser via um novo AI-5” (G1, 31/10/2019). Sete meses mais tarde, o mesmo Eduardo voltou a ameaçar, dizendo que a questão “não é mais uma opinião de ‘se’, mas de ‘quando’ ocorrerá momento de ruptura” (G1, 28/05/2020). Para bom entendedor, essa ruptura é uma ditadura militar, como acaba de ser visto. Com isso, fechar-se-ia o Congresso e o STF, ficando o clã do Gabinete do Ódio, segundo se diz, aliado a milícias no Rio de Janeiro, com o poder absoluto.

Como se pode ver, o discurso e as ações do presidente Bolsonaro vão na contramão de tudo aquilo que a Análise do Discurso Ecosistêmica defende. Como ela tem como princípio primeiro a defesa da vida, que compreende luta contra o sofrimento evitável, seus seguidores propugnam por uma harmonia, para que haja comunhão e os inevitáveis conflitos da vida sejam resolvidos sem violência, como se pode ver em Silva (2020) e Silva (2021, *a sair*). O discurso bolsonarista, que inclui o de seus filhos, é agressivo, beligerante, vê inimigos por todo lado. A tal ponto que seu filho Eduardo Bolsonaro disse que “Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo” (AgênciaBrasil, 21/10/18). Nota-se até mesmo um tom de deboche em sua atrevida afirmação.

Pelo que se vê, parece que o clã Bolsonaro e seguidores ainda não perceberam que mais de 75% dos brasileiros não querem saber de ditadura. Esse clã está deslumbrado com o poder e pensa como o monarca francês Luís XIV, que disse: *l'état c'est moi* (o estado sou eu). Se alguém considera esta comparação absurda, o próprio Bolsonaro-pai disse: “Eu sou a Constituição” (*Folha de São Paulo*, 20/04/2020), um dia após sua participação em manifestação antidemocracia e pró-golpe. Hitler também disse algo semelhante: “Der Führer ist die Partei; die Partei ist der Führer (O Führer é o partido; o partido é o Führer). Os nazifascistas sempre se assemelham.

Diante de tudo isso e de tudo que se pode ler nos artigos de Márcio Silva recém-mencionados, o último período do texto do Editorial é emblemático: “Ele precisa mudar de curso drasticamente ou será o próximo a ir embora”, ou seja, ser destituído do poder. Só não pensa assim a minoria fanática, fundamentalista, devota de são bolsonaro, como, de novo, se pode ver naqueles artigos.

A dissintonia do presidente com o que nos mostra a ciência na luta contra o coronavírus culminou com um “protocolo” para uso da cloroquina no tratamento dele. De acordo com a conhecida afoiteza e açodamento do presidente, esse protocolo fora divulgado “sem nenhuma assinatura”. Como isso pegou mal, o Ministério da Saúde o reapresentou, e desta vez, “de acordo com a nota da pasta, houve envolvimento de todas as secretarias na elaboração do protocolo e a assinatura foi feita na quarta-feira (20/5)”. Foram sete assinaturas, todas elas de secretários de ministérios do governo, logo, subordinados ao talante de Bolsonaro. Não há a assinatura de nenhuma autoridade científica independente do governo (*Correio Braziliense*, 22/05/2020). Enfim, é difícil entender a obsessão do presidente pela

ECO-REBEL

cloroquina, assim como sua obsessão e paranoia contra as esquerdas, o socialismo e o comunismo. Aliás, ele nem sabe que este último sequer existe mais nos dias de hoje.

Contrapondo-se a isso, um outro número de *The Lancet* publicou um artigo sobre a cloroquina, que diz logo no primeiro parágrafo que “a hidroxicloroquina ou cloroquina estão sendo largamente usados no tratamento da covid-19, amiúde em combinação com o macrólido de primeira geração, a despeito de não haver nenhuma evidência conclusiva sobre seu benefício. Ela pode até ser eficaz no tratamento de forma segura quando usada para indicações aprovadas, como doença autoimune ou malária, mas a segurança e o benefício desses regimes de tratamento ainda estão muito pouco avaliados no caso da covid-19” (MEHRA et al. 2020). É bem verdade que “o estudo do *The Lancet* foi retirado (despublicado) na quinta-feira [03/06/2020] depois que seus autores disseram não ter certeza sobre os dados”*. No entanto, cientistas britânicos consideraram a hidroxicloroquina inútil para o tratamento da covid-19. Um dos cientistas chegou a dizer que “isto não é um tratamento para covid-19. Não funciona” (Reuters, 05/06/2020).

Segundo o jornal *El país* de 25/05/2020, “A Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou nesta segunda-feira a suspensão ‘temporária’ de ensaios clínicos internacionais com hidroxicloroquina por ‘precaução’, após esta publicação na revista médica *The Lancet* de uma pesquisa que questiona a eficácia e alerta para os efeitos contraproducentes deste medicamento, criado inicialmente para a malária e popularizado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que reconheceu que o usa. A decisão, anunciada à tarde em uma conferência internacional do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, implica a paralisação dos testes no âmbito do combate à covid-19”. Enfim, a Food and Drug Administration (FDA) americana revogou a autorização para uso de cloroquina e hidroxicloroquina em caráter emergencial em pacientes de covid-19.

Diante de tudo isso, não dá para entender a obsessão do presidente pelo uso de um medicamento cuja eficácia no tratamento da covid-19 não está cientificamente comprovada. Mas, como ele, a despeito de leigo, quer que ela seja usada e como quem manda é ele, chegou a fazer deboche sobre seu uso. Em uma *live* nas redes sociais ele disse que o uso é “facultativo”, portanto, “quem é de direita toma cloroquina; quem é de esquerda, tubaína” (UOL, 20/05/2020). A propósito, o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, demitido por Bolsonaro por não aceitar que ele faça valer sua vontade contra os ensinamentos da ciência, ironizou a fala, dizendo: “quem é de direita usa cloroquina. Quem é de esquerda, tubaína. E quem é de juízo, escuta a medicina” (*Estado de Minas*, 20/05/2020). Mas, isso é muito sutil para o entendimento do tosco presidente.

Nota

*Para uma discussão sobre essa retratação (despublicação), ver o *Boletín SciELO-Mexico* (06/06/2020), com a reprodução de um artigo, em inglês e espanhol, de James Heathers (Northeastern University, Boston MA, especialista em metodologia de biossinal e metaciência), publicado no jornal *The Guardian* de 05/06/2020. A discussão é bastante atual, pois mostra as mazelas causadas pela pressão para se publicar em grande quantidade. Alguém já chegou a dizer que hoje existem mais autores do que leitores.

ECO-REBEL

Referências

CAPRA, Fritjof. Laudato Si – A ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, p. 5-17, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32662/26617>

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6 n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

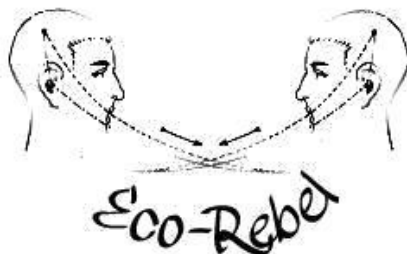
_____. Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela análise do discurso ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 7, n. 1, 2021 (*a sair*).

MEHRA, Mandeep R.; DESAI, Sapan S.; RUSCHITZKA, Frank; PATEL, Amit N. Hydroxychloroquine or chloroquine with or without a macrolide for treatment of COVID-19: a multinational registry analysis. *The lancet*, 22/05/2020.

[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31180-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31180-6)

Aceito em 29/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



A NATUREZA DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE ECOLINGUÍSTICA CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DO MEIO AMBIENTE EM TEXTOS SOBRE O CORONAVÍRUS

Lorena Araújo de Oliveira Borges (Universidade Federal de Alagoas)

Resumo: Fundamentado na abordagem teórico-metodológica proposta pela Ecolinguística Crítica (STIBBE, 2014; 2015), este estudo busca investigar como o meio ambiente vem sendo representado discursivamente em textos que abordam a questão da pandemia causada pelo coronavírus. Para tanto, analisa três textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e publicados entre março e maio de 2020, focando na investigação da categoria *apagamento discursivo* (STIBBE, 2014; 2015). A análise discursiva dos textos produzidos pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU), considerada uma autoridade global quando o assunto é meio ambiente, indica que a Natureza é frequentemente submetida a um apagamento de tipo *traço* (trace), figurando apenas como um reservatório natural que está a serviço da humanidade.

Palavras-chave: Meio ambiente; Coronavírus; Ecolinguística Crítica; Discurso; Apagamento discursivo.

Abstract: Based upon the theoretical-methodological approach proposed by Critical Ecolinguistics (STIBBE, 2014; 2015), this study seeks to investigate how the environment has been represented discursively in texts that address the issue of the corona virus pandemic. To this end, it analyzes three texts produced by the United Nations Environment Program (UNEP) and published between March and May 2020, focusing on the investigation of the category *discursive erasure* (STIBBE, 2014; 2015). The discursive analysis of the texts produced by the United Nations (UN) agency, considered a global authority when it comes do the environment, indicates that Nature is frequently subject to the trace type erasure, appearing only as a natural reservoir that is at the service of humanity.

Keywords: Environment; Coronavirus; Critical Ecolinguistics; Discourse; Discursive Erasure.

Introdução

O ano de 2020 trouxe uma catástrofe de proporções mundiais para a humanidade. A disseminação da Covid-19, doença causada por um novo tipo de coronavírus que surgiu na China, no final de 2019, colapsou o sistema de saúde de muitos países ao redor do mundo em questão de semanas e levou milhares de pessoas à morte. Entretanto, mais que uma questão de saúde, essa pandemia também tem sido considerada uma questão ecológica, que traz à tona toda uma discussão acerca da maneira como nós, seres humanos, estamos nos relacionando com as diferentes espécies de animais e com a Natureza. Isso porque tanto essa quanto várias outras doenças endêmicas têm surgido devido ao desmatamento de diferentes ecossistemas e à constante interação entre humanos e animais, sejam estes domesticados, criados em larga escala para a alimentação humana – porcos, cavalos, aves, camelos, etc. –, ou silvestres, consumidos ou comercializados legalmente ou ilegalmente em diversos países.

Atento a essa perspectiva, o presente trabalho busca investigar como a Natureza está sendo representada discursivamente em textos que abordam questões relacionadas ao coronavírus. Para tanto, analisaremos três textos publicados pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). A investigação proposta aqui se fundamenta no arcabouço teórico-metodológico desenvolvido pela Ecolinguística Crítica (STIBBE, 2015), vertente da Ecolinguística que busca analisar criticamente diferentes discursos – ambientalistas, científicos, econômicos, etc. – de modo a elucidar se os sentidos que eles produzem contribuem ou não para a destruição do meio ambiente, e foca na análise da categoria *apagamento discursivo* (STIBBE, 2014).

Este artigo encontra-se dividido em quatro seções. Na primeira, apresentarei os fundamentos teóricos da Ecolinguística Crítica e como essa disciplina se enquadra nos Estudos Críticos do Discurso. A segunda seção discutirá a questão do apagamento discursivo e as diferentes maneiras como ele pode ocorrer nos textos. A terceira seção focará na análise da categoria *apagamento discursivo*, mostrando como o meio ambiente está sendo representado em textos que abordam a pandemia causada pelo novo coronavírus. Por fim, apresentarei como as representações veiculadas pelos discursos analisados se encaixam na ecosofia que fundamenta esta investigação.

1 Ecolinguística Crítica

A Ecolinguística é um ramo da Ecologia que se propõe a estudar os ecossistemas linguísticos (COUTO, 2007). Para tanto, essa abordagem teórica assume a língua como um feixe de interações estabelecidas com o mundo e entre os membros de uma comunidade. Língua, aqui, não deve ser encarada como uma “coisa”, reificada, um meio utilizado para alcançar um fim específico. A língua é interação por excelência, é a comunicação verbal que se estabelece entre os indivíduos (COUTO, 2013). Trata-se de uma realidade biopsicossocial, uma vez que envolve aspectos mentais, sociais e naturais. Essa percepção, caudatária de uma virada ecológica que acometeu as ciências sociais na segunda metade do século XX (PENA-VEGA, 2005), deu origem a diferentes subáreas de estudo, como a Ecologia das Línguas, a Etnoecologia Linguística, a Linguística Ecológica, entre outras.

Uma das vertentes tem se destacado nesse campo de estudos é a Ecolinguística Crítica, doravante EC, que busca analisar criticamente diferentes discursos – ambientalistas, científicos, econômicos, etc. – de modo a elucidar se os sentidos que eles produzem contribuem ou não para a destruição do meio ambiente. O foco da EC não está necessariamente em discursos que abordam o meio ambiente diretamente, mas sobre “[...] o *impacto* que os discursos têm sobre os sistemas que suportam a vida” (STIBBE, 2014, p. 585, tradução nossa), de modo que, a princípio, qualquer discurso poderia ser analisado. Vinculada também aos Estudos Críticos do Discurso, a EC reconhece que a língua está atrelada a uma sociedade, mas entende que a linguística dominante falhou em reconhecer a inscrição dos seres humanos em sistemas naturais mais amplos que sustentam a vida, isto é, “as complexas interações entre humanos, plantas, animais e o meio ambiente natural” (STIBBE, 2014, p. 594, tradução nossa).

No seio da EC, o discurso deve ser entendido como “maneiras padronizadas pelas quais grupos específicos da sociedade usam a língua, as imagens e outras formas de representação” (STIBBE, 2015, p. 22, tradução nossa). Esse uso implica a seleção de vocabulário, escolhas gramaticais e todos os outros aspectos linguísticos e semióticos que são mobilizados para se contar uma história particular sobre o mundo. Essas histórias não devem ser entendidas como meras descrições transparentes da realidade, mas são moldadas por diferentes percepções acerca da realidade, o que significa que diferentes grupos de indivíduos constroem diferentes versões da realidade. Ainda que ampla, essa noção de discurso dialoga com outras concepções desenvolvidas

ECO-REBEL

no seio dos Estudos Críticos do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; LOCKE, 2004; VAN DIJK, 2011; KRESS, 2010; cf. STIBBE, 2015).

Ao analisar os discursos, a EC busca elucidar quais são as histórias que fundamentam o nosso viver, questionando e desafiando o que está dado como certo, de modo a compreender se “essas histórias estão funcionando nas condições atuais do mundo ou precisamos procurar novas histórias?” (STIBBE, 2015, p. 10, tradução nossa). Essas histórias que subjazem os discursos são chamadas pela EC de *ideologias*, “sistemas de crenças sobre como o mundo foi, é, será ou deveria ser que são compartilhados por membros de grupos específicos da sociedade” (STIBBE, 2015, p. 23, tradução nossa). As ideologias não necessariamente ficam restritas aos grupos que as criaram; elas podem se espalhar entre os indivíduos de uma sociedade e configurar a maneira como eles pensam sobre um aspecto específico da vida.

Para desvelar as ideologias que escamoteiam relações problemáticas entre os seres humanos e o meio ambiente, Stibbe (2015) aponta que é necessário, primeiramente, estabelecer uma ética particular a partir da qual a análise será realizada, uma *ecosofia*. Cada pesquisador deve delimitar a sua ecosofia de acordo com seus valores e prioridades, entretanto, no seio da EC, todas as ecosofias propostas devem considerar as inter-relações que os humanos estabelecem com outros organismos e com o meio ambiente natural. Outra característica fundamental de uma ecosofia é que ela deve ser parcial e incompleta, sempre aberta às alterações que se mostrarem necessárias. “Embora as ecosofias sejam fundamentalmente uma declaração de valores e pressupostos, elas também precisam ser baseadas em evidências e adaptadas à medida que novas evidências surgem” (STIBBE, 2015, p. 15, tradução nossa).

Nesse sentido, a presente investigação se fundamenta na *ecosofia* proposta por Stibbe (2015), que pode ser resumida pela seguinte expressão: *Viva!* O ponto de exclamação é proposital e indica que a vida deve ser valorizada, comemorada, respeitada e afirmada. Este anúncio de valor baseia-se na percepção de que os seres valorizam suas vidas e fazem o que podem para continuar vivendo. É importante destacar que *Viva!* não é o mesmo que ‘estar vivo’, pois existem diversas condições que reduzem a possibilidade de se valorizar a vida, como a exploração extrema, algo frequente na produção de animais para consumo, por exemplo. Assim, essa ecosofia não se fundamenta no viver apenas no sentido da sobrevivência – estar vivo –, mas no sentido de viver bem.

ECO-REBEL

Apesar de assumir o respeito pela vida de todas as espécies como sua idéia central, essa proposta também entende que a vida implica a morte. Esta deve ser tratada com empatia, arrependimento e gratidão e não com construtos morais que consideram aqueles que foram prejudicados pela ação humana como inferiores, inúteis ou recursos infindáveis. Como Naess e Sessions (1984) deixam explícito em sua ecosofia – a Ecologia Profunda –, a vida não humana tem valor em si mesma e esse valor é independente da utilidade que ela possua para os propósitos humanos.

O escopo temporal desse *Viva!* não deve se limitar apenas ao presente, mas incluir a capacidade de se viver bem também no futuro, garantindo o mesmo às próximas gerações. Nesse sentido, torna-se imprescindível diminuirmos o consumo humano, pois se este exceder a capacidade dos recursos naturais, os sistemas ecológicos que sustentam a vida e o viver dificilmente serão capazes de fazê-lo no futuro. Essa diminuição no consumo deve ser acompanhada por uma distribuição mais justa dos recursos naturais, de modo a garantir a vida e o bem estar de todos. A concentração dos recursos à disposição nas mãos de poucos indivíduos apenas perpetuará a lógica atual, na qual a maior parte das pessoas ao redor do mundo não tem o mínimo necessário para sobreviver.

Para finalizar, Stibbe (2015) aponta que a destruição ecológica significativa já está em curso há bastante tempo, de modo que a humanidade já sente os efeitos da mesma e deverá se adaptar às mudanças ambientais mais bruscas que estão por vir, atuando com resiliência e encontrando novas formas de sociedade à medida que as formas atuais ainda se desenrolam. Como é possível perceber, este último ponto da ecosofia proposta por Stibbe (2015) dialoga sobremaneira com o contexto atual que estamos vivendo, quando a pandemia causada pelo novo coronavírus começa a demandar novos formatos de atuação política e social.

Elucidadas as escolhas éticas que fundamentam a presente investigação, nosso esforço agora se volta para tecer uma crítica sobre os modos como a linguagem está sendo usada para a criação e a manutenção de *histórias* que escamoteiam relações predatórias entre humanos e meio ambiente. Nossa análise não busca verificar se um discurso é verdadeiro ou não, mas se ele encoraja as pessoas a cuidarem ou a destruírem os ecossistemas que suportam a vida, ou seja, verificar se ela é compatível com a ecosofia apresentada anteriormente ou se trabalha contra ela. Diante dessa perspectiva, Stibbe (2015) aponta que um discurso pode ser categorizado de três maneiras distintas: destrutivo, ambivalente e benéfico.

ECO-REBEL

Os discursos destrutivos são aqueles que coadunam com ideologias que atuam em prol da destruição ecológica, caso do discurso do agronegócio ou do discurso político sobre meio ambiente em diversos países. Os discursos ambivalentes são aqueles que até têm o objetivo de elucidar problemas ecológicos, mas acabam sendo influenciados por interesses políticos ou comerciais que atuam no sentido contrário. Esse é o caso dos discursos *ecologicamente corretos* de muitas empresas, quando estas afirmam ter ações sustentáveis, mas degradam o meio ambiente com seus processos de produção. Por fim, temos os discursos benéficos, aqueles que transmitem ideologias que incentivam ativamente as pessoas a protegerem os sistemas que sustentam a vida.

É importante destacar que todos esses discursos possuem um papel relevante nos embates (contra-)hegemônicos que buscam determinar o que deve ser valorizado ou não em nossa sociedade. Isso ocorre porque,

[q]uando discursos diferentes entram em conflito e discursos particulares são contestados, o que é centralmente contestado é o poder desses sistemas semânticos pré-construídos de gerar visões particulares de mundo que podem ter poder performativo para sustentar ou refazer o mundo à sua imagem, por assim dizer (FAIRCLOUGH, 2003, 130, tradução nossa).

Exatamente por isso os Estudos Críticos do Discurso buscam compreender como os sentidos são produzidos nas relações sociais, como eles se manifestam linguisticamente e que relações de poder eles (des)legitimam. Para tanto, torna-se necessário considerar não apenas o que está aparente no texto, mas também os elementos que são apagados, uma vez que eles exercem um papel relevante na construção das visões de mundo que são validadas (ou não) por meio dos discursos, conforme veremos na próxima seção.

2 O apagamento discursivo

Conforme apontado anteriormente, os discursos, para a EC, são entendidos como maneiras padronizadas de usar diferentes formas de representação. Nesse sentido, eles são sempre parciais, pois ressaltam aspectos do mundo que são de interesse dos grupos que os produzem e deixam de fora uma série de outras representações com as quais esses grupos não coadunam. Esse apagamento é parte constitutiva dos discursos e, segundo Stibbe (2014), indica a falta de algo importante, algo que está presente na realidade, mas que é deliberadamente negligenciado ou ignorado em um discurso particular, sendo, assim, apagado da nossa consciência. Um bom

ECO-REBEL

exemplo desse processo é a constante invisibilização da Natureza nos discursos que estruturam as sociedades industriais contemporâneas.

Para ser reconhecido enquanto tal, o apagamento discursivo precisa articular quatro elementos relevantes (STIBBE, 2014, p. 588): i) uma área da vida social, como a economia; ii) um discurso, ou seja, uma maneira particular de falar sobre o mundo dentro dessa área social; iii) algo importante que esteja completamente ausente da visão de mundo apresentada ou que esteja presente, mas apenas como um traço fraco ou de forma distorcida; iv) um ator social que declara que *algo importante* foi apagado. O apagamento, assim, só ganha importância no discurso quando ele é elucidado por meio de sua contraparte, a *rememoração*.

A rememoração é um ato linguístico em que um ator examina o universo de elementos que foram excluídos de um discurso particular, declara que um desses elementos é importante, que os discursos o estão ‘apagando’ da consciência e exige que o discurso o traga de volta à mente (STIBBE, 2014, p. 586, tradução nossa).

É importante destacar também que o apagamento não se fundamenta apenas no binômio *ou aparece ou não aparece*, mas pode ocorrer em um espectro que vai desde a ausência completa de um elemento até construções discursivas que apresentam apenas traços abstratos dele (STIBBE, 2014). Diante dessa percepção, Stibbe (2014) propõe um modelo de análise do apagamento discursivo composto por três categorias: *o vazio (the void)*, *a máscara (the mask)* e *o traço (the trace)*.

No primeiro apagamento, *o vazio*, o mundo natural é completamente omitido do discurso e nenhum traço dele pode ser recobrado pelo leitor/ouvinte. Esse tipo de apagamento é muito frequente em discursos econômicos que fomentam a questão da máxima produtividade, mas desconsideram completamente o fato de que os recursos naturais à nossa disposição são finitos. Conforme Stibbe (2014, p. 589, tradução nossa) aponta, isso pode ter efeitos catastróficos para a Natureza, pois “[s]e os sistemas ecológicos que sustentam a vida são apagados do discurso econômico, eles não podem ser levados em consideração nas decisões econômicas”. Um recurso léxico-gramatical bastante utilizado nesse tipo de apagamento é a nominalização, que escamoteia os participantes de um determinado processo.

O segundo tipo de apagamento, chamado de *a máscara*, ocorre quando o mundo natural é tratado discursivamente de forma distorcida, como um conjunto de objetos, sendo privado da vida e da capacidade de interação que lhe é intrínseca. Trata-se, portanto, de uma representação

distorcida dos animais e da natureza. Esse tipo de apagamento pode ser mapeado, por exemplo, nos discursos relativos à produção intensiva de animais para o abate, que tratam esses seres como se eles não sentissem dor ou medo, como se fossem meramente um produto a ser consumido. “De modo geral, a criação de máscaras ajuda aqueles envolvidos na destruição a se distanciarem dos impactos causados por eles no bem estar de animais e do meio ambiente, focando apenas em aspectos econômicos” (STIBBE, 2014, p. 592, tradução nossa). Dentre os recursos léxico-gramaticais utilizados para construir *máscaras* discursivas estão as metáforas e a seleção lexical. Neste último caso, o falante/escritor se refere a seres vivos mobilizando um vocabulário que seria tipicamente utilizado para se falar de objetos.

Por fim, o terceiro tipo de apagamento apontado por Stibbe (2014) é o *traço*, que ocorre quando o discurso, ao representar o mundo natural, o faz de maneira obscura, revelando apenas um traço fraco do mesmo. O mundo natural ainda está presente, mas aparece em termos abstratos, como *fauna* ou *flora*, *biodiversidade* ou *organismos vivos*.

A questão é se o discurso representa uma imagem dos seres humanos como parte de um mundo vivo repleto de diversidade de animais e plantas, ou um mundo solitário, onde os seres humanos são cercados apenas por *capital natural*, *estoque biológico* e *biomassa*; por árvores ou *metros cúbicos de madeiras* (STIBBE, 2008, p. 594, tradução nossa).

Um recurso léxico-gramatical bastante frequente nesse tipo de apagamento é a relação hiponímia/hiperonímia, por meio da qual o falante/escritor estabelece uma relação entre palavras de sentido mais específico e palavras de sentido mais genérico que possuem traços semânticos em comum com aquelas.

3 A Natureza apagada

A matriz discursiva analisada no presente artigo é composta por três reportagens publicadas pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) entre os meses de março e maio de 2020 (cf. Anexo). Os textos em questão foram retirados de um *corpus* mais amplo, composto por todos os textos produzidos pelo PNUMA sobre o coronavírus, dentre reportagens, entrevistas e relatórios. O interesse da presente investigação nessa agência do sistema das Nações Unidas (ONU) se justifica pelo fato de ela ser considerada uma autoridade global quando se trata do meio ambiente, possuindo a responsabilidade de promover e conservar o meio ambiente (ONU, 2020). Desse modo, é possível assumir que os textos produzidos por ela veiculam um discurso hegemônico sobre a Natureza

ECO-REBEL

que potencialmente molda como cientistas, formuladores de políticas e governos entendem e respondem às questões ambientais no contexto atual.

Os textos analisados possuem os seguintes títulos e datas de publicação: (T1) *Surto de coronavírus é reflexo da degradação ambiental, afirma PNUMA*, publicado em 03 de março de 2020¹; (T2) *6 fatos sobre coronavírus e meio ambiente*, publicado em 08 de abril de 2020²; e (T3) *Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos*, publicado em 22 de maio de 2020³. Neles, é possível encontrar uma gama de termos mobilizados para se referir tanto aos animais quanto à Natureza, conforme é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1. Termos que se referem aos animais e ao meio ambiente

animais	animais, rebanhos, morcegos, animal doméstico, gatos domésticos, dromedários, animais silvestres, vida selvagem, espécies invasoras, aves, suinocultura ⁴ , animais selvagens, mamíferos, bichos, espécies, aves aquáticas, pecuária intensiva, produtos de origem animal
Natureza	natureza, habitats selvagens, habitats degradados, ecossistema, habitats, meio ambiente, florestas, biodiversidade, diversidade biológica, espaços naturais, plantas, terra, ‘terras agrícolas’, planeta

No caso dos animais, são mobilizados termos genéricos que, apesar de estabelecerem relações semânticas que deixam explícitas a dinamicidade e vivacidade desses seres vivos, quando colocados em relação com termos que os representam como um produto – *suinocultura, rebanho, pecuária intensiva* – constroem uma relação de hiperonímia que representa esses seres como *objetos de consumo*. Quanto aos termos selecionados para se referir à Natureza, Stibbe (2015) esclarece que palavras como *ecossistema, habitats, biodiversidade*, apesar de estabelecerem relações semânticas que explicitam a vivacidade dessas entidades, são altamente abstratas. Desse modo, elas invisibilizam toda a profusão de seres que fazem parte da natureza e impedem os interlocutores do texto de referenciar o que seria de fato esse *meio ambiente*.

¹ Disponível em: <<https://bityli.com/t2Rhj>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

² Disponível em: <<https://bityli.com/3xd59>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

³ Disponível em: <<https://bityli.com/BeUiM>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

⁴ O termo *suinocultura* aparece no período “o *Vírus Nipah* surgiu devido à *intensificação da suinocultura*” (T2). Uma vez que a oração utiliza a nominalização *intensificação*, que apaga o autor do processo *intensificar*, os sentidos construídos remetem para a culpabilização dos porcos como agentes transmissores de um vírus para os seres humanos. Nesse sentido, o termo foi classificado como uma das maneiras utilizadas para se referir aos animais.

ECO-REBEL

A Natureza, nos textos analisados, é apresentada ao nosso conhecimento apenas como uma massa amorfa que não possui integração com a humanidade. Isso fica ainda mais claro quando ela é colocada em uma relação de oposição com as *terras agrícolas* no excerto [1].

[1] Nós destruímos florestas e outros ecossistemas naturais para criar espaços para áreas urbanas, assentamentos, *terras agrícolas* e indústrias (T3).

Estabelece-se, assim, uma oposição entre *terras produtivas* e *terras preserváveis*, como se aquelas não integrassem a Natureza e estivessem apenas à serviço da humanidade e estas precisassem ser preservadas, mesmo sem possuírem um valor econômico agregado a elas.

Conforme apontado anteriormente, o uso de hiperônimos nos remete para um apagamento do tipo *traço*, em que o referente está presente no texto, mas apenas como um traço fraco de si mesmo, sendo representado por meio de termos abstratos ou genéricos. Esse processo acaba por representar a diversidade dos seres vivos como um *capital natural* valorado a partir da relação que ele estabelece com a humanidade, ou seja, pela utilização que esta pode fazer dele. Além do uso frequente de hiperônimos para se referir ao meio ambiente e aos animais, o apagamento de tipo traço também pode ser corroborado pelo uso de outros recursos semióticos, conforme veremos a seguir.

a) antítese homem vs. natureza

Outro traço linguístico mobilizado pelos textos produzidos pela agência internacional da ONU que contribui para o apagamento de tipo traço é a antítese entre o homem e a natureza, como se eles integrassem sistemas distintos. Esse recurso léxico-gramatical pode ser observado em orações como:

[2] A perda contínua dos espaços naturais nos aproximou demasiadamente de animais e plantas que abrigam doenças que podem ser transmitidas para os seres humanos (T2).

[3] Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos (T3).

Percebam como, nos textos analisados, humanidade e natureza se interconectam, mas não se misturam. O apagamento de tipo traço, aqui, ocorre por meio da distinção *nós* e *eles*, em que a natureza é tratada como o *nosso* outro, isto é, aquilo que não somos. Desse modo, induzimos mudanças no meio ambiente, alteramos ecossistemas, degradamos barreiras de proteção natural

ECO-REBEL

como se estivéssemos à parte desse sistema ecológico, apenas nos utilizando dele. Essa distinção humano/natureza fica ainda mais explícita pelo uso da palavra *zoonose*:

- [4] Os coronavírus são zoonóticos, o que significa que são transmitidos de animais para pessoas (T1).
- [5] Você sabia que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças infecciosas *emergentes* são zoonóticas, ou seja, transmitidas através de animais? (T2)
- [6] O coronavírus (COVID-19) é uma doença zoonótica transmitida entre animais e seres humanos (T3).

De acordo com os significados apresentados nas orações [4], [5] e [6], a palavra *zoonose* indica uma doença transmitida de animais para humanos. Por si só, esse termo escamoteia o fato de que os humanos são, eles mesmos, animais. Enquanto patógenos que surgem aleatoriamente na Natureza, os vírus são transmitidos entre diferentes espécies, de modo que podem migrar de plantas para animais e destes entre si – humanos inclusos. Ao longo das últimas décadas, os humanos têm estado cada vez mais suscetíveis ao contágio por diferentes vírus devido à constante interação que eles estabelecem com diferentes espécies de animais e plantas, seja para escravizá-las, seja para consumi-las.

b) a descaracterização da Natureza

Outra maneira como o apagamento de tipo traço se dá nos textos analisados é por meio da descaracterização da Natureza, representada não como uma entidade que possui valor em si mesma, mas como uma entidade que está a serviço da humanidade, como indicam os excertos [7], [8] e [9]:

- [7] A natureza fornece comida, remédios, água, ar e muitos outros benefícios que permitem às pessoas prosperarem (T1).
- [8] A integridade do ecossistema também ajuda a controlar as doenças, apoiando a diversidade biológica e dificultando a disseminação, a ampliação e a dominação dos patógenos (T2).
- [9] Enfrentar a nova pandemia de coronavírus (COVID-19) e nos proteger das futuras ameaças globais requer o gerenciamento correto de resíduos médicos e químicos perigosos, a administração consistente e global da natureza e da biodiversidade e o comprometimento com a reconstrução da sociedade, criando empregos verdes e facilitando a transição para uma economia neutra em carbono (T2).

Apartado da Natureza, o ser humano busca nela benefícios que o permitam prosperar. Para tanto, ele precisa *administrar* tanto a natureza quanto a biodiversidade que a constitui. Administrar

ECO-REBEL

a Natureza de forma consistente implica destruir determinadas áreas para o plantio e a construção de áreas urbanas e preservar outras áreas para que a *proteção* que ela nos garante seja mantida.

Enquanto a Natureza é representada como uma protetora da humanidade, os animais são nossos algozes, os disseminadores das pandemias que matam milhares de pessoas. Assim, os animais que são especificados nos textos analisados – *morcegos*, *dromedários*, *gatos domésticos* – aparecem apenas para serem apontados como os culpados pelo contágio dos seres humanos pelo coronavírus, como pode ser verificado nos excertos a seguir:

- [9] Segundo a OMS, os *morcegos* são os mais prováveis transmissores do COVID-19 (T1).
[10] Estudos anteriores constataram que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, em inglês) foi transmitida de *gatos domésticos* para seres humanos, enquanto a Síndrome Respiratória do Oriente Médio passou de *dromedários* para humanos (T1).

A representação mais vívida desses animais como os responsáveis pela disseminação do coronavírus entre humanos tem sido reiterada por manchetes jornalísticas em diversos países ao redor do mundo, trazendo consequências devastadoras para esses seres, como é possível verificar pelos títulos das seguintes reportagens: *A face mais cruel do coronavírus é abandonar, sem nenhuma razão científica, os animais de estimação*, publicado no El País em 17 de março de 2020⁵, e *Morcegos estão sendo mortos no Peru por medo do novo coronavírus*, publicado na Revista Galileu em 26 de março de 2020⁶. Assim, os textos analisados, ao mesmo tempo em que conclamam a humanidade e as autoridades de diferentes países a protegerem a Natureza, apresentam os seres que constituem a mesma como um dos responsáveis pela maior parte das doenças que infectam humanos, contribuindo para a devastação e extermínio deles.

c) imagens genéricas

Por fim, nos textos analisados, o apagamento de tipo traço também se dá por meio das imagens que aparecem nas reportagens. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), os textos visuais, assim como os linguísticos, constroem sentidos a partir de um conjunto de regras próprias de funcionamento. Para estudá-las, esses autores propõem a Gramática Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), uma ferramenta de análise de imagens que se fundamenta na investigação de três funções: (i) *função interativa*, que aborda a relação que se estabelece entre o produtor e o

⁵ Disponível em: <<https://bitly.com/FNwK3>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

⁶ Disponível em: <<https://bitly.com/jzy3>>. Último acesso: 12 jul. 2020.

ECO-REBEL

receptor de um signo; (ii) *função representacional*, que se refere aos modos como o sistema semiótico representa aspectos do mundo e das experiências humanas; e (iii) *função composicional*, que remete à estrutura e ao formato dos textos visuais.

Na matriz discursiva analisada aqui, um elemento importante para o processo de construção de sentidos é a *modalidade*, aspecto vinculado à função interacional. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), algumas imagens tendem a ser mais verdadeiras que outras, isto é, representam o mundo de forma mais fidedigna. A Gramática Visual chama isso de *modalidade*, um termo que veio da linguística e “refere-se ao valor de verdade ou à credibilidade das declarações (linguisticamente realizadas) sobre o mundo” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 155, tradução nossa). Na comunicação visual, a modalidade pode ser de quatro tipos: i) naturalística: quando a representação é próxima ao real; ii) abstrata: quando a representação mostra apenas a essência do que retrata, sem muitos detalhes; iii) tecnológica: quando a representação é prática, como a planta baixa de uma casa ou equipamento; iv) sensorial: quando a representação procura causar prazer ou desprazer visual.

As imagens que aparecem na abertura dos textos analisados são todas de fotografias (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) e possuem modalidade naturalística. Conforme Stibbe (2015) explica, as fotografias, apesar de serem bidimensionais e estáticas, são as representações mais vívidas que podem ser feitas da natureza, uma vez que são capazes de apresentar detalhes de animais e de aspectos da Natureza de forma realista, posicionando esses referentes nas mentes dos interlocutores. Entretanto, a modalidade naturalística das fotografias nem sempre garante esse resultado, uma vez que, assim como os recursos léxico-gramaticais, os recursos visuais também podem ser mobilizados de modo a contribuir com o apagamento da Natureza. Isso ocorre devido a aspectos vinculados à função representacional das imagens.

ECO-REBEL



Figura 1. Imagem de abertura do Texto 1

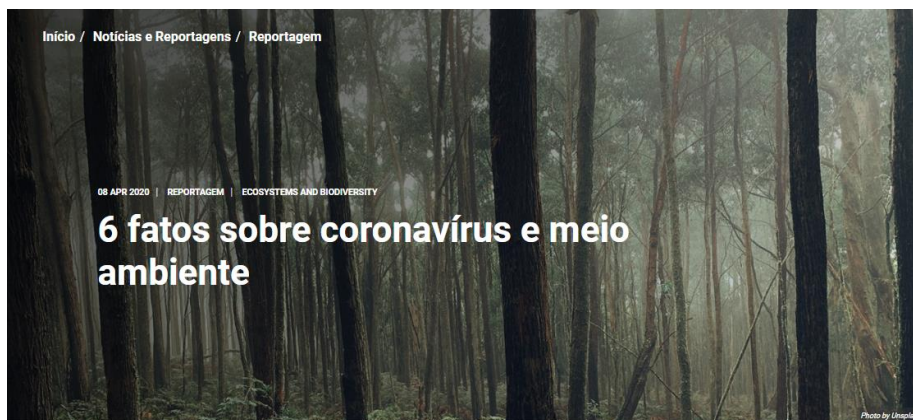


Figura 2. Imagem de abertura do Texto 2



Figura 3. Imagem de abertura do Texto 3

No âmbito da função representacional, encontramos as estruturas que constroem visualmente as relações entre os participantes representados nas imagens, sendo que estes podem ser pessoas, objetos ou lugares. Essa função enfatiza a *sintaxe* da imagem como uma fonte de

ECO-REBEL

sentido representacional e pode ser dividida em dois processos: (i) estruturas narrativas: relaciona os participantes em termos de *fazer* ou *acontecer*, com foco nas ações, eventos ou processos de mudança; (ii) estruturas conceituais: foca na essência dos participantes, representando-os como sendo alguma coisa ou pertencente a uma categoria.

As imagens de abertura (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) se configuram como *estruturas conceituais analíticas*, que buscam relacionar os participantes representados em termos de uma estrutura parte-todo. Como o portador (todo) está ausente das imagens, elas são classificadas como *não estruturadas*, focando nossa atenção apenas nos atributos (partes) do(s) participante(s) representado(s). Se por um lado esse tipo de imagem permite uma interação entre o interlocutor e o participante representado, pois permite que os atributos possuídos pelo portador sejam observados minuciosamente, por outro, ele pode levar a um apagamento, mostrando atributos tão genéricos que não permitem o reconhecimento do portador dos mesmos, exatamente o que ocorre nas imagens analisadas.

Na Figura 1, há a representação de uma *lâmina histológica* que não nos permite obter muitas informações sobre o portador do(s) atributo(s) representado(s). Seria uma representação do coronavírus visto através do microscópio? De células do corpo humano contaminadas? Olhos mais letrados em conteúdos de histologia talvez fossem capazes de compreender o que está sendo representado nesta imagem, mas esse não é o caso da maior parte dos leitores, de modo que é impossível para estes vincular os atributos representados às entidades referenciadas no texto verbal – *coronavírus, degradação ambiental ou PNUMA*.

Na Figura 2, temos as partes de um portador que é facilmente reconhecível. Trata-se de troncos de árvores, com a representação de algumas copas ao fundo. Ainda que um interlocutor ou outro seja capaz de apontar a espécie de árvore retratada, olhos mais leigos veem apenas troncos de árvores, sem conseguir especificá-los. Além disso, a imagem não traz nenhuma informação que nos permita situar esse conjunto de árvores em um local específico, de modo que, ainda que represente um portador cognoscível (árvore), o faz de forma abstrata.

Por fim, a Figura 3 representa as partes de um microscópio. Apesar de o portador das partes representadas ser cognoscível e poder ser retomado pelos interlocutores, ele não representa nenhuma das entidades físicas referenciadas no texto – *COVID-19, humanos, degradação ambiental*. Entretanto, é possível vincular este portador aos *estudos* realizados, o que garante mais destaque a estes que às relações entre coronavírus e meio ambiente.

ECO-REBEL

Como é possível perceber, ainda que sejam fotografias e apresentem modalidade naturalística, essas imagens acabam contribuindo mais para o apagamento do meio ambiente do que para a sua representação, de modo que, ainda que este esteja presente, aparece apenas como um traço fraco de si mesmo. Essa percepção se estende para as outras imagens que figuram nos textos analisados.

No Texto 2, por exemplo, além da imagem de abertura, temos a presença de outras duas imagens (Figura 4 e Figura 5). Ao contrário das fotografias, que possuem modalidade naturalística, as imagens em questão retratam os participantes por meio de desenhos com poucos detalhes, possuindo modalidade abstrata. Esta procura reduzir os detalhes que criam as diferenças individuais, representando apenas as qualidades essenciais dos participantes, associando os valores de verdade à essência mais profunda do que é representado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Nessa lógica, os textos analisados representam o humano com a silhueta de um homem, a natureza com a silhueta de plantas disformes e os animais com a silhueta de diferentes espécies que são cognoscíveis em nosso contexto de cultura – ave, vaca, rato, macaco, etc. A modalidade abstrata contribui para o apagamento do tipo traço na medida em que não permite que os interlocutores referenciem essas entidades, situando-as no mundo real. Apresentadas de forma genérica, elas não impregnam a consciência do interlocutor e não demandam qualquer tipo de responsabilidade dele.



Figura 4. Imagem 1 | Texto 2



Figura 5. Imagem 2 | Texto 2

ECO-REBEL

Por fim, no Texto 3, temos a presença de outras duas imagens, ambas fotografias (Figura 6 e Figura 7). Conforme vimos anteriormente, esse tipo de imagem apresenta modalidade naturalística. Na Figura 6, temos uma *estrutura narrativa reativa*, em que o olhar dos participantes representados desenha vetores que saem da imagem. Como o olhar dos patos representados não encara o interlocutor, temos o que Kress e van Leeuwen (2006) chamam de imagem de oferta. Nesse tipo de imagem os participantes (patos) se tornam objeto de contemplação por parte do interlocutor, oferecendo elementos de informação como se estivessem dispostos em uma vitrine ou prateleira, sem exigir qualquer tipo de reação por parte do observador. Essa imagem aparece vinculada ao texto de abertura da reportagem, que aponta que as doenças zoonóticas, dentre elas o coronavírus, são transmitidas de animais para seres humanos, o que nos permite concluir que os patos representados servem apenas para ilustrar uma das espécies de animais responsável por esse contágio.



Photo by Unsplash/ Cole Keister

Figura 6. Imagem 1 | Texto 3



Photo by Unsplash/ Ales Krivec

Figura 7. Imagem 2 | Texto 3

A Figura 7, por sua vez, representa troncos de árvores que foram cortadas. Assim como as imagens de abertura, essa fotografia se caracteriza por uma *estrutura conceitual analítica*. Entretanto, aqui, parte (troncos) e todo (árvores) aparecem na representação. Assim, os atributos – troncos jogados ao chão – remetem aos pinheiros que se encontram no segundo plano da imagem, os portadores desses atributos. Essa fotografia aparece vinculada ao intertítulo *mudanças ambientais*, que aponta que os humanos destroem florestas e outros espaços naturais para criar áreas urbanas, assentamentos, terras agrícolas e indústrias. Entretanto, ao retratar o desmatamento a partir de uma estrutura conceitual, ela apaga o agente causador dessa destruição, o ser humano.

4 Integrar para Viver!

A análise discursiva dos textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) indica a veiculação de discursos ambivalentes em relação à Natureza, ou seja, ainda que ela seja reconhecida, ora ela é representada como uma entidade que está a nosso serviço; ora ela é nossa algoz, origem da maior parte das doenças que dizima a humanidade. No primeiro caso, argumenta-se que a Natureza deve ser preservada como uma maneira de garantir a integridade e a sobrevivência da humanidade. No segundo caso, ainda que o ser humano seja apontado, em diversos momentos, como um dos culpados pela pandemia causada pelo coronavírus e por outras doenças de *origem zoonótica*, ele frequentemente divide essa culpa com diferentes espécies de animais.

Nessa construção ideológica, fica explícita a antítese entre a humanidade e a Natureza que, de acordo com Latour (2017), é estressada pela maioria das definições de ser humano. “[...] toda vez

ECO-REBEL

que se quer ‘aproximar os seres humanos da natureza’, somos impedidos de fazê-lo por meio da objeção de que o humano é, acima de tudo, ou que ele é também, um ser cultural que deve escapar ou, de qualquer modo, *se distinguir da natureza*” (LATOURE, 2020, p. 21-22). Entretanto, essa distinção é capciosa, uma vez que *natureza* e *cultura* são dois lados de uma mesma moeda, ou seja, ao esclarecer o que se entende por natureza, está-se, por conseguinte, definindo cultura e vice-versa.

Não tente definir apenas a natureza, porque você terá que definir também o termo “cultura” (o humano é o que escapa à natureza: um pouco, muito, apaixonadamente); não tente definir apenas “cultura”, porque de imediato terá que definir também “natureza” (o humano é o que não pode “escapar totalmente” das restrições da natureza). O que significa que não estamos lidando com *domínios*, mas com um e o mesmo *conceito* separado em duas partes que se encontram ligadas, por assim dizer, por um forte elástico (LATOURE, 2020, p. 22-23).

A construção imaginária *nós – ela*, que encontra respaldo em grande parte do fazer científico produzido pelo ocidente, desconsidera o fato de que o ser humano e todas as suas manifestações – até mesmo a cultura – são elementos do mundo natural do qual fazemos parte. Nesse sentido, não devemos falar em *preservar a Natureza*, como se esta estivesse à distância, sendo observada e cuidada (administrada) pela humanidade, mas integrar, urgentemente, a humanidade à Natureza e a Natureza aos conhecimentos produzidos pela humanidade, reconhecendo a importância que ela de fato possui na construção de um projeto de humanidade que olha para um devir focado na ética do Viver!

Se os discursos de *preservação* foram tão importantes décadas atrás para garantir visibilidade à Natureza, agora é hora de focar em discursos e representações que fomentam a construção de novas vivências integradas ao meio ambiente físico deste planeta, levando em consideração as grandes mudanças estruturais que já fizemos nele ao longo do tempo. É preciso extrapolar os discursos que apagam a Natureza transformando-a em uma entidade que simplesmente está aí, um pano de fundo para o desenrolar da história da humanidade.

Quando se sustenta que existem, de um lado, um mundo natural e, de outro, um mundo humano, propõe-se simplesmente dizer, após o fato, que uma porção arbitrária dos atores será *despojada de toda ação* e que outra parte dos mesmos atores, também arbitrária, será *dotada de uma alma* (ou de uma consciência). Mas essas duas operações secundárias deixam perfeitamente intacto o único fenômeno interessante: a substituição das formas de ação no seio da zona metamórfica por

ECO-REBEL

meio de transações entre potências de agir de múltiplas origens e formas. Isso pode parecer paradoxal, mas, para ganhar no realismo, é preciso deixar de lado o pseudorealismo que pretende desenhar o retrato de humanos se exibindo à frente de um cenário de coisas (LATOURE, 2020, p. 70).

Para fugir desse pseudorealismo, o PNUMA, enquanto entidade que assume a responsabilidade de promover e conservar o meio ambiente, capaz de moldar diferentes discursos hegemônicos acerca do meio ambiente, deve articular discursos que garantam uma representação mais vívida da Natureza e daqueles que a integram, bem como representar os humanos como seres que constituem a Natureza. Além disso, diante de um cenário como o da pandemia provocada pelo novo coronavírus, torna-se necessário elucidar veementemente o vínculo entre as doenças endêmicas e uma lógica de consumo perversa, que trata plantas e animais como recursos infinitos e estimula a opressão e a escravização de centenas de espécies ao redor do mundo. Por fim, também é necessário endereçar a responsabilidade da devastação ambiental e, conseqüentemente, das pandemias globais aos verdadeiros alçozes da humanidade: o próprio ser humano.

Algumas considerações

Como foi possível perceber, os textos produzidos pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) contribuem para a reiteração de ideologias que apresentam a Natureza como uma fonte de recursos para a humanidade, de modo que ela deve ser preservada com o único objetivo de garantir o *florescimento* e o *desenvolvimento* dos seres humanos. Evidentemente, esses sentidos não são veiculados apenas pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU). Ela apenas reitera sentidos que são constantemente disseminados pela lógica capitalista que perpassa as práticas sociais de muitos dos países que são representados por essa organização. Ao reiterá-los, ela contribui para a manutenção das relações predatórias e estruturas dominantes que fomentam a destruição da Natureza e apagam a agência dela.

Diante dessa lógica, uma análise fundamentada na abordagem teórico-metodológica proposta pela Ecolinguística Crítica configura-se como um deslocamento relevante e necessário em relação aos discursos legitimados, revelando como os recursos semânticos são mobilizados pelos grupos hegemônicos de modo a contribuir com práticas predatórias em relação ao meio ambiente. É fato que precisamos urgentemente ultrapassar as barreiras impostas pelas histórias predatórias que estão dadas, mas isso só será possível se reconhecermos onde elas falham e como elas podem ser transformadas.

Referências

- COUTO, Hildo Honório. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, Hildo Honório. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1. Brasília: Thesaurus, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London: Routledge, 2003.
- KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading Images: the grammar of visual design*. London/New York: Routledge, 2006.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LOCKE, Terry. *Critical Discourse Analysis*. London: Continuum, 2004.
- NAESS, Arne; SESSIONS, George. Basic principles of Deep Ecology. *Ecophilosophy*, v. 6, p. 3-7. 1984.
- ONU. Nações Unidas Brasil. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnuma/>>. Último acesso: 12 jul. 2020.
- PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- STIBBE, Arran. Ecolinguistics and erasure: restoring the natural world to consciousnesses. In: HART, Christopher; CAP, Piotr (Ed.). *Contemporary Critical Discourse Studies*. London/ New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2014.
- STIBBE, Arran. *Ecolinguistics: language, ecology and the stories we live by*. London: Routledge, 2015.
- VAN DIJK, Teun (Ed.). *Discourse Studies: a multidisciplinary introduction*. London: Sage, 2011.

ANEXOS

Texto 1

3 MAR 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

Surto de coronavírus é reflexo da degradação ambiental, afirma PNUMA

As doenças transmitidas de animais para seres humanos estão em ascensão e pioram à medida que *habitats* selvagens são destruídos pela atividade humana. Cientistas sugerem que *habitats* degradados podem incitar processos evolutivos mais rápidos e diversificar doenças, já que os patógenos se espalham facilmente para rebanhos e seres humanos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que um animal é a provável fonte de transmissão do coronavírus de 2019 (COVID-19), que infectou milhares de pessoas em todo o mundo e pressionou a economia global. Para quem quiser saber mais, atualizações diárias podem ser encontradas no site da Organização.

Segundo a OMS, os morcegos são os mais prováveis transmissores do COVID-19. Porém, também é possível que o vírus tenha sido transmitido aos seres humanos a partir de outro hospedeiro intermediário, seja um animal doméstico ou selvagem.

Os coronavírus são zoonóticos, o que significa que são transmitidos de animais para pessoas. Estudos anteriores constataram que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS, em inglês) foi transmitida de gatos domésticos para seres humanos, enquanto a Síndrome Respiratória do Oriente Médio passou de dromedários para humanos.

"Portanto, como regra geral, o consumo de produtos de origem animal crua ou mal cozida deve ser evitado. Carne crua, leite fresco ou órgãos de animais crus devem ser manuseados com cuidado para evitar a contaminação cruzada com alimentos não cozidos", comunicou a Organização Mundial da Saúde.

A declaração veio alguns dias antes da China tomar medidas para coibir o comércio e o consumo de animais silvestres. Mais informações podem ser encontradas no site do Comitê Permanente do 13º Congresso Nacional dos Povos (em chinês).

"Os seres humanos e a natureza fazem parte de um sistema interconectado. A natureza fornece comida, remédios, água, ar e muitos outros benefícios que permitem às pessoas prosperarem", disse Doreen Robinson, chefe para a Vida Selvagem no Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

"Contudo, como acontece com todos os sistemas, precisamos entender como esse funciona para não exagerarmos e provocarmos consequências cada vez mais negativas", complementou.

O relatório Fronteiras 2016 sobre questões emergentes de preocupação ambiental (*Frontiers 2016 Report on Emerging Issues of Environment Concern*, em inglês) do PNUMA mostra que as zoonoses ameaçam o desenvolvimento econômico, o bem-estar animal e humano e a integridade do ecossistema. Nos últimos anos, várias doenças zoonóticas emergentes foram manchetes no mundo por causarem ou ameaçarem causar grandes pandemias, como o Ebola, a gripe aviária, a febre do Vale do Rift, a febre do Nilo Ocidental e o Zika Vírus.

Segundo esse relatório, nas últimas duas décadas, as doenças emergentes tiveram custos diretos de mais de US\$ 100 bilhões de dólares, com esse número podendo saltar para vários trilhões de dólares caso os surtos tivessem se tornado pandemias humanas.

Do ponto de vista da comunidade ambiental, para impedir o surgimento de zoonoses é fundamental endereçar as ameaças múltiplas e frequentemente interativas aos ecossistemas e à vida selvagem, incluindo redução e fragmentação de *habitats*, comércio ilegal, poluição, espécies invasoras e, cada vez mais, mudanças climáticas.

Texto 2

08 APR 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

6 fatos sobre coronavírus e meio ambiente

Você sabia que cerca de 60% das doenças infecciosas humanas e 75% das doenças infecciosas *emergentes* são zoonóticas, ou seja, transmitidas através de animais?

Alguns exemplos que surgiram recentemente são o Ebola, a gripe aviária, a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), o Vírus Nipah, a Febre do Vale Rift, a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), a Febre do Nilo Ocidental, o Zikavírus e, agora, o coronavírus – todos ligados à atividade humana.

O surto de Ebola na África Ocidental é resultado de perdas florestais que levaram a vida selvagem a se aproximar dos assentamentos humanos; a gripe aviária está relacionada à criação intensiva de aves e o Vírus Nipah surgiu devido à intensificação da suinocultura e à produção de frutas na Malásia.

Cientistas e especialistas do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) estão reunindo os dados científicos mais recentes sobre o COVID-19 – tanto o que se sabe quanto o que não se sabe.

Embora a origem do surto e seu caminho de disseminação ainda não estejam claros, listamos seis pontos importantes que vale a pena conhecer:

1. A interação de seres humanos ou rebanhos com animais selvagens pode expor-nos à disseminação de possíveis patógenos. Para muitas zoonoses, os rebanhos servem de ponte epidemiológica entre a vida selvagem e as doenças humanas.
2. Os fatores determinantes do surgimento de zoonoses são as transformações do meio ambiente – geralmente resultado das atividades humanas, que vão desde a alteração no uso da terra até a mudança climática; das mudanças nos hospedeiros animais e humanos aos patógenos em constante evolução para explorar novos hospedeiros.
3. As doenças associadas aos morcegos surgiram devido à perda de *habitat* por conta do desmatamento e da expansão agrícola. Esses mamíferos desempenham papéis importantes nos ecossistemas, sendo polinizadores noturnos e predadores de insetos.
4. A integridade do ecossistema evidencia a saúde e o desenvolvimento humano. As mudanças ambientais induzidas pelo homem modificam a estrutura populacional da vida selvagem e reduzem a biodiversidade, resultando em condições ambientais que favorecem determinados hospedeiros, vetores e/ou patógenos.
5. A integridade do ecossistema também ajuda a controlar as doenças, apoiando a diversidade biológica e dificultando a disseminação, a ampliação e a dominação dos patógenos.
6. É impossível prever de onde ou quando virá o próximo surto. Temos cada vez mais evidências sugerindo que esses surtos ou epidemias podem se tornar mais frequentes à medida que o clima continua a mudar.

"Nunca tivemos tantas oportunidades para as doenças passarem de animais selvagens e domésticos para pessoas", disse a diretora executiva do PNUMA, Inger Andersen. "A perda

contínua dos espaços naturais nos aproximou demasiadamente de animais e plantas que abrigam doenças que podem ser transmitidas para os seres humanos".

A equipe do PNUMA está trabalhando continuamente nessas questões importantes. As informações compartilhadas pela Divisão de Ciência estão disponíveis online com informações adicionais, incluindo uma lista de perguntas ainda não respondidas.

A natureza está em crise, ameaçada pela perda de biodiversidade e de habitat, pelo aquecimento global e pela poluição tóxica. Falhar em agir é falhar com a humanidade. Enfrentar a nova pandemia de coronavírus (COVID-19) e nos proteger das futuras ameaças globais requer o gerenciamento correto de resíduos médicos e químicos perigosos, a administração consistente e global da natureza e da biodiversidade e o comprometimento com a reconstrução da sociedade, criando empregos verdes e facilitando a transição para uma economia neutra em carbono. A humanidade depende de ação agora para um futuro resiliente e sustentável.

Texto 3

22 MAY 2020 | REPORTAGEM | ECOSYSTEMS AND BIODIVERSITY

Causas do COVID-19 incluem ações humanas e degradação ambiental, apontam estudos

O coronavírus (COVID-19) é uma doença zoonótica transmitida entre animais e seres humanos. As zoonoses ameaçam significativamente a nossa saúde. Quando os sintomas são graves, a falta de exposição prévia leva à ausência de anticorpos para nosso corpo se defender. Alguns exemplos de surtos recentes incluem a Síndrome Respiratória Aguda Grave ou SARS (2002); a Influenza Aviária ou Gripe Aviária (2004); o H1N1 ou a Gripe Suína (2009); a Síndrome Respiratória do Oriente Médio ou MERS (2012); o Ebola (2014–2015); o Zika Vírus (2015-2016); e a Febre do Nilo Ocidental (2019).

Quase um século de tendências globais confirmam que os surtos zoonóticos estão mais frequentes. Um relatório de 2016 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) sinalizou essa situação como uma questão de preocupação global. A cada ano surgem em média três novas doenças infecciosas em seres humanos e 75% delas são zoonóticas.

O que está provocando o aumento dessas doenças? Confira abaixo o que décadas de pesquisas científicas podem nos dizer:

Os coronavírus são impulsionados por ações humanas

De acordo com a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), "existe apenas uma espécie responsável pela pandemia do COVID-19 – os seres humanos".

Nem todos os coronavírus resultam em uma nova doença zoonótica. Sem transmissão entre animal e ser humano, o SARS-CoV-2 não teria se apresentado na forma do COVID-19. De fato, há outros coronavírus circulando em animais que ainda não nos infectaram.

Contudo, os coronavírus estão nos atingindo mais frequentemente porque estamos oferecendo a eles mais oportunidades para disseminação. Nos últimos 50 anos, a população humana mundial dobrou e a economia global quase quadruplicou. A rápida migração de áreas rurais para áreas urbanas e a criação de novos centros urbanos afetaram a demografia e nossos estilos de vida e práticas de consumo.

Mudanças ambientais

As mudanças em nosso estilo de vida alteraram drasticamente a terra ao nosso redor. Nós destruímos florestas e outros ecossistemas naturais para criar espaços para áreas urbanas, assentamentos, terras agrícolas e indústrias. Ao fazermos isso, reduzimos o espaço da vida selvagem e degradamos as barreiras de proteção natural entre seres humanos e animais.

A mudança climática também impulsiona zoonoses. As emissões de gases de efeito estufa – principalmente os que resultam da queima de combustíveis fósseis – alteram a temperatura e a umidade do planeta, o que afeta diretamente a sobrevivência dos micróbios. As transformações aceleradas dos habitats causadas por eventos climáticos incomuns, como calor, seca, inundação ou incêndios florestais, não permitem que os ecossistemas equilibrem picos repentinos na população de algumas espécies – como os mosquitos –, que podem se tornar vetores de doenças emergentes. Programada para ser lançada no próximo mês, uma avaliação sobre zoonoses feita pelo PNUMA e pelo Instituto Internacional de Pesquisa Pecuária (ILRI) sugere que as epidemias se tornarão mais frequentes conforme o clima continuar mudando.

Mudanças comportamentais

A demanda por carnes e laticínios levou à expansão das áreas de cultivo uniformes e da pecuária intensiva nas áreas rurais e urbanas. Os rebanhos geralmente servem de ponte entre a vida selvagem e as infecções humanas, dado que os patógenos podem ser transmitidos de animais selvagens para rebanhos e de rebanhos para seres humanos.

Uma grande preocupação são os mercados informais, onde animais selvagens são guardados e vendidos vivos, geralmente em condições insalubres e anti-higiênicas. Quando não seguimos práticas sanitárias e de proteção, há maior facilidade de vírus e patógenos se espalharem entre bichos muito próximos e inclusive alcançarem os seres humanos que os manuseiam, transportam, vendem, compram ou consomem.

Alterações patogênicas

Com o aumento da agricultura intensiva e o uso excessivo de medicamentos antimicrobianos em animais e pessoas, os patógenos estão se tornando mais resistentes a essas substâncias que um dia foram eficazes no tratamento de outras zoonoses, constantemente evoluindo para sobreviverem em diferentes animais, seres humanos e ambientes.

O que o COVID-19 está nos ensinando

O COVID-19 é um lembrete de que a saúde humana e a saúde ambiental estão intimamente conectadas. Existem cerca de 8 milhões de espécies na Terra, das quais os seres humanos representam apenas uma. Esse valor inclui também cerca de 1,7 milhão de vírus não identificados, mas que podem infectar pessoas, estando presentes em mamíferos e aves aquáticas. Se não nos prevenirmos agora, podemos ser facilmente infectados no futuro.

A principal maneira de nos protegermos das zoonoses é impedindo a destruição da natureza. Onde os ecossistemas são saudáveis e biodiversos, há resiliência, adaptabilidade e regulação de doenças.

Uma maior biodiversidade e integridade ecossistêmica pode ajudar a controlá-las por meio da diversidade de espécies, de modo que fica mais difícil para um patógeno se espalhar

ECO-REBEL

rapidamente ou dominar. Os patógenos que passam por vários animais têm mais chances de se depararem com pontos de resistência.

De acordo com um relatório do IPBES de 2017, a diversidade genética gera resistência a doenças e diminui a probabilidade de grandes surtos. Por outro lado, a pecuária intensiva gera semelhanças genéticas, reduzindo a resiliência e tornando os rebanhos mais suscetíveis à disseminação de patógenos. Isso, por consequência, também expõe os seres humanos a maiores riscos.

O que o PNUMA está fazendo

À medida que o mundo lida com a crise do COVID-19 e começa a se recuperar do impacto causado por essa pandemia global, o PNUMA está ajudando as nações a se recuperarem melhor e aumentarem a resiliência a crises futuras. Além disso, está apoiando os países no fornecimento de políticas científicas mais fortes que apoiem um planeta mais saudável e orientem investimentos verdes.

Reconhecendo que essa ainda é nossa maior oportunidade para o futuro, o PNUMA incentiva os países a avançarem na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, no Acordo de Paris e em outros acordos cruciais acerca de questões como biodiversidade, conservação dos oceanos e gestão de químicos e resíduos.

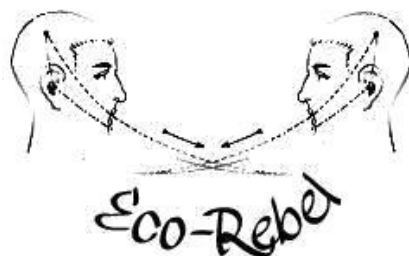
Com seus parceiros, o PNUMA também está lançando a Década das Nações Unidas para a Restauração de Ecossistemas 2021-2030 – um esforço de 10 anos para deter e reverter a degradação mundial dos ecossistemas – e trabalhando para desenvolver um novo e ambicioso Marco Pós-2020 de Biodiversidade.

Em 5 de junho, o Dia Mundial do Meio Ambiente engajará governos, empresas, celebridades e cidadãos a repensarem seus relacionamentos com a natureza e convocará líderes para que sejam tomadas decisões centradas no meio ambiente. Devemos agir com solidariedade e embasados pela ciência.

História atualizada em 27 de maio de 2020.

Aceito em 30/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA: O DISCURSO POLÉMICO PARA ALÉM DO NEGACIONISMO

Rui Ramos (Centro de Investigação em Estudos da Criança/ Centro de Estudos Humanísticos/ Universidade do Minho – Portugal)

Resumo: Num cenário de pandemia provocado por um vírus invisível ao olho nu, o discurso sobre a situação sanitária global ganha relevo e converte-se em “discurso público dominante”, cruzando áreas diversas da vida individual e coletiva.

O presente estudo analisa um destes discursos, uma crónica publicada num jornal nacional português de referência. Trata-se de um discurso polémico e contracorrente, que contesta outros discursos que circulam na esfera pública. São analisadas estratégias argumentativas, que passam pela tentativa de persuasão do leitor e pela construção do *ethos* do autor, e são analisadas as formas de relacionamento do autor com o espaço e os outros indivíduos, através da palavra.

Palavras-chave: Discurso polémico; Covid19; Coronavírus; Argumentação; Media; Negacionismo

Abstract. Title: Discourses on the pandemic: polemic discourse beyond denialism.

In a pandemic scenario caused by a virus invisible to the naked eye, the discourse on the global health situation becomes prominent and turns into a “publicly dominant discourse”, crossing different areas of individual and collective life.

ECO-REBEL

The present study analyses one of these discourses, a chronicle published in a reference Portuguese national newspaper. It is a polemic and countercurrent discourse, which challenges other discourses that circulate in the public sphere. Argumentative strategies are analysed, which involve the attempt of persuading the reader and fabricating the author's ethos, as well as the author's forms of relationship with space and other individuals through words.

Keywords: Polemic discourse; Covid19; Coronavirus; Argumentation; Media; Denialism

Liberté

Sur mes cahiers d'écolier
Sur mon pupitre et les arbres
Sur le sable sur la neige
J'écris ton nom
(...)
Sur mes refuges détruits
Sur mes phares écroulés
Sur les murs de mon ennui
J'écris ton nom
(...)
Et par le pouvoir d'un mot
Je recommence ma vie
Je suis né pour te connaître
Pour te nommer
Liberté

Paul Eluard, Poésies et vérités, 1942

1. Introdução

1.1. O presente estudo pretende contribuir para o mapeamento dos discursos públicos sobre a pandemia provocada pelo vírus COVID-19, que afetou o mundo no final de 2019 e se prolongou até ao momento em que este é efetuado (em julho de 2020), prevendo-se, nesta data, que ainda permaneça afetando a humanidade durante muito tempo.

Neste momento, o discurso sobre esta pandemia, construído com um foco médico, político, geoestratégico, económico ou com qualquer outro, transformou-se num “discurso público dominante” (JUNG, 2001): um discurso global, avassalador, cruzando um grande número de outros tópicos sociais, éticos, económicos, ambientais, de saúde pública, etc.; que não aborda um problema estanque, mas um agregado poroso de questões que pendem sobre a humanidade, ignorando fronteiras ou diferenças sociais, culturais ou religiosas, igualando a generalidade dos seres humanos sob a mesma ameaça; que configura um objeto invisível ao indivíduo, só percecionado pelas suas consequências (eventualmente mortais); e, sobretudo, que se constitui como um discurso significativo na configuração das experiências “em segunda mão” intermediadas pela comunicação social, que o faz impor-se e permanecer na esfera

pública, com um potencial de larga intervenção na sociedade, influenciando as percepções de cada indivíduo.

1.2. De entre todos os discursos públicos possíveis, buscamos um que fosse, de alguma forma, “contracorrente”, ou que contestasse o pensamento “mainstream”. Em princípio, são os discursos contracorrente que encerram um maior potencial de abalar as consciências, de sugerir leituras do mundo inovadoras e fraturantes, de suscitar a reflexão sobre as coisas e os seus estados de modo mais produtivo. Além disso, procuramos igualmente que o texto em causa refletisse sobre a relação entre os indivíduos e destes com o seu meio ambiente – ou, em termos próprios da linguística ecossistémica (Couto, 2015), incidindo sobre os usos da língua (L) por uma população (P), estabelecendo interações entre os membros da comunidade e destes com o seu território (T).

Entre os discursos contracorrente, pontuam os negacionistas. É fácil ao indivíduo cruzar-se com estes discursos, normalmente sem fundamento, consideravelmente caricatos em função do conhecimento consolidado: terraplanistas, antivacinas, céticos das alterações climáticas, etc. Também em relação à pandemia houve e há discursos públicos negacionistas, com cambiantes diversas. Contudo, o discurso analisado não constitui um delírio sem fundamento, mas uma reação contra um outro discurso, o que entoa loas às vantagens das cidades silenciosas, vazias, sem trânsito, sem poluição sonora ou atmosférica, devido ao confinamento dos habitantes em suas casas, sugerido ou imposto em algum momento pela maioria dos governos. O autor (doravante locutor) afasta-se de tal posição, justifica a sua reação e procura congrega nessa reação o favor do leitor (doravante alocutário).

2. Quadro teórico

2.1. A abordagem adotada para este estudo é, por um lado, descritiva e, por outro, discursiva. Situa-se no lugar de confluência entre a Análise do Discurso de tradição francófona e a Linguística do Texto, com contributos mais recentes de abordagens afins e de áreas complementares, de índole discursiva e enunciativo-pragmática.

Em particular, assumem relevo neste estudo a teoria da enunciação, na esteira de Bühler (1979), Benveniste (1975, 1978), Kerbrat-Orecchioni (1980) ou Fonseca, F. I. (1992); as questões de tipo/género textual (Adam, 1985, 1992, 2011); os contributos da Pragmática Linguística (a partir das propostas inaugurais de Searle, 1969); a questão da criação da imagem de si, ou *ethos* (inspirada em AMOSSY, 2010) e as reflexões da Linguística Ecossistémica (em particular, COUTO, 2015, 2019 e 2020) sobre a relação dos indivíduos entre si e com o seu meio, num processo interativo que passa necessariamente pela língua e os discursos. Nesta perspetiva, privilegiar-se-á a análise do “ecossistema social da língua” (COUTO, 2015: 60).

2.2. A perspetiva enunciativa-pragmática adotada concede relevo à dêixis como a categoria mais básica de construção do eu e do outro. Como é visível e fortemente atuante nos textos pertencentes ao tipo argumentativo (como é o caso), o compromisso do locutor com o conteúdo do seu dizer

ECO-REBEL

passa pela afirmação da sua subjetividade, no sentido que Benveniste (1975, 1978) confere a este conceito, na medida em que a referenciação se constrói a partir da enunciação. E, aspeto absolutamente fundamental, a referenciação não é nem pode ser neutra, porque não pode ser descentrada do eu.

As escolhas linguísticas e discursivas dependem, entre outros fatores, do género discursivo que, neste caso, é largamente devedor de uma determinada imagem do locutor. Tal imagem, ou *ethos* (AMOSSY, 2010), comporta uma dimensão prévia, ou pré-discursiva, fruto de enunciações anteriores, e uma dimensão discursiva, construída no discurso em causa.

Da Linguística Ecosistémica tomamos, para além dos conceitos de população, língua e território, o de “comunidade de fala”, como se verá abaixo: “um ecossistema linguístico constituído por um território geralmente de pequenas proporções, em que os atos de interação comunicativa entre seus membros se dão com relativa frequência” (COUTO, 2016: 50). Cada ato de discurso ocorre no seu contexto próprio e, num cenário de normalidade, será adequado às normas em vigor na comunidade. Terá os efeitos perlocutórios em vigor nessa comunidade e, no caso, o exercício da influência assume um relevo incontornável, como é indiciado pela organização textual.

3. O corpus

3.1. O texto selecionado para análise é um artigo de opinião (uma crónica) intitulado “As cidades mortas”, da autoria do sociólogo António Barreto e publicado no segundo caderno do diário *Público* em 12 de abril de 2020. Encontra-se transcrito em anexo, com os seus parágrafos numerados para facilidade descritiva (ver Anexo no final do artigo).

Este jornal tem circulação nacional e reclama ser um diário de qualidade, tendo amplo reconhecimento no panorama português. Aos domingos, a edição inclui um segundo caderno, essencialmente com artigos mais longos do que os que ocupam diariamente o primeiro caderno, entre reportagens, entrevistas e artigos de opinião. É neste quadro que surge o artigo de António Barreto, numa rubrica regular intitulada “Grande angular”.

3.2. António Barreto é um líder de opinião largamente conhecido e reconhecido em Portugal. Doutorado em Sociologia, professor universitário jubilado, foi ministro, deputado, comentador televisivo e autor de documentários de cariz sociológico sobre a população portuguesa, assunto sobre o qual publicou larga bibliografia. Entre 2009 e 2014, foi Presidente do Conselho de

ECO-REBEL

Administração da Fundação Francisco Manuel dos Santos, tendo criado o *Pordata*, um importante portal de informação estatística (inicialmente só sobre Portugal, mas depois alargado a outros espaços), de acesso gratuito.

Estas breves observações prendem-se com o *ethos* prévio ou pré-discursivo do autor (AMOSSY, 2010). Tratando-se de um enunciador qualificado, é reconhecido não só como porta-voz da opinião pública, mas sobretudo como líder de opinião. Tal estatuto exige-lhe padrões de razoabilidade elevados, mas atribui-lhe igualmente um crédito de respeitabilidade relevante.

3.3. O título da rubrica anuncia o tipo de texto que o leitor encontrará. “Grande angular” é uma designação que remete para equipamento fotográfico ou cinematográfico e uma “lente grande angular” será uma que permite uma imagem ampla, uma visão alargada sobre uma determinada coisa ou estado de coisas.

A par do título, a organização física da página do jornal sugere que se trata de um ponto de vista pessoal e assumido: o artigo é assinado e a fotografia do autor acompanha a assinatura. O relevo do autor é ainda manifestado pelo facto de o seu artigo ocupar toda a página, sem ter de partilhar o espaço com outros autores ou textos. O facto de António Barreto ser autor regular de uma rubrica com tal relevo constitui um incremento de credibilidade, reforçando o seu *ethos* pré-discursivo.

3.4. O texto em causa é, como indiciam os elementos paratextuais e peritextuais apontados acima, um artigo de opinião. Tal facto será comprovado pelo conteúdo, enunciativamente assumido. Na esteira de Adam (1985, 1992, 2011), classificar-se-á como texto argumentativo.

É, portanto, construído sobre enunciações que lhe são prévias e que é suposto o enunciador conseguir recuperar da esfera pública. O discurso de opinião nos *media* constrói-se sobre esses discursos prévios, retoma-os e recupera as suas linhas de desenvolvimento mais relevantes para se aproximar ou afastar delas, para reforçar, reorientar ou inverter os seus rumos argumentativos. Não nos referimos somente a uma presença latente de discursos outros, prévios ou futuros, que assistem cada enunciação, como lembra Bakhtin (2006); referimo-nos mais especificamente a estratégias de retoma desses discursos outros, de forma mais ou menos explícita, para que possam ser identificados pelo alocutário e, assim, ser produtivos na interação verbal. Abaixo, identificaremos e analisaremos algumas dessas formas de retoma discursiva, para apontar alguns aspetos da heterogeneidade enunciativa que caracteriza o artigo em causa.

4. Análise

4.1. O artigo em análise foi publicado em 12 de abril de 2020 no jornal *Público*. Fica assim definido o seu momento de enunciação e identificada a situação social para a qual remete: o quadro geral de reação mundial à pandemia provocada pelo vírus COVID19. Os poderes políticos nacionais tinham decretado o “estado de emergência” e a generalidade dos cidadãos encontrava-se confinada às suas casas, em regimes de teletrabalho ou de suspensão do trabalho, isolados nos seus núcleos familiares e evitando todo e qualquer contacto não essencial. Muitas cidades apresentavam-se quase desertas, com as suas ruas silenciosas e vazias.

É desta observação dos estados de coisas, evocada de forma explícita e implícita, facilmente partilhável entre locutor e alocutário, que o texto parte e se desenvolve. A estrutura textual é marcada por um eixo organizador de carácter opositivo. Este gera quatro contraposições relevantes para a sua retórica inerente, intimamente imbricadas entre si:

- a) a contraposição entre uma voz comum, evocada pelo locutor, e a sua própria voz;
- b) a contraposição entre a cidade morta e a cidade pujante de vida;
- c) a contraposição entre a face negra e a face criadora e livre da cidade;
- d) a contraposição entre a cidade e o campo.

4.2. “As cidades mortas” – assim se intitula o artigo em análise. O título de um artigo de imprensa assume um papel importante: congrega a atenção do leitor e inicia o processo de comunicação. Desempenha uma função cognitiva relevante, um papel projetivo na interação proporcionada pelo texto; constitui uma catáfora, a ser resolvida no corpo do artigo, o que vale por dizer que estabelece os laços inaugurais de cumplicidade entre locutor e alocutário, não só pelo convite à leitura que sempre estabelece, como pelo anúncio da sua temática e pela ativação dos primeiros pressupostos. O título de um artigo de opinião na imprensa, ao contrário dos artigos de informação, não tem de ser um resumo do conteúdo do artigo. Por isso se apresenta frequentemente elíptico ou incompleto, o que é compatível com algum exercício de sedução: o leitor é implicitamente convidado a completar a informação sugerida ou insinuada, lendo o artigo.

No caso presente, o título encerra um outro atrativo: traça um cenário fortemente disfórico. Explora, desse modo, a atração mórbida pelo lado mais negro dos estados de coisas.

ECO-REBEL

4.2.1. O quadro geral decorrente das coordenadas enunciativas e do título é telegraficamente resumido pelo locutor na abertura do artigo como “tempos difíceis”.

Esta formulação económica conta com a cooperação interpretativa do alocutário e dá curso aos procedimentos de partilha e cumplicidade entre os dois. O alocutário sabe que o discurso da imprensa se focaliza no passado relevante recente (RAMOS, 1998) e que o locutor se pronuncia sobre a realidade social, política e económica do país. Assim, todas as coordenadas enunciativas (BENVENISTE, 1975, 1978) estão definidas: está clarificado o *eu/aqui/agora* que enforma qualquer enunciação e mesmo o *assim* (FONSECA, F. I., 1992), ou a modalização operada no/pelo discurso. De facto, o locutor manifesta desde a primeira frase o seu ponto de vista sobre as coisas e seus estados, com a qualificação que realiza dos “tempos”.

4.2.2. O reportório lexical do artigo inclui um conjunto relevante de expressões de alto valor disfórico, compatíveis com o desenho de “cidades mortas” e “tempos difíceis”.

Por um lado, são identificáveis vários termos do campo lexical de “morte” e “destruição”: “cemitérios”, “bomba de neutrões”, “mata”, “ruínas”.

Por outro lado, é fortemente marcada a ausência / a privação, nomeadamente pela repetição da preposição “sem” a cadenciar um conjunto de frases e segmentos frásicos sucessivos: “Pode haver alegria em cidades sem urbano, cidades sem conversa e sem intriga, cidades sem correrias, sem atrasos, sem reuniões, sem idas para o trabalho, sem escolas, sem crianças e sem sirenes de ambulâncias? Pode haver cidades sem polícias e ladrões?” (§ 2).

4.3. E em todo o parágrafo que caracteriza esses “tempos difíceis”, o primeiro do artigo, o locutor evoca vozes dispersas, sem identificar os respetivos enunciadores. Trata-se de comentários e apreciações que circulam na esfera pública, desde os media institucionais às redes sociais, que louvam o silêncio das cidades desertas, a diminuição da poluição atmosférica ou sonora, a redução do número de turistas que enxameiam os centros urbanos. Aparentemente, vozes sensatas. O locutor parte, desta forma, de um terreno partilhado com o alocutário para construir a sua argumentação. Captada a benevolência do auditório, ele poderá adotar o rumo argumentativo que desejar. Numa abordagem linguística ecossistémica, poderia dizer-se que, com estes segmentos iniciais, foi estabelecida uma “comunhão” (COUTO, 2015: 70) entre locutor e alocutário que permitirá o desenvolvimento do “ato de interação comunicativa (idem, ibidem: 63) entre os dois.

4.3.1. A evocação das vozes outras opera-se através da estratégia de repetição: “Há quem diga explicitamente (...). Há quem pense e quem diga a sério (...). Há quem pense (...)” (§ 1). A estrutura sintática linear e a organização textual transparente permitem ao alocutário acompanhar o raciocínio do locutor, aproximando ambos. O texto ganha cadência e ritmo, tornando a leitura fácil e agradável.

Ainda que estas enumerações possam parecer meras operações de referenciação objetivas, o efeito produzido é o do excesso – de gente a realizar enunciações e de elementos discretos que caracterizam os estados de coisas.

4.3.2. Outra estratégia que passa pela repetição prende-se com o uso da preposição “sem”, que marca enfaticamente a ausência, como foi referido, o que é compatível com o que o título do artigo anunciava, um cenário de morte da cidade (e nada marca a “ausência” como a morte). De novo, a repetição em segmentos curtos confere ritmo e até previsibilidade à estrutura sintática, numa estratégia de cativação do alocutário.

4.3.3. Assinale-se igualmente a repetição sucessiva de perguntas retóricas: “Pode haver sossego em cidades silenciosas e ruas vazias...?” (§ 2).

Estes enunciados podem ser considerados “falsas perguntas”, na medida em que desrespeitam as condições preparatória e de sinceridade das perguntas verdadeiras. De facto, o enunciador que usa uma pergunta retórica somente procura a verbalização (material ou mental), pelo seu alocutário, do conteúdo proposicional já incluído no seu enunciado com forma interrogativa.

Estes enunciados são caracterizados por uma inversão de polaridade entre a sua estrutura de superfície e o conteúdo proposicional que carregam (Fonseca, 1993): ao interrogar sobre *p*, o locutor sugere *não p*.

Assim, as quatro perguntas retóricas sucessivas, todas com a mesma estrutura, valem pela asserção veemente de sentido oposto: “não pode haver” os estados de coisas evocados. A conclusão, contudo, é aparentemente deixada ao alocutário, ainda que fortemente condicionado no seu raciocínio pela orientação argumentativa do locutor. A repetição cria uma sensação de gradação, de intensidade crescente na configuração dos estados de coisas.

4.3.4. Finalmente, assinale-se novo recurso às repetições sucessivas nos três últimos parágrafos do texto, em alguns casos com frases muito curtas. A cadência e o ritmo continuam bem pautados, o tom dialógico impera e a referenciação de coisas e seus estados confere ao discurso do locutor uma quase autoridade da evidência, pelo recurso a realidades e factos que parecem valer por si, incontornáveis e inquestionáveis.

4.3.5. Em todos os casos em referência, o discurso torna-se próximo, a interação ganha emotividade, aproximando-se do modo enunciativo oral. Tal estratégia potencia a adesão do alocutário aos pontos de vista do locutor, estando, portanto, ao serviço da persuasão realizada pelo texto.

O reconhecimento da verdade das asserções realizadas pelo locutor conduz à sua acrescida credibilização – o *ethos* (AMOSSY, 2010) construído no discurso. Este é um elemento fundamental para a adesão do alocutário ao ponto de vista do locutor. O artigo inicia, portanto, com a definição de um terreno-base para a argumentação que é favorável ao seu sucesso e prossegue com a evocação de estados de coisas aparentemente pacíficos e óbvios, pois não há como não reconhecer que o locutor tem razão, seja no segmento inicial da interação discursiva, seja no seu desenvolvimento. As conclusões surgirão, portanto, com naturalidade, como se fossem a única via possível de raciocínio lógico.

4.4. Contudo, o locutor vai tecendo no seu texto comentários dissonantes com as vozes que convoca ao longo da sua referenciação. Chega a estabelecer uma irónica identificação entre o estado hodierno das cidades desertas e “a beleza do silêncio dos cemitérios” (§ 1). O seu discurso vai operando uma modalização avaliadora relativamente discreta, para se tornar absolutamente explícito e até emotivo no início do segundo parágrafo, na exclamação: “Tanto disparate!” (§ 2). Tal referenciação e evocação não são, portanto, neutras, assim como não é neutro o distanciamento que o locutor vai construindo e que se revela em toda a sua veemente expressão a partir do segundo parágrafo; antes servem a comunicação, a persuasão e a argumentação. Partilhamos, neste aspeto, a opinião de Couto, que defende que “significação (referência) e comunicação (interação comunicativa) não existem nem podem ser estudadas independentemente uma da outra” (2020: 108).

ECO-REBEL

O segundo parágrafo do artigo desenvolve-se, então, a partir da afirmação explícita do distanciamento do locutor face às vozes evocadas no primeiro parágrafo. Mais do que distanciamento, pode mesmo afirmar-se que existe uma inversão argumentativa: se, ao longo do primeiro parágrafo, a referenciação de sucessivos estados de coisas parecia apontar para a bondade da ausência de pessoas nas cidades, a partir do início do segundo parágrafo o locutor expõe a insustentabilidade de tal ponto de vista.

Concretiza-se, desta forma, uma das contraposições que marcam este artigo: a que se realiza entre as vozes evocadas e a voz do locutor.

Neste aspeto, o texto ganha características de discurso polémico (KERBRAT-ORECCHIONI, s/d; RAMOS, 2000): trata-se de um discurso desqualificante, no qual o locutor ataca um alvo e coloca ao serviço deste objetivo dominante todos os recursos argumentativos e retóricos ao seu dispor. Assim, o discurso é claramente entendido como um contradiscurso.

4.5. No terceiro parágrafo, o locutor justifica o seu ponto de vista de modo expressivo: faz uma descrição fortemente disfórica das “cidades-cemitério” (§ 3) e contrapõe a esse retrato negativo o desenho das “cidades com vida” (§ 3). Neste louvor da cidade, o locutor configura-a como produto da ação humana ao mais alto nível, associando-a à cultura e aos valores típicos das sociedades democráticas ocidentais: “É na cidade que existe cultura, igualdade, democracia, discussão e tolerância” (§ 3).

4.5.1. O locutor não ignora que nas cidades há traços de destruição e aspetos negativos, como “crime, roubo, doença, acidente” (§ 3). No último parágrafo, fará outra enumeração, com o uso sucessivo de frases curtas, quase todas iniciando com o verbo “ter” (que conta com 12 ocorrências), evocando características negativas das cidades, nomeadamente da cidade de Lisboa. Mas, num evidente exercício de modalização, esses traços da vida urbana são claramente minorizados face ao que a cidade oferece, “liberdade” (§ 3). Concretiza-se, então, mais uma das contraposições que organizam a retórica deste artigo: aquela que se verifica entre a face negra e a face criadora e livre da cidade.

4.5.2. A referência à liberdade ocorre cinco vezes no texto. O locutor apresenta-a como a mais alta conquista da vida em sociedade e mesmo como condição para tal vida. Afirma que as cidades são

ECO-REBEL

as pessoas e a sua vida partilhada, que nas cidades se vivem os valores da humanidade: a democracia, a tolerância, a segurança. Mas, para tal, a cidade tem de estar viva – e aqui se concretiza outra das contraposições anunciadas: aquela que se estabelece entre a cidade morta e a cidade pujante de vida. O locutor anuncia a sua preferência pela segunda (mesmo com todos os riscos e males que a cidade encerra) sobre a primeira; anuncia que prefere a cidade das pessoas que se cruzam a constroem comunidade à cidade dos edifícios mortos e das ruas vazias. Porque sem pessoas não há vida.

4.6. Os parágrafos 4, 5 e 6 apresentam exemplos que, na perspectiva do locutor, sustentam os seus pontos de vista. Trata-se de evocações de factos históricos ou ficcionais (de criação literária/artística) que convocam a memória/imaginação de cidades. Umhas são grandiosas construções humanas, outras mostram a diversidade de tipos de organização das sociedades, outras ainda ilustram casos trágicos de relação entre os indivíduos nas / e as cidades.

Muitas destas referências são feitas de modo indireto, por alusão, convidando o alocutário a fazer uso da sua enciclopédia para preencher os vazios da referenciação. Se, por um lado, tais referências funcionam como elementos probatórios da razoabilidade da argumentação do locutor, por outro colaboram na construção da imagem de locutor e alocutário.

4.6.1. Quanto à imagem do locutor, foi acima feito o seu esboço breve, relativo ao seu *ethos* prévio ou pré-discursivo. Trata-se da “bagagem” que o locutor transporta consigo, construída ao longo dos anos e que permite aos seus interlocutores construírem quadros de expectativas que configuram o tipo de relação com o locutor: o que esperam que este afirme, como o fará, sobre que tópicos, com que objetivos, com que autoridade e inteligência, com que honestidade intelectual.

A longa enumeração de cidades e de autores que lhes são associados no texto do locutor constrói para este uma imagem de erudição (o seu *ethos* discursivo). O locutor apresenta-se como um indivíduo informado, com uma cultura alargada, que mostra conhecimentos vastos e oriundos de campos diversos. Ainda que erudição não seja necessariamente sinónimo de honestidade intelectual, há uma associação implícita que habitualmente se traça entre as duas. A apresentação da longa lista de “tipos de cidade” ou de “casos de cidade”, com os comentários telegráficos que

ECO-REBEL

o locutor tece, leva ao reconhecimento da razoabilidade do seu argumentário e, portanto, da bondade das conclusões favorecidas pelo seu artigo.

Argumentos fundados sobre observações aparentemente objetivas e argumentos de autoridade cruzam-se, portanto, para favorecer a conclusão visada pelo texto.

4.6.2. Por outro lado, tais argumentos permitem igualmente adivinhar o perfil típico do alocutário, tal como o texto do locutor o desenha.

Trata-se de um leitor de jornais; de um leitor de artigos longos, de reflexão sobre o quotidiano e não somente de breves notícias lineares.

Mas, mais importante do que isso, trata-se de um alocutário que, na perspetiva do locutor, será capaz de reconhecer, se não todas, pelo menos a generalidade das referências mais ou menos crípticas que são feitas ao longo do texto. Será alguém capaz de reconhecer que “A Cidade Proibida” está no coração de Pequim, e perceber por que razão é rotulada como sendo “da autoridade” (§ 5); ou porque é que a “Cidade Aberta” se associa à “liberdade” (§ 5), por exemplo. Trata-se de um alocutário com o qual o locutor será capaz de comunicar/interagir, com o qual partilha um socioleto (entendido aqui como um acervo lexical pertencente a uma língua e um conjunto de normas, valores e experiências partilhados por um grupo social delimitado) e, portanto, com o qual estabelece uma comunidade de fala (COUTO, 2016).

Assim, verifica-se que o artigo de António Barreto não se destina a qualquer indivíduo; não se destina a qualquer potencial leitor do jornal; não se destina a qualquer leitor de crónicas ou outros artigos de opinião; mas destina-se àqueles que com ele partilham um conjunto de saberes, experiências, valores e aspirações. Não necessariamente aos que concordam plenamente com ele, até porque não valerá a pena pregar a convertidos. Mas àqueles que integram a referida comunidade de fala, recorte restrito da “comunidade de língua” (COUTO, 2016: 50) mais vasta que compreenderá todos os falantes de língua portuguesa.

4.7. Uma das extrapolações possíveis deste texto encontra expressão na contraposição (implícita) entre cidade e campo.

O locutor apresenta-se como homem de pensamento crítico, culto e refletido. Anuncia os seus valores, que são aqueles que ele identifica e louva na cidade dos homens livres. Enumera traços caracterizadores da cidade, desde as “sirenes de ambulâncias” (§ 2), aos “becos de má fama” (§ 7)

e às esplanadas de espiões e mirones” (§ 7). E termina o seu artigo afirmando que “a liberdade é urbana” (§ 7).

Poderia interpretar-se a referência às “cidades” e ao “urbano” de um modo abrangente, como qualquer comunidade de seres humanos. É da comunidade humana (de qualquer comunidade humana) que nasce a cultura, a partilha, a entreatjada, a segurança, a democracia, a tolerância; assim como as intrigas, as correrias, a exploração ou a violência. Contudo, os exemplos de atividades, de vivências e de valores invocados são urbanos em sentido restrito, excluindo a interpretação mais abrangente acima sugerida.

Tal é visível no léxico deste texto: não há verdadeiramente elementos lexicais que remetam para quadros conceptuais associados ao campo, à natureza ou às atividades campestres e agrícolas, seja como usufruto do espaço, seja como intervenção sobre ele. Todos os exemplos são urbanos em sentido restrito.

As referências ao campo surgem somente no sexto parágrafo: “Quando sonharam com a reeducação de cidadãos na China, foram estes enviados para o campo. Quando pretenderam castigar os adversários e os homens livres na Rússia, foram deslocados para os campos. Quando os tiranos desejaram consolidar o seu poder no Camboja, tiraram milhões de pessoas das cidades.” Ainda que a oposição seja transposta para a ação de outrem (dos regimes chinês, russo ou cambiano nos seus tempos históricos), o campo é referido como espaço de privação e de castigo: privação de liberdade e de tudo quanto a cidade oferece, castigo pelo afastamento (da cidade). Se a cidade é o espaço da liberdade, o campo é o seu oposto.

5. Considerações finais

5.1. No final da leitura do artigo de António Barreto, o leitor poderá concluir que a pandemia motivada pelo vírus COVID-19 tem um lado positivo, como algumas vezes afirmam, pela observação da diminuição dos acidentes viários, da poluição ambiental ou do consumo?

Não é essa a orientação argumentativa do artigo. O locutor parte dessas afirmações, que convoca como saber partilhado com o seu alocutário, para se distanciar delas e lhes opor a sua visão dos estados de coisas. Fá-lo de modo fundamentado, com argumentos fundamentados em observações comprováveis e argumentos de autoridade. Nessa medida, confere ao seu texto um carácter polémico, o que foi assinalado em devido tempo.

ECO-REBEL

Desta forma, o tópico do artigo ganha um rumo que o afasta das questões técnicas ligadas à pandemia, ou a questões sanitárias, e focaliza-se sobre as consequências sociais e políticas da pandemia, nomeadamente sobre a privação de liberdade a que os cidadãos estão sujeitos, como medida para evitar o contágio e a propagação da doença. Não contestando a necessidade dessa privação temporária de liberdade, nem dando crédito a negacionismos delirantes, este artigo constitui um grito de revolta de um confinado, de um prisioneiro dos tempos hodiernos, que atualiza, no contexto atual, outros tantos gritos de inúmeros indivíduos que lutaram e lutam por liberdade.

Assim, a relação entre o indivíduo e o seu território não privilegia as questões de equilíbrio ambiental, ou de sustentabilidade de modos de vida, de produção ou de consumo; ao invés, privilegia a reflexão sobre a construção do edifício social e, sobretudo, sobre os valores que a sustentam. Nessa medida, o texto constitui uma reflexão sobre o relacionamento entre os cidadãos e destes com o seu espaço. Realiza tal reflexão recorrendo àquele que é o recurso basilar do pensamento e da interação: a língua.

Mas uma análise atenta do seu reportório interpretativo, ou do seu discurso, permite desconstruir a relação que o locutor estabelece com o ambiente urbano e com o ambiente rural; com o uso da língua para criar a imagem que projeta de si; e para revelar a imagem que cria do seu alocutário virtual.

5.2. Na perspetiva da linguística ecossistémica, tal como Couto a descreve (especialmente em 2015, 2019 e 2020, mas também em 2014), e tomando como referência o “ecossistema linguístico” (COUTO, 2015: 54), pode afirmar-se que as relações entre população, território e língua são largamente condicionadas pelo uso da língua, na sua atualização em discurso – ou os “atos de interação comunicativa” (idem, *ibidem*: 63), como este que se concretiza através do artigo analisado.

Ganha relevo, neste modelo, a problemática da referência que, como assinalado acima, não pode ser considerada fora da comunicação/interação. De facto, toda a referenciação das coisas e seus estados realizada pelo locutor se encontra ao serviço de um objetivo pragmático dominante: exercer influência, modificar a perceção que o alocutário possui dos estados de coisas, fazendo-o partilhar dos pontos de vista do locutor. A língua, atualizada em discurso, serve este exercício da influência.

Referências

- ADAM, J.-M. *Les Textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan, 1992.
- ADAM, J.-M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2.^a ed., rev. e aum. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ADAM, J.-M. Quels types de textes?. *Le français dans le monde*, n. 192, 1985, p. 39-43.
- AMOSSY, R. *La présentation de soi*. Paris: PUF, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, I*. Paris : Gallimard, 1975.
- BENVENISTE, E. *O homem na linguagem. Ensaio sobre a instituição do sujeito através da fala e da escrita*. Lisboa: Arcádia, 1978.
- BÜHLER, K. *Teoría del Lenguaje*. 3.^a ed. Madrid: Alianza Editorial, 1979.
- COUTO, H. H. Linguística Ecosistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n.º 1, 2015, p. 47-81.
- COUTO, H. H. Linguística ecosistêmica crítica ou análise do discurso ecológica. In COUTO, E.; DUNCK-CINTRA, E; BORGES, L. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 27-41).
- COUTO, H. H. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 5, n.º 2, 2016, p. 49-72.
- COUTO, H. H. Linguística ambiental. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 5, n.º 1, 2019, p. 96-112.
- COUTO, H. H. A microtoponímia nas interações indivíduo-mundo e indivíduo-indivíduo. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 6, n.º 2, 2020, p. 107-125.
- FONSECA, F. I. *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.
- FONSECA, J. Pragmática das perguntas Como p, se q? e Como não p, se q?". Porto: Separata da *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II série, vol. X, 1993.
- JUNG, M. Ecological Criticism of Language. In A. Fill, A.; Mühlhäusler, P. (eds.). *The ecolinguistics reader. Language, ecology and environment*. London / New York: Continuum, 2001, pp. 270-285.

ECO-REBEL

- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1980). *L'énonciation – de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In : *Le discours polémique*. Lyon: Centre de Recherches Linguistiques et Sémiologiques de Lyon, Presses Universitaires de Lyon, (s/d), pp. 3-40.
- RAMOS, R. “Os doze abutres”: estrutura e funcionamento de um texto polémico. In FONSECA, J. (Org.); PINTO, A. G.; ALMEIDA, C. A.; RAMOS, R. *A Organização e o Funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português, Tomo III*. Porto: Porto Editora, 1998, pp. 109-156.
- RAMOS, R. O discurso de opinião como discurso polémico - aspectos da sua configuração e da interacção social. *Comunicação e Sociedade 2 (As Ciências da Comunicação no espaço lusófono - 1)* Série de Comunicação - Cadernos do Noroeste, 14:1-2. Braga: ICS - Universidade do Minho, 2000, pp. 235-247.
- SEARLE, J. *Expression and Meaning. Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com a referência UIDB/00317/2020

ECO-REBEL

ANEXO

As cidades mortas

Grande angular

António Barreto

1. Em tempos difíceis, ouvem-se frases inesperadas e lêem-se [sic] pensamentos surpreendentes. Entre estes últimos, um dos mais espantosos diz respeito às cidades. Ao estado em que se encontram. Desertas! Silenciosas. Sem turistas. Sem movimento. Sem ruído. Sem buzinas. Sem poluição. Há quem diga explicitamente: “Ai que bom! Deveria ser sempre assim.” Ou então “Assim é que a cidade é bonita e dá vontade de viver!” Há quem pense e quem diga a sério que as cidades não deveriam receber mais turistas (pelo menos tantos...), nem cruzeiros (se fossem menos...), nem estrangeiros (a não ser os que se portam bem...). E também não deveria haver automóveis (a não ser os nossos...). Nem autocarros ou aviões por cima das cabeças. Há quem pense que o exemplo das cidades durante a epidemia deveria ser uma lição e levar as autoridades a fazer com que as cidades, depois, um dia, fossem mais ou menos o que são hoje: quase desertas. Ou com a beleza do silêncio dos cemitérios.

2. Tanto disparate! Sabe-se que a morte pode ser fotogénica e que a dor dos outros pode ser atraente. Mas daí a estabelecer a beleza destas cidades mortas vai um passo que roça a loucura ou a tolice. Pode haver sossego em cidades silenciosas e ruas vazias, com comércio fechados e sem passeantes? Pode haver paz em cidades sem vida, sem cheiro, sem ruído de fundo e sem agitação? Pode haver alegria em cidades sem urbano, cidades sem conversa e sem intriga, cidades sem correrias, sem atrasos, sem reuniões, sem idas para o trabalho, sem escolas, sem crianças e sem sirenes de ambulâncias? Pode haver cidades sem polícias e ladrões?

3. As cidades desta epidemia são cidades sem vida, paradas no tempo, sem alegria, são cidades-cemitérios. São cidades depois da bomba de neutrões, que poupa as coisas, mas mata os seres humanos e os animais. As cidades com vida são grandes criações humanas, quase obras de arte, mas sem dúvida obras de génios, do génio de planeadores e de génios de milhares de indivíduos e de milhões de decisões que, sem plano, convergem e criam. A cidade é um dos cumes da criação

ECO-REBEL

social. É na cidade que existe cultura, igualdade, democracia, discussão e tolerância. Sabemos que também pode haver crime, roubo, doença, acidente, mas tudo isso é nada comparado com a liberdade e a criação que a cidade nos dá. Nem com a alegria que nos proporciona. Até porque a cidade também é protecção [sic] e segurança.

4. O mistério, o encanto e a alegria da cidade foram analisados e cantados pelos melhores. Por Lewis Mumford, que, apesar da sua visão crítica das cidades contemporâneas, realçou como poucos a ideia de que a cidade, mais do que matéria e engenharia, é obra de espírito. Por Italo Calvino, que, melhor do que ninguém, mostrou que as cidades são como os sonhos, feitos de medos e de desejos. Por Santo Agostinho, que gravou as expressões Cidade de Deus e Cidade da Terra, com as quais quase resumiu a condição humana. Por Augusto Abelaira, que, na *Cidade das Flores*, nos levou, há mais de cinquenta anos, a uma Lisboa disfarçada de Florença, onde sugeriu que a palavra e a arte acompanhavam os desejos de juventude e que política e amor podiam andar juntos. Por Jacques Le Goff, que nos garantiu que, desde a Idade Média, foram as cidades que permitiram e criaram as ciências e as letras. E até por Alphonse Allais, que escarnecia dos que vociferavam contra os problemas urbanos, recomendando-lhes que simplesmente deveriam construir as cidades nos campos!

5. Para Marco Polo e o Kublai Khan, segundo Calvino, havia pelo menos 55 tipos de cidades. É possível. Todas elas com ideia e espírito. Todas com história e vocação. Todas com um lugar no património da humanidade. E parece que não há duas cidades iguais. Nem sequer parecidas. Há Veneza, única. Atenas e Esparta. Cusco e Machu Picchu. Tróia [sic], Cartago e Alexandria. Babilónia e Roma. Palmira, Constantinopla e Alepo. Foi nas cidades que se fizeram as universidades e as bibliotecas. Mas também as orquestras e os museus. Cada cidade é um resumo de vida e de história. Há nomes de cidades que nem precisam de ser ilustrados. A Cidade Proibida, da autoridade. A Cidade Aberta, da liberdade. A Cidade República e a Cidade Império. A Cidade de Arte. A Cidade Antiga. A Cidade Medieval. A Cidade Ideal, do Renascimento. A Cidade Industrial. A Cidade-Luz. A Cidade do Vinho. Ou a Cidade ao lado das Serras. E as duas cidades das cenas no tempo da revolução francesa! Há cidades mágicas, invisíveis, felizes, operárias, financeiras e burguesas. O que não há são cidades mortas, cidades desertas, cidades-cemitérios, cidades ruínas... Ou antes, não deveria haver. São contradições nos termos.

ECO-REBEL

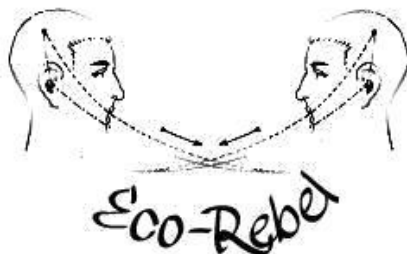
6. Um povo sem cidade é um povo triste. Ou atrasado. Ou conquistado. Ou escravo. O Imperador louco pegou fogo à cidade, Roma. Os deuses destruíram e castigaram as cidades de maus costumes, Sodoma, Gomorra e Pompeia. Quando fizeram campos de concentração na Alemanha, esvaziaram cidades. Quando sonharam com a reeducação de cidadãos na China, foram estes enviados para o campo. Quando pretenderam castigar os adversários e os homens livres na Rússia, foram deslocados para os campos. Quando os tiranos desejaram consolidar o seu poder no Camboja, tiraram milhões de pessoas das cidades. Napoleão e Hitler queriam as cidades, quiseram Moscovo, em Moscovo esbarraram e a guerra perderam. Os ditadores não se sentem bem nas cidades. Nem gostam de quem vive nas cidades, porque a liberdade é cidadina. E porque cidadania vem de cidade.

7. As cidades são antros de crime e pecado. Têm noites malvadas e esquinas fatais. Têm escadinhas de droga e de assalto. Têm becos de má fama e calçadas de reputação duvidosa. Têm tango e fado. Têm esplanadas de espões e mirones. Têm especuladores e açambarcadores. Têm criança abandonada, mulher explorada, homem bandido, velho adoentado e jovem a quem batem. Têm minorias oprimidas e máfias tribais. As cidades têm crime e doença, têm violência e drama, mas é nas cidades que encontramos o sentido criativo, a invenção e o progresso. As cidades têm exploração e despotismo, mas é nas cidades que temos liberdade. Aliás, a liberdade é urbana.

Sociólogo

Aceito em 01/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



ESTAMOS MESMO EM ISOLAMENTO SOCIAL? INTERAÇÕES COMUNICATIVAS ATRAVÉS DE MEIOS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mario Luis Monachesi Gaio (UFF/FAPERJ)

Resumo: Pandemias mundiais são raras e, justamente por isso, são experienciadas no máximo uma vez nas nossas vidas. A pandemia provocada pela COVID-19 tem mudado a relação do ser humano com o mundo (organismo-habitat) e com os outros seres humanos (organismo-organismo), mostrando a importância da Visão Ecológica do Mundo, por um lado, e evidenciando a necessidade humana de relacionar-se socialmente. A pandemia em que estamos mergulhados é a primeira a acontecer em tempos de enorme avanço tecnológico no campo da informação e da comunicação. A última desse porte aconteceu cerca de 100 anos atrás, a chamada Gripe Espanhola. Somente doenças infecciosas podem provocar pandemias e, conseqüentemente, uma das estratégias de prevenção é o chamado Isolamento (ou Distanciamento) Social. Mas afinal, estamos realmente isolados socialmente? Ou esse distanciamento é somente físico? O Isolamento Social vai contra a natureza humana, pois, como percebeu Aristóteles, o Homem é um animal social. Em momentos como este, nota-se a relevância do Ecosistema Artificial da Língua (GAIO, 2018) na manutenção dos Atos de Interação Comunicativa (AIC). O Espaço Artificial, extensão tecnológica do espaço territorial tangível, é o território utilizado pelos falantes para manterem-se em permanente contato social, sendo um alento para esses dias difíceis. A pandemia nos obrigou a evitar o contato físico, mas não o social. Os AIC presenciais, tão naturais para o ser humano, têm sido substituídos temporariamente por interações à distância. Mudam-se as práticas e os meios, permanecem as interações. Afinal, “toda sociedade é languageira” e “toda prática de linguagem é social” (LAGARES, *no prelo*). Se as práticas de linguagem sofreram alteração apenas no meio em que acontecem, não podemos falar em Isolamento Social, mas em Isolamento Físico ou Distanciamento Corporal. O conceito de Ecosistema Integral da Língua, que reúne os ecossistemas mental, social e natural (COUTO, 2016), e o pressuposto teórico do Ato de Interação

Comunicativa como fundamento da Linguística Ecológica (COUTO, 2016; 2017b) norteia o estudo que apresento neste trabalho.

Palavras-chave: Linguística ecológica; Ecossistema integral da língua; Ecossistema artificial da língua; Isolamento social

Abstract: Worldwide pandemics are rare and, precisely for this reason, are experienced at most once in our lives. The pandemic caused by COVID-19 has changed the relationship of the human being with the world (organism-habitat) and with other human beings (organism-organism), showing the importance of the Ecological View of the World, on the one hand, and highlighting the human need to relate socially. The pandemic in which we are immersed is the first to happen in times of enormous technological advance in the field of information and communication. The last of this magnitude happened about 100 years ago, the so-called Spanish flu. Only infectious diseases can cause pandemics and, consequently, one of the prevention strategies is the so-called Social Isolation (or Distancing). But after all, are we really socially isolated? Or is this distance only physical? Social isolation goes against human nature, because, as stated by Aristotle, man is a social animal. At times like this, one notices the relevance of the Artificial Ecosystem of Language (GAIO, 2018) in the maintenance of the Acts of Communicative Interaction (ACI). The Artificial Space, technological extension of tangible territorial space, is the territory used by speakers to maintain permanent social contact, being a breath of fresh air for these difficult days. The pandemic forced us to avoid physical contact, but not social contact. The face-to-face ACIs, so natural to human beings, have been temporarily replaced by remote interactions. Practices and means have changed, interactions remain. After all, "every society is *langagière*" and "every practice of language is social" (LAGARES, forthcoming). If language practices have changed only in the environment in which they happen, we cannot talk about Social Isolation, but about Physical Isolation or Body Distancing. The concept of the Integral Ecosystem of Language, which brings together the mental, social and natural ecosystems (COUTO, 2016), and the theoretical assumption of the Act of Communicative Interaction as the foundation of Ecosystem Linguistics (COUTO, 2016; 2017b) guide the study I present in this paper.

Key-words: Ecosystemic Linguistics; Integral ecosystem of language; Artificial ecosystem of language; Social isolation

1. Introdução

O mundo, como o conhecemos antes da pandemia causada pela COVID-19, não será mais o mesmo. Assim afirma o microbiologista Átila Iamarino, que se tornou famoso quase de um dia para o outro, por causa de seus esclarecedores vídeos de divulgação científica acerca do momento atual. Em recente entrevista à BBC News/Brasil, afirmou:

ECO-REBEL

"O mundo mudou, e aquele mundo (de antes do coronavírus) não existe mais. A nossa vida vai mudar muito daqui para a frente, e alguém que tenta manter o status quo de 2019 é alguém que ainda não aceitou essa nova realidade"¹.

Ele não está sozinho nessa empreitada. Uma breve busca no Google por "o mundo não será mais o mesmo depois da pandemia" mostra um sem número de reportagens de veículos jornalísticos importantes sobre as mudanças que virão. Em artigo no *El País/Brasil*, o jornalista Clayton Melo aponta "dez tendências para o mundo pós pandemia"². Apesar de ser um artigo de opinião, o ponto crucial da coluna, a nosso ver, mostra que o Coronavírus é um acelerador de futuros. Em outras palavras, ele serviu, ou está servindo para antecipar práticas que ainda víamos como futuristas antes da pandemia. Não é nosso propósito falar sobre essas tendências elencadas pelo jornalista, mesmo porque elas têm relação com o mercado e com a economia, mas queremos citar apenas duas: revisão de crenças e valores e trabalho remoto. Quanto à primeira, o autor faz referência a Peter Lunn, chefe da unidade de pesquisa comportamental da Trinity College Dublin, em entrevista concedida ao jornal *Newsday*³. Lunn afirma que

"uma crise como essa pode mudar valores. As crises obrigam as comunidades a se unirem e trabalharem mais como equipes, seja nos bairros, entre funcionários de empresas, seja o que for... E isso pode afetar os valores daqueles que vivem nesse período —assim como ocorre com as gerações que viveram guerras"⁴.

Em outras palavras ele quer dizer que há tendência a uma maior solidariedade entre as pessoas, motivadas pela crise que afeta a todos sem exceção, de qualquer classe social, etnia, gênero ou grau de escolaridade. Esperamos que essa tendência se confirme, embora a realidade brasileira seja complexa. Afinal, temos um presidente que nega sistematicamente os perigos dessa doença, minimizando seus riscos insistentemente e provocando insegurança⁵. Quem ocupa o cargo mais alto na hierarquia político-administrativa do país deve dar exemplos, e o dele não é nada positivo.

¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52061804> (última visita em 21/07/2020)

² <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html> (última visita em 21/07/2020)

³ A íntegra da entrevista está aqui: https://www.newsday.com/news/health/coronavirus/coronavirus-future-changes-futurists-1.43635849?utm_source=tw_nd (última visita em 21/07/2020)

⁴ Mantivemos a tradução do jornalista Clayton Melo, publicada no *El País*.

⁵ Seguem alguns links com notícias sobre o tema:

<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>;

(última visita em 21/07/2020)
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/dubio-bolsonaro-minimiza-pandemia-enquanto-busca-mais-poder-nostf.shtml>; (última visita em 21/07/2020)

ECO-REBEL

A segunda tendência que assinalamos é a aceleração de um processo que já vinha tomando forma e constituindo-se como alternativa há algum tempo. A crise fez com que empresas e órgãos públicos, na medida do possível, alterassem seus processos de trabalho e adiantassem seus prováveis planos de aumentar o número de trabalhadores remotos. O motivo, claro, não era evitar o contato, e o possível contágio, entre os funcionários, mas reduzir custos. Portanto, o processo foi agilizado.

Ambas as tendências têm relação direta com os estudos da Linguística Ecológica (COUTO, 2016; 2017b), o que nos motivou a desenvolver esse pequeno artigo. A solidariedade, que deveria ser uma premissa da condição humana, é um dos fatores mais agregadores nas sociedades. Está intrinsecamente ligada a um preceito básico tratado pela Linguística Ecológica, a comunhão.

O trabalho remoto, por sua vez, distancia os colegas de trabalho, mudando bastante a configuração de um dos domínios de uso da língua (FISHMAN, 1986 [1972]), o do ambiente de trabalho. Neste estudo, veremos que nos baseamos nesses domínios para mostrar que eles são subdivisões do ecossistema social no qual vivem indivíduos. Em outros termos, o Ecossistema Social, parte do Ecossistema Integral da Língua, pode ser encarado como um conjunto de domínios (*domains*) de uso da língua, que chamaremos de pequenos ecossistemas sociais da língua, uma vez que em cada um desses domínios há um uso diferente da língua.

O que se põe em tela, então, está no título deste artigo: afinal, estamos mesmo em isolamento social? O que é isolar-se socialmente? E como a Linguística Ecológica pode nos ajudar a desvendar essa questão? A partir de sua premissa mais básica, a Interação Comunicativa, queremos discutir as novas possibilidades de interação surgidas no século XXI e aceleradas pelas dificuldades criadas pela pandemia causada pela COVID-19. Veremos que a tecnologia, ao contrário de nos afastar, tem facilitado as nossas interações diárias e até modificando algumas das 15 regras interacionais observadas por Couto (2016, p. 235), como a regra sistêmica. A tecnologia nos proporciona a possibilidade de estendermos as interações em territórios virtuais. Também, a partir do momento em que o registro escrito prevalece nas interações nesses espaços virtuais e à semelhança do que acontece nos processos de variação linguística, esse registro também sofre

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/08/interna_politica.870278/mesmo-infectado-bolsonaro-continua-minimizando-pandemia-de-covid-19.shtml (última visita em 21/07/2020)

variações importantes. Por último, mostraremos o caso dos neofalantes digitais, indivíduos que têm as línguas minorizadas de suas regiões de origem como L2, mas que, no espaço virtual, se comunicam por meio dela. Essas modificações de uso de línguas nesse espaço virtual caracterizam a formação do Ecosistema Artificial da língua como extensão do Ecosistema Social.

2. O Ecosistema integral da língua

Como preconizado pela Linguística Ecosistêmica, o Ecosistema Integral da Língua (EIL) é formado pela fusão dos Ecosistemas Natural, Mental e Social, cada um com sua tríade específica.

No Ecosistema Mental da Língua, T é a mente do falante, L é o conjunto de conexões neurais e P tem relação com os desejos e tomadas de decisão do indivíduo. No Ecosistema Social da Língua, T é a sociedade onde esse indivíduo vive, P é a coletividade e L é a manifestação linguística com que essa coletividade interage. No Ecosistema Natural da Língua, T é o território físico, material, P são as pessoas naturais e L, a língua dessas pessoas (COUTO, 2016). Os três ecossistemas agrupados formam o EIL. Em virtude do crescente aumento das interações comunicativas via sistemas digitais, tais como os aplicativos de troca de mensagens, Gaio (2018) sugere que há um novo Ecosistema em surgimento, o Ecosistema Artificial da Língua, extensão do Natural, que supre a necessidade comunicativa dos interlocutores quando não simultaneamente presentes no mesmo ambiente físico (uma sala, um parque, um banco de jardim...). Porém,

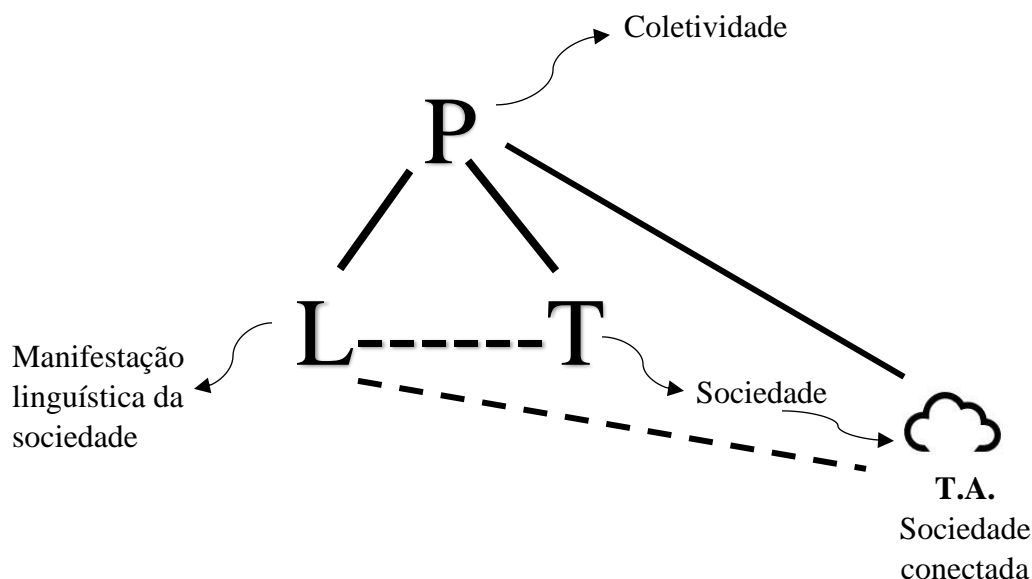
O Ecosistema Artificial da Língua acaba por ser uma extensão do Ecosistema Natural da Língua. Foi criado a partir desse último, pode ter certa autonomia, mas não está completamente desvinculado do Natural. O Artificial só existe porque existe o Natural (GAIO, 2018, p. 177)

De um ponto de vista bastante abrangente, esse conceito é válido. A fundamentação está na analogia entre a Internet e o planeta Terra, esse último o território onde vivem, convivem e podem interagir comunicativamente todos os seres humanos existentes, e o primeiro, o território virtual que nos permite uma interação comunicativa remota. Estamos todos (ou quase todos) conectados na web 24 horas por dia com nossos smartphones. Acontece que, sob um ponto de vista mais restrito, esse espaço virtual funciona bem mais como uma extensão do meio ambiente social.

ECO-REBEL

No espaço virtual, a protagonista é a atividade social e suas interações. Apesar do distanciamento físico a que estamos submetidos nessa pandemia, o meio ambiente social continua ativo, funcionando, através do suporte desse espaço virtual. Em outras palavras, se dissemos que o meio ambiente artificial é uma extensão do natural e dele depende, podemos dizer a mesma coisa a respeito do meio ambiente social em relação à sua atividade. É a atividade social (interações comunicativas constantes e necessárias) que mantêm o ecossistema artificial vivo. O Ecossistema Artificial em sua plenitude e na sua função primordial só existe porque existem os Ecossistemas Sociais ativos.

Ecossistema Social da Língua com sua extensão artificial:



3. Isolamento: conceitos e terminologia

Isolamento Social. Essa é uma das expressões linguísticas do momento, ao lado de outras semelhantes tais como Distanciamento Social, Quarentena, o anglicismo *lockdown*, entre outras.

ECO-REBEL

A motivação, claro, é a pandemia mundial provocada pela COVID-19, a doença causada pelo Coronavírus.

O site do Ministério da Saúde brasileiro, em sua página dedicada à pandemia da COVID-19⁶, não apresenta definições sobre a terminologia específica acerca de isolamento, distanciamento e quarentena utilizada no combate e tratamento dos doentes. A COVID-19 é causada por um vírus novo, que, ao que tudo indica, é de origem zoonótica, o que confirma os preceitos da Visão Ecológica do Mundo: o equilíbrio da convivência entre as espécies vivas no nosso planeta. Não há ser vivo superior ou inferior a nenhum outro. A recomendação geral para evitar o contágio pela COVID-19 é ficar em casa. Na medida do possível, muita gente se recolheu e, na pior das hipóteses, passou a sair menos de casa. Aulas em escolas e faculdades foram suspensas e muitas empresas se organizaram para que seus funcionários, de acordo com a função, pudessem trabalhar de casa, remotamente.

O Telessauders⁷, núcleo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), define separadamente Isolamento e Distanciamento Social, no contexto atual da pandemia provocada pela COVID-19:

- Distanciamento social é a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade para diminuir a velocidade de transmissão do vírus.
- Isolamento é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticos respiratórios, casos suspeitos ou confirmados de infecção por coronavírus) das não doentes, para evitar a propagação do vírus.

A CNN Brasil⁸ apresenta as seguintes orientações e definições:

- Distanciamento social: é recomendado a todos. Enquanto se pratica o distanciamento social, é possível sair de casa, desde que se evite aglomerações e mantenha distância de no mínimo um metro de outras pessoas.

⁶ <https://coronavirus.saude.gov.br/>

⁷ https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/ (última visita em 08/07/2020)

⁸ <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/31/quarentena-isolamento-e-distanciamento-o-vocabulario-da-pandemia> (última visita em 08/07/2020)

ECO-REBEL

- Isolamento social: neste procedimento, a pessoa fica em casa e pode ter contato com quem mora. É recomendado não encontrar amigos ou familiares externos e restringir saídas somente para o que for essencial.

Pode-se buscar outras definições em outras fontes idôneas e o resultado é praticamente o mesmo. O que se entende por isolamento ou distanciamento social é, ao fim e ao cabo, um distanciamento físico entre as pessoas e é esse o ponto que queremos discutir nesse breve estudo.

É verdade que a pandemia nos obrigou a evitar o contato físico, mas não o social. As interações sociais presenciais, tão naturais para o ser humano, têm sido substituídas temporariamente por interações à distância. Mudam-se as práticas e os meios, permanecem as interações. O ser humano tem necessidade de contato social, somos animais sociais, como disse Aristóteles, e nos viramos para conseguir manter contato. Evidentemente, a necessidade primária do contato é a interação comunicativa, seja ela como for. As pessoas sentem necessidade de falar. Como aponta Lagares (no prelo), “toda sociedade é linguageira e toda prática de linguagem é social”. A necessidade de interação é anterior à necessidade do contato físico. Portanto, esse contato virtual atenua as dificuldades do distanciamento. Friso o verbo "atenuar" porque o contato físico, ou pelo menos a proximidade física é insubstituível e necessária, sobretudo numa sociedade como a brasileira, cuja cultura inclui o abraço, prevê o beijo no rosto para se cumprimentar até desconhecidos e é a única no mundo a ter o cafuné como manifestação de carinho.

Observamos esse comportamento em todo o mundo, antes que a pandemia atingisse o Brasil em pleno. Enquanto e onde foi possível, as pessoas tentavam interagir pelas varandas de suas casas, janelas e áreas comuns. Foi o que vimos na Itália, e posteriormente em outros países. As pessoas tocavam músicas nas varandas de suas casas, e a adesão – o estado de Comunhão – era enorme. Uns acompanhavam com os instrumentos musicais que tinham, outros cantavam, outros ainda participavam de outras formas, mas raros eram os que não se manifestavam.

Desde a caracterização oficial, pela OMS⁹, da pandemia, é muito provável que a média de tempo de uso e navegação em mídias sociais tenha aumentado consideravelmente. Notícia do jornal *Valor Econômico* ainda de março de 2020 já apontava para esse comportamento com relação

⁹ Organização Mundial da Saúde

ao Facebook¹⁰, o que nos leva a crer que valha também para outras mídias populares como Instagram, Twitter etc. Embora sejam mídias que permitem interação, não é disso que tratamos aqui. Nosso objeto de observação são os aplicativos criados para a interação comunicativa propriamente dita, tais como Whatsapp ou Telegram. Portanto, vamos tratar das interações comunicativas realizadas por esse tipo de plataforma. Se os usuários (P) conseguem interagir comunicativamente (L) com eficácia através dessas ferramentas, deve haver um espaço (T) que dá suporte a essas interações. A questão é entender onde está T nesse tipo de interação.

Independentemente do tipo de Interação Comunicativa, é evidente que os seres humanos partícipes estão em algum lugar fisicamente apoiados. Antes da invenção do telefone, interações à distância eram impossíveis¹¹. Hoje, elas não somente são possíveis, mas nos permitem conversar tão efetiva e produtivamente quanto aquelas em presença física. Se toda prática de linguagem é social e se as práticas de linguagem sofreram alteração apenas no meio em que acontecem, não podemos falar em Isolamento Social, mas em Isolamento Físico.

4. Os Domínios de uso da língua

O construto teórico de Fishman (1986 [1972]) sobre os domínios de uso da língua orienta parte do nosso estudo. Seu trabalho tinha foco no multilinguismo e na observação de qual língua era usada em cada ambiente comunicativo, os *domains*. Mesmo num contexto de monolingüismo, os diversos ambientes comunicativos frequentados pelos falantes pedem variedades linguísticas distintas. Assim, um falante se comporta linguisticamente de uma forma em família, de outra na relação com a coletividade em que vive (rua, bairro...), de uma outra ainda se precisa se relacionar com a administração pública (prefeitura, órgãos públicos...) e assim sucessivamente. Todos esses *domains* são sociais, portanto, estamos tratando dos Ecosistemas Sociais, parte do Ecosistema Integral da Língua.

¹⁰ <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/03/25/facebook-registra-aumento-no-uso-de-plataformas-por-coronavirus.ghtml> (última visita em 17/07/2020)

¹¹ O telégrafo foi inventado cerca de 40 anos antes, mas seu escopo era transmitir mensagens, muito mais do que facilitar a interação comunicativa.

ECO-REBEL

O Ecosistema Social tem como T uma entidade abstrata. O *locus* do Ecosistema Social é a totalidade dos indivíduos que vivem em uma comunidade (COUTO, 2016, p. 229). Podemos ampliar essa definição como um conjunto de pequenos ecossistemas igualmente sociais, aqui representados pelos domínios de uso da língua como proposto por Fishman.

Segundo os preceitos da Linguística Ecológica, delimitemos nosso estudo a um hipotético município, e admitamos que os moradores desse município sejam uma coletividade, "seres comunitários e sociais" (COUTO, 2016, p. 228). Os indivíduos que compõem essa coletividade interagem comunicativamente em diversos domínios. Num passado não muito distante, em caso de necessidade de distanciamento físico por pandemia, haveria necessariamente uma interrupção brusca de interações em diversos domínios. Provavelmente, somente o ambiente familiar se manteria ativo. Nos dias de hoje, porém, essa ruptura não acontece, mas sofre transformação. As interações permanecem, o que é um alento para quem deve ficar fechado em casa. Graças à tecnologia, as relações sociais da coletividade em que se vive (assembleias de condomínio, de associações de bairros etc.), as relações de trabalho (reuniões de equipe e outras) e até mesmo algumas demandas ao serviço público continuam acontecendo (quase) normalmente. Escolas, faculdades e universidades já planejam a volta ao ritmo normal das aulas valendo-se dessas ferramentas tecnológicas que nos permitem estarmos próximos uns dos outros, sem contato físico. Todos os domínios de uso social da língua estão atendidos.

5. Comunhão e descomunhão

Couto (2017a) afirma que a Comunhão, para a Linguística Ecológica, "é pressuposta para que haja interação comunicativa, ou seja, comunicação linguística eficaz". Reciprocamente, "onde há interações comunicativas eficazes, entende-se que em algum momento anterior houve Comunhão" (GAIO, *no prelo*). A comunhão é um estado de espírito. Como animal social, o ser humano precisa viver em comunidade (ou sociedade). Em regra geral, nossa condição de humanos nos faz acessíveis e amáveis sempre que conhecemos outro semelhante. No Brasil atual, até mesmo democratas e bolsonaristas podem ser cordiais uns com os outros antes de saberem o que defendem ideologicamente. Depois, virá certamente a descomunhão.

ECO-REBEL

O estado de descomunhão é a ruptura do estado de comunhão, seja qual for o motivo. Segundo Matos *et al.* (2014), descomunhão é a linguagem não harmoniosa, que leva ao desentendimento. Assim, “‘entendimento’ está para ‘comunhão’ assim como ‘desentendimento’ para ‘incomunhão¹²’” (Matos *et al.*, 2014). A interpretação de Couto (2015) sobre descomunhão é diferente. O autor atribui aos aparatos de comunicação remota o estímulo ao isolamento, mesmo que as pessoas estejam em presença física, numa mesma sala, por exemplo.

[...] após esses dois artefatos [celular e WhatsApp] as pessoas estão deixando de conviver efetivamente com quem está seu lado, interagindo sempre com quem está ausente. Em vez da Comunhão, estão todas em Descomunhão, ou seja, fisicamente juntas, mas mental e espiritualmente separadas pelo aparelho de celular e o WhatsApp. Em vez da aldeia global prevista por Marshall McLuhan na década de sessenta do século passado, o que temos é um bando de individualidades, de pessoas que se consideram livres, mas que estão escravas de uma engenhoca criada pela tecnologia. Esta desfaz o que a natureza faz. O espaço físico mantém as pessoas juntas, com o que deveriam interagir entre si como antigamente. No entanto, a tecnologia as separa (Couto, 2015).

Inegavelmente, qualquer meio de comunicação de massa desenvolvido ao longo da história tem interferido nas relações pessoais, desde o rádio, até o smartphone, e quiçá o que virá ainda. A questão que eu apresento é intrinsecamente ligada a esse mesmo desenvolvimento, que, a meu ver, é sempre destinado a aumentar as interações, e não a diminuí-las, a partir do pressuposto aristotélico. Entretanto, os aparatos tecnológicos permitem uma espécie de seletividade fácil: os interlocutores escolhem quando e com quem interagir, o que pode nos levar a supor que haja uma relação entre aumento de interações e redução de sua longevidade e complexidade.

6. Antes da pandemia

Embora a importância das interações nesse espaço virtual tenha se tornado mais evidente nestes tempos de pandemia e isolamento, elas já acontecem produtivamente, como extensão do meio ambiente social, há mais de 10 anos. Quem de nós não faz parte de um grupo do WhatsApp chamado "Família"? É a extensão do domínio fishmaniano familiar. Neste domínio acontecem até desavenças sérias, uma vez que seus membros são íntimos. Parece paradoxal, mas o excesso de

¹² O mesmo que Descomunhão.

ECO-REBEL

intimidade é um adubo para a descomunhão. Nos últimos 4 ou 5 anos então, são notáveis os casos de rupturas familiares por motivos políticos, dada à espiral de polarização a que fomos submetidos, não só pela mídia tradicional, mas também pelas já famosas Fakenews distribuídas e compartilhadas nesses espaços virtuais, em que bastam dois ou três cliques para transmitir mensagens a um sem número de pessoas, sejam essas mensagens verdadeiras ou não. Imaginemos uma praça pública e um orador qualquer usando um megafone para disseminar suas ideias sobre determinado tema. No espaço virtual, comparando-o à praça pública, o megafone corresponde a um clique sobre a tecla "enviar", mas com progressão geométrica de disseminação (chamada viralização). Já o megafone tradicional tem potência para disseminação apenas em progressão aritmética.

O domínio comunicativo que compreende o ambiente de trabalho também se estende há bastante tempo graças a esses aplicativos. Contratos são fechados, documentos são transmitidos, vendas são concretizadas sem que as pessoas se movam. Da mesma forma que no domínio familiar, o ambiente social de trabalho também dá mostras de que essas interações no espaço virtual funcionam, em alguns casos, com mais eficiência do que no ambiente natural, dada a velocidade de transmissão e seu poder de alcance.

Um caso recente famoso e que veio a público foi a reportagem do site *The Intercept* Brasil, denominado Vaza Jato¹³, em alusão à operação Lava Jato, da Polícia Federal. Conversas vazadas (e daí o nome Vaza Jato) entre o juiz federal que conduzia a operação e os procuradores da força tarefa mostraram ao mundo claramente que esse espaço virtual não serve apenas a uma mera troca de mensagens, mas até mesmo para articular ações espúrias: um espaço de interação comunicativa completo. A própria nomenclatura usada (conversa, diálogo, discussão, reunião) demonstra os Atos de Interação Comunicativa reais:

"Os diálogos demonstram que os procuradores não são atores apartidários e apolíticos, mas, sim, parecem motivados por convicções ideológicas e preocupados em evitar o retorno do PT ao poder. As **conversas** fazem parte de um lote de arquivos secretos enviados ao Intercept por uma fonte anônima há algumas semanas".

¹³ <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/> (última visita em 17/07/2020)

ECO-REBEL

"Um clima de revolta e pânico se espalhou entre os procuradores. Acreditando se tratar de uma **conversa** privada que jamais seria divulgada, eles deixaram explícitas suas motivações políticas".

"Toda a **discussão**, que se estendeu por várias horas, parece mais uma **reunião** entre estrategistas e operadores anti-PT do que uma **conversa** entre procuradores supostamente imparciais". ¹⁴ (grifos nossos)

Da mesma forma que o domínio comunicativo do ambiente de trabalho tem a sua extensão, o domínio escolar se vale desses recursos para estender o espaço destinado ao aprendizado. O WhatsApp já serve de apoio a estudantes e professores, de qualquer nível escolar, para interação e discussão de temas que dizem respeito às aulas dadas.

Há ainda outros domínios, mas vamos nos ater a esses. Há muitas evidências de que estamos falando realmente de um espaço virtual. Uma delas, anterior aos aplicativos de interação, é a transmissão de documentos entre pessoas. Nas grandes empresas, a troca de documentos em papel, além de obrigatoriamente serem fisicamente tangíveis (escritos a mão, datilografados e mesmo impressos) era feita por meio de funcionários denominados "contínuos" (o termo "contínuo" foi posteriormente anglicizado para *office boy*). Estes deveriam carregar o documento entre um funcionário e outro, percorrendo o território fisicamente. Nada disso é mais necessário. Primeiro, porque os documentos não necessariamente precisam ser impressos e podem ser armazenados eletronicamente. Segundo, porque a transmissão se dá pelo espaço virtual. Um documento qualquer pode ser enviado de um funcionário a outro em segundos, esteja o receptor onde estiver, desde que conectado à internet, que é o grande território virtual extensivo do natural.

A internet é um espaço virtual infinito, comparável ao universo. Não é um lugar específico. Através dela podemos ter acesso virtual ao que existe no mundo real, mas com limitação a dois dos nossos sentidos naturais: visão e audição (GAIO, *no prelo*).

Há evidências linguísticas também. Couto (2016, p. 233) nos ensina que "a língua nasce nos atos de interação comunicativa (AIC) em suas respectivas ecologias de interação comunicativa, tanto ontogenética quanto filogeneticamente". Podemos ampliar essa ideia e pensar não somente no nascimento de uma língua, mas nos seus próprios processos de variação. Daí as

¹⁴ <https://theintercept.com/2019/06/09/procuradores-tramaram-impedir-entrevista-lula/> (última visita em 17/07/2020).

ECO-REBEL

menções à ontogênese e à filogênese. As interações nos espaços virtuais têm alterado a função semântica de diversas expressões. Se *entrar* e *sair* da internet não faz mais sentido (estamos sempre nela com nossos smartphones), esses mesmos verbos são usados para o acesso a mídias, portais de notícias, buscadores, *blogs* etc. Esses lugares virtuais têm como referências os advérbios de lugar, como *aqui*, *ali*, *lá*. "Não achei nada lá" (referindo-se, por exemplo, a um portal de notícias). "Você prefere conversar aqui ou no Messenger?", com o *aqui* se referindo ao WhatsApp, ou semelhante. E nem mencionamos o mais antigo verbo usado para a internet: *navegar*.

Por fim, mas não menos importante, as regras interacionais, inclusive as regras sistêmicas, as relativas à estrutura da língua, podem também sofrer alterações importantes. No espaço virtual prevalece o registro escrito com práticas do registro oral. É comum o encurtamento de certos vocábulos em nome da agilidade, e só isso já nos mostra que a ortografia nesse território costuma ter "vida própria". "Vc" substitui *você*, "fds" substitui *fim de semana*, "blz" substitui *beleza*... E há mais exemplos. Um dos mais interessantes é "pq" substituindo os usos de *por que*, *porque*, *porquê* e *porquê*, mostrando que a prescrição das regras para esses últimos talvez não tenha mais sentido pois "pq" dá conta de qualquer um deles, sem causar ambiguidades. É uma mudança morfossintática importante.

7. Os neofalantes digitais e o ecossistema artificial da língua

Nos contextos multilíngues, onde há mais de um ecossistema linguístico, há sempre uma relação de força entre as línguas, e uma delas acaba sendo a língua hegemônica, não necessariamente a majoritária, mas a imposta, seja por força econômica ou bélica (ou ambas). Com as diversas políticas de revitalização linguística que vêm sendo implantadas em diversas partes do mundo¹⁵, surgiu o que Frias (2006, p. 60) define como neofalante¹⁶: o indivíduo que tem uma

¹⁵ Na Europa, a Carta Europeia Para as Línguas Regionais ou Minoritárias, é uma convenção (CETS 148) adotada pelo Conselho da Europa em 05/11/1992. Entrou em vigor em 01/03/1998 e tem o objetivo de promover e proteger as línguas regionais e minoritárias históricas da Europa. Cf. <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/148> (última visita em 22/07/2020)

¹⁶ O paleofalante, em oposição, é o indivíduo que fala a mesma L2 como língua materna.

língua majoritária como L1 e que em algum momento da sua vida aprende a L2 regional passando a fazer dela a sua língua veicular principal.

Evidentemente, esse conceito se aplica sobretudo aos territórios em que há línguas minorizadas ainda em uso, principalmente onde houve algum tipo de planejamento linguístico para a sua normatização, revitalização e promoção. O termo é originalmente galego e pode ser igualmente nomeado em português¹⁷. A partir dessa definição, Padin (2018) investiga o uso do galego em aparatos de tecnologia de comunicação e passa a falar de "neofalante digital": "uma pessoa que só usa a língua galega nas suas comunicações online" (p. 707). É óbvio que o conceito não se reduz ao cidadão galego, mas a todos aqueles que se valem da sua L2 minoritária ou minorizada para as suas comunicações online.

Pela própria definição acima, as comunicações entre esses sujeitos são atos de interação comunicativa exclusivos dos territórios virtuais, e nos mostram um Ecossistema Artificial da Língua em sua atividade, composto por seu P, sua L específica e seu T virtual. Isso é uma novidade, pois até agora falávamos somente de ecossistemas linguísticos artificiais apenas com referência à extensão virtual do "território" dos ecossistemas sociais, a coletividade onde vivem os sujeitos. O caso dos neofalantes digitais aponta para uma mudança sensível nas relações desses ecossistemas sociais. O território virtual passa a ser a referência para as comunicações.

8. Considerações finais

Neste artigo pretendemos dar um panorama do que acreditamos ser uma tendência futura, cada vez mais frequente: as interações comunicativas virtuais. Já falamos sobre isso em outras ocasiões (GAIO, 2018; no prelo) e a pandemia causada pelo Coronavírus aparentemente está consolidando esse processo que, cremos, seja irreversível.

Interações comunicativas virtuais são, ao fim e ao cabo, interações comunicativas plenas, e elas ocorrem independentemente de espaço geográfico definido, embora evidentemente a esse espaço estejam vinculadas de alguma forma. Se há um ecossistema artificial onde acontecem tais

¹⁷ O autor faz referência a expressões já conhecidas em outras línguas europeias: néolocuteurs (fr.), neohablantes (esp.), neoparlanti (it.) ou newspeakers (ing.).

ECO-REBEL

interações, esses ecossistemas só existem porque existem os ecossistemas reais. O artificial, como criação do ser humano, só existe como extensão do real. Tratamos aqui de ecossistemas sociais, parte do ecossistema integral da língua porque, em tempos de pandemia que nos pede Isolamento Social, percebemos que, a bem da verdade, há pouco ou nenhum Isolamento Social em curso, mas sim Isolamento Físico, ou Distanciamento Físico. Quem se vale de aplicativos e aparatos eletrônicos para interagir ativamente não está isolado socialmente. A sociedade conectada é o *locus* do ecossistema social artificial. As conexões se dão em espaços não tangíveis, que podemos chamar de Nuvens de Interação, como sugerimos em Gaio (2018, p. 178).

Entretanto, esse espaço virtual não é apropriado para a criação de vínculos afetivos fortes e duradouros. O estado de Descomunhão, como definido por Matos *et al.*, (2014) surge com muita facilidade. Esse espaço sem dimensão definida parece que facilita o discurso de ódio. É um paradoxo em relação ao que afirmamos a respeito da acessibilidade e amabilidade do ser humano quando conhece um seu semelhante. Nossa condição de animal social vale também para as divergências e no meio ambiente artificial parece que nos sentimos livres para ofender. A internet parece uma "terra sem lei", e os reflexos disso podem ser notados nos ecossistemas artificiais.

Observamos que este ecossistema mostra características particulares, exigidas para que as interações comunicativas sejam plenamente funcionais. Entre outras coisas, citamos algumas mudanças no registro escrito que acontecem espontaneamente, sem a pressão normativa. Salientamos o caso dos neofalantes digitais, indivíduos que interagem pela língua minorizada de sua região somente pelos meios digitais. Ainda podemos mencionar os *emojis*, figurinhas que simbolizam estados de ânimo e que são úteis para manifestar sentimentos como riso, choro, ansiedade, raiva e muitos outros no registro escrito. Uma interação comunicativa não é composta só de língua, ela é sempre multimodal e a inclusão de *emojis* em interações virtuais demonstra essa necessidade humana.

Esperamos que este breve estudo gere reflexão e pensamento crítico sobre interações comunicativas e modernidade no contexto da Linguística Ecológica.

Referências

COUTO, H. H. Descomunhão. Disponível em:

<http://ilinguagem.blogspot.com.br/2015/09/descomunhao.html>, 2015

_____. Linguística Ecológica. In: COUTO, H. H. *et al.* (orgs.). *O Paradigma Ecológico para as Ciências da Linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016

_____. Comunhão, 2017a. Disponível em:

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/12/comunhao.html>, 2017

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html>

_____. Linguística Ecológica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem. In: COUTO, E. K. N. N. *et al.*: *Linguística Ecológica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes editores, 2017b

FISHMAN, J. Domains and the Relationship between Micro- and Macrosociolinguistics. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (org.) *Direction in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell Ltd., 1986 [1972]

FRIAS X. A normalización lingüística na Romania: A normalización da lingua e normalización dos falantes (o caso dos neofalantes). *Ianua. Revista Philologica Romanica*, Vol. 6, 2006, pp. 49–68

GAIO, M. L. M. *Etnicidade Linguística em Movimento*. Os Processos de Transculturalidade Revelados nos Brasileirítalos do Eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. Berlin: Peter Lang, 2018

GAIO, M. L. M. As novas práticas de interação comunicativa: isolamento ou ampliação do espaço de comunicação? In: SAVEDRA, M. M. G.; PEREIRA, T. C. A. S.; LAGARES, X. (orgs.) *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: EDUFF (no prelo)

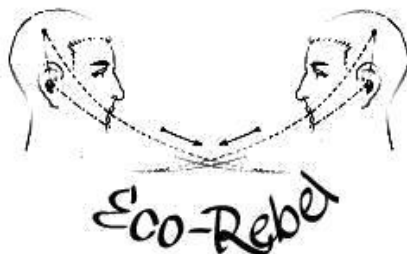
LAGARES, X. A abordagem glotopolítica. In: SAVEDRA, M. M. G.; PEREIRA, T. C. A. S.; LAGARES, X. (orgs.) *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: EDUFF, (no prelo).

MATOS, F. G. *et al.* Ecolinguagem. In: COUTO, E. K. N. N.; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. de O. (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 215-224

PADIN, P. Actas do XIII Congreso Internacional de Lingüística Xeral, Vigo, 2018, pp. 700-707.

Aceito em 03/07/2020.

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



CORONAVÍRUS, DISCURSO E OPINIÃO PÚBLICA: A VIDA OU O LUCRO

Gilberto Paulino de Araújo (UFT-Arraias/GEPL)

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que e com que se luta, é o próprio poder começando a se formular, à meia voz, no murmúrio das coisas, assenhoreando-se dos discursos. (Daniel Iberê - A serpente do capital).

Resumo: Em 2020, o coronavírus tornou-se um dos assuntos mais comentados e principal pauta da agenda de saúde pública ou vigilância sanitária no mundo. No que diz respeito ao Brasil, dois discursos polarizados foram construídos sobre o tema: de um lado, o negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus; de outro, a defesa do distanciamento social como principal medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus. Nesse contexto, o presente artigo discute os desdobramentos desses discursos em nossa sociedade a partir de posicionamentos da opinião pública. A metodologia empregada é de caráter bibliográfico, tendo como base a revisão de autores que tratam da temática relativa à crise de saúde pública ocasionada pelo coronavírus e seus efeitos globais (ALTIERI & NICHOLLS, 2020; DAVIS, 2020; HARVEY 2020). Os elementos qualitativos do estudo pautam-se na análise de textos/obras referenciadas sob o viés da Ecolinguística/Linguística Ecológica (COUTO, 2007; 2016; STIBBE, 2017). De maneira mais específica, a discussão fundamenta-se na Análise do Discurso Ecológica (COUTO & COUTO, E., 2016; COUTO, E. & ALBUQUERQUE, 2015). O debate sobre o coronavírus em nosso país tem revelado determinadas práticas sociais e discursivas que nos remetem a um clima de tensionamento político-social causado, principalmente, em razão dos pronunciamentos e atitudes do presidente Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Coronavírus; Opinião Pública; Análise do Discurso Ecológica; Linguística Ecológica.

Abstract: In 2020, coronavirus became one of the main topics of discussion on the public health or health surveillance agenda in the world. With regard to Brazil, two polarized discourses arose:

on the one hand, the negation of the risks or severity of the coronavirus; on the other, the defense of social isolation as the main measure for preventing and/or combating coronavirus. In this context, this article discusses the consequences of these discourses in our society based on some public opinions. The methodology employed is bibliographic, based on the review of authors who deal with the theme, including its global effects (ALTIERI & NICHOLLS, 2020; DAVIS, 2020; HARVEY 2020). The qualitative elements of the study are based on the analysis of texts/works referenced from the perspective of Ecolinguistics/ Ecosystem Linguistics (COUTO, 2007; 2016; STIBBE, 2017). More specifically, the discussion is based on Ecological Discourse Analysis (COUTO & COUTO, E., 2016; COUTO, E. & ALBUQUERQUE, 2015). The debate about coronavirus in our country has revealed certain social and discursive practices that lead us to a climate of political and social tension caused, mainly, by the pronouncements and attitudes of President Jair Bolsonaro.

Key-words: Coronavirus; Public opinion; Ecological Discourse Analysis; Ecosystemic Linguistics.

Introdução

Em "A Teia da Vida", título original *The Web of Life*, Capra (1996) dedica o primeiro capítulo da obra à apresentação e discussão da Ecologia Profunda - movimento ecológico mundial fundado pelo filósofo norueguês Arne Naess. A Ecologia Profunda apoia-se numa visão de mundo holística, isto é, considera a vida a partir das inter-relações entre os organismos, os sistemas sociais e os ecossistemas - em todos os níveis dos sistemas vivos.

O movimento filosófico da Ecologia Profunda serviu de base para estudiosos de diferentes áreas que têm buscado romper com o antropocentrismo, tecendo críticas à perspectiva fragmentada/disciplinar do conhecimento, assim como aos modelos político-econômicos de sociedade pautados na visão utilitarista da natureza e do próprio ser humano, que atribui valor meramente instrumental ou comercial às florestas, às águas, à terra, assim como subjulga, explora e discrimina determinados grupos étnicos e suas culturas, línguas, tradições, religiões etc. Dito de outro modo, que coloca em risco a diversidade biológica, cultural e linguística.

Embora seja comum na literatura mais recente a referência ao paradigma ecológico como 'novo' ou 'emergente', Couto (2007) ressalta que este tem suas bases fundamentadas desde a segunda década do século XX. Em sua obra *Ecolinguística: estudo das relações entre Língua e Meio Ambiente*, o autor apresenta de forma detalhada os princípios que alicerçam o pensamento ecológico ou os princípios básicos da ecologia: o holismo, as inter-relações, a adaptação, a evolução, a porosidade, a diversidade e a visão de longo prazo.

ECO-REBEL

Podemos, então, destacar alguns importantes pensadores responsáveis pelas discussões, estudos e pesquisas que colaboraram com o desenvolvimento do paradigma ecológico:

O físico Fritjof Capra é um de seus mais ardorosos defensores, como se pode observar em todas as suas publicações. Na sociologia, William Catton & Riley Dunlap; na economia Ernst Schumacher; na psicologia, Urie Bronfenbrenner e Theodore Roszak; na filosofia/psicologia Gregory Bateson; na linguística, Enniger & Haynes (1984) e Fill (1993) etc. (COUTO et al, 2016, p. 8).

De modo semelhante, no artigo "Fundamentos Filosóficos da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica", Silva(2017) destaca outros autores que têm se dedicado a pesquisas relacionadas às questões ou princípios ecológicos: Arne Naess, Fritjof Capra, Bruno Latour, Edgar Morin, Enrique Leff, Boaventura de Sousa Santos, Alwin Fill, Hildo H. do Couto, dentre outros.

A referência a todos estes cientistas é aqui feita com vistas a ressaltar como o paradigma ecológico possui representantes em diferentes campos do saber e se revela como elemento fundamental em busca da superação da crise ambiental em que vivemos, principalmente diante do atual contexto em que o mundo é acometido pela pandemia do Novo Coronavírus (Sars-CoV-2 ou Covid-19)¹.

Desse modo, tendo em vista que o 'coronavírus' tornou-se um dos assuntos mais comentados e principal pauta da agenda de saúde pública ou vigilância sanitária no mundo, podemos dizer que este se tornou objeto do discurso. Num olhar mais específico, é possível afirmar que, no caso do Brasil, dois discursos polarizados foram construídos sobre o tema: de um lado, o negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus (doravante 'negacionismo do coronavírus'); e de outro, a defesa do distanciamento social como principal medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus (adiante trataremos como 'defesa do distanciamento social preventivo').

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo promover a reflexão sobre o significado do discurso negacionista dos riscos ou da gravidade do coronavírus, tendo como foco os pronunciamentos (e atitudes) do chefe de Estado brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, sobre o assunto. Além disso, verificar os desdobramentos desse discurso em nossa sociedade a partir do posicionamento da opinião pública, que tem defendido o distanciamento social como principal

¹ Adiante nos referimos ao termo como: coronavírus ou Covid-19.

medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus - compreendido aqui como o segundo discurso em torno do tema.

A metodologia empregada é de cunho documental a partir de textos que circularam em jornais e revistas da internet no primeiro trimestre de 2020 (os *links* e datas de acesso encontram-se nas notas de rodapé). O caráter bibliográfico da pesquisa encontra-se na revisão de autores que tratam da temática relativa à crise de saúde pública ocasionada pelo coronavírus e seus efeitos globais, dentre eles: Altieri e Nicholls (2020), Davis (2020), Harvey (2020).

Os elementos qualitativos do estudo pautam-se no diálogo e na interpretação dos textos/obras referenciadas a partir da Ecolinguística - campo da Linguística que tem se dedicado ao estudo da inter-relações entre língua e meio ambiente, isto é, aos estudos dos fenômenos linguísticos de uma perspectiva ecológica ou sob o paradigma ecológico.

No caso da vertente da Ecolinguística praticada no Brasil, podemos destacar a Linguística Ecológica, que recebeu esta denominação pelo fato de ter o ecossistema como o conceito central. Assim, "a língua é estudada como parte de um ecossistema linguístico (exoecologia linguística), mas contendo ecossistemas em seu bojo (endoecologia linguística) (COUTO, 2012).

Para fins do presente artigo, a discussão fundamenta-se na Análise do Discurso Ecológica (ADE), ramo da linguística ecológica que busca compreender as questões de discurso². "A base dessa disciplina se centra [...] no processo comunicacional e nas interações que se constituem numa rede complexa à qual se denomina ecossistema linguístico, porém, busca-se um posicionamento ativo por parte do pesquisador em relação ao mundo". (SILVA, 2017b, p. 83).

Muito além das questões relativas à saúde pública, veremos que o debate sobre o coronavírus em nosso país ganhou outras dimensões, passando a compor determinadas práticas sociais e discursivas que nos remetem a um clima de tensionamento político-social causado, principalmente, em virtude dos pronunciamentos e atitudes do presidente Jair Bolsonaro, que gerou desdobramentos por parte da opinião pública.

² Ver: Couto E. et al. (2014), Couto E. & Albuquerque (2015), Couto & Couto E. (2016), Dourado (2017) e Silva S. (2017b). O detalhamento das obras encontra-se nas referências.

O coronavírus, o presidente e a opinião pública

A pandemia causada pelo Covid-19 deflagrou um quadro de crise global em consequência da dificuldade e, até mesmo, incapacidade dos sistemas de saúde atenderem as pessoas acometidas pela doença. Tal fato levou os governos de diversos países a adotarem medidas de isolamento social preventivo e obrigatório³ com o fechamento de fronteiras (aéreas, marítimas e terrestres), suspensão de aulas em escolas e universidades, suspensão de atendimentos em comércios, bancos, órgãos/instituições públicas e privadas, e em muitos outros setores da sociedade.

Desde os primeiros casos de contágio, adoecimento e morte em Wuhan, província de Hubei, na China, em novembro de 2019, as atenções estiveram voltadas para a real capacidade de expansão do vírus e seus efeitos sobre a saúde das populações para além do território inicialmente afetado.

O quadro avassalador em consequência do número de mortes em solo chinês - que somente foi 'controlado' após quatro meses do anúncio dos primeiros casos - não foi suficiente para que os demais países adotassem medidas para contenção do coronavírus, resultando no quadro de pandemia. Em todo o mundo, o Covid-19 deixou (e continua a provocar) um rastro de morte. Até 30 de março de 2020, a Itália se apresentava como um dos territórios mais afetados, chegando à marca de 11.591 óbitos, segundo dados da Agência de Proteção Civil⁴. Cerca de dois meses depois (em 02 de junho de 2020), os Estados Unidos ultrapassaram em muito este número: 106.876 mortos.⁵

No caso do Brasil, o primeiro registro de confirmação do coronavírus foi anunciado pelas autoridades de saúde pública em 26 de fevereiro de 2020. O primeiro óbito em 17 de março. Infelizmente, em 02 de junho de 2020, atingimos o total de 31.199 pessoas mortas pela doença⁶. Assim como em outros países, a população brasileira tem vivido momentos de insegurança, medo e constante preocupação, tendo em vista o crescente número de pessoas infectadas, hospitalizadas e óbitos pela pandemia.

³ Também utilizamos ao longo do texto o termo de forma simplificada: isolamento social.

⁴ Informações pautadas em: < <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/reuters/2020/03/30/italia-registra-mais-812-mortes-por-coronavirus-mas-novos-casos-tem-forte-queda.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

⁵ Segundo relatório publicado pela Agência Pan-Americana de Saúde em 04/06/2020: < <https://ais.paho.org/phis/viz/COVID19Table.asp> >.

⁶ Publicado em 02/06/2020 - BBC News Brasil. Ver: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>>.

ECO-REBEL

Nesse contexto, outro ponto passou a ser considerado nas discussões sobre o coronavírus no Brasil. Os debates ganharam a atenção da opinião pública, tendo em vista os pronunciamentos e atitudes do Presidente Jair Messias Bolsonaro, que foram na contramão das recomendações de sua equipe técnica, inclusive contrários ao que defendia o ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Na coletiva do dia 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro enfatizou que houve, por parte da imprensa brasileira, a criação de um estado de pânico e histeria em massa devido a forma como as notícias sobre o Covid-19 foram divulgadas nos diferentes meios de comunicação.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país [...] (Pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro em 23/03/2020)⁷.

Somado a isso, o presidente defendeu a ideia de que o país deveria retomar a 'normalidade' sob o risco da economia colapsar diante das ações tomadas por alguns governadores (a exemplo do Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro), que se anteciparam à esfera federal e adotaram o isolamento social⁸ como principal medida de contenção do Covid-19. Nas próprias palavras do presidente: "O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar, empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar a normalidade"[...] ⁹ (grifo nosso).

Do ponto de vista linguístico ou de uma perspectiva Ecolinguística, de modo mais específico da Análise do Discurso Ecológica (ADE), os enunciados "nossa vida tem que continuar" e "devemos, sim, voltar a normalidade", permitem inferir que estes integram/ compreendem o

⁷ Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

⁸ O termo é aqui utilizado para se referir às medidas de fechamento do comércio (lojas, feiras, shopping etc.), suspensão de aulas (escolas, faculdades/universidades), bancos dentre outras instituições públicas e privadas. Todavia, serviços essenciais foram mantidos em todo o país (transporte, supermercados, postos de gasolina, farmácia etc.). Isso evidencia que não houve um isolamento social preventivo e obrigatório de forma homogênea no território nacional. Alguns estados e municípios foram mais rígidos e outro menos, isto é, não tivemos o chamado *lockdown* completo.

⁹ Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

ECO-REBEL

discurso negacionista do coronavírus por parte do presidente. Desse modo, para a presente análise discursiva, levamos em consideração as seguintes inter-relações:

a) Quem enuncia? A esse respeito, temos os pronunciamentos (e atitudes) do presidente da república;

b) Em que contexto se insere esse discurso, isto é, por que foi dito? Quais as reações por parte da opinião pública?

c) Quais as consequências para a vida (humana)? Nesse caso, os impactos na população brasileira?

De modo objetivo, a postura adotada pelo presidente, visão negacionista do coronavírus, é decorrente de sua ação de enfrentamento político partidário diante das medidas de isolamento social implementadas pelos governadores. Dito de outro modo, houve desde o início do combate à pandemia a discordância dessas medidas por parte de Bolsonaro pelo fato deste considerar que a economia brasileira seria imensamente afetada. Reiterando o que disse em seu pronunciamento, no domingo dia 29/03/2020, o presidente visitou algumas regiões administrativas do Distrito Federal (DF), como Ceilândia (cidade mais populosa do DF) e o Setor Sudoeste. Conversou com ambulantes, transeuntes e pessoas que estavam nos estabelecimentos - o que provocou aglomeração devido à sua presença.

Compreendemos que a língua(gem) está intrinsecamente relacionada com a própria visão de mundo ou percepção do real pelo falante/sujeito. Dessa maneira, o que foi dito pelo presidente revela uma interação comunicativa conflituosa com uma parte significativa da sociedade brasileira, com chefes de Estado de outros países e autoridades nacionais e internacionais da área de saúde. A questão posta não se trata ou se resume à mera discordância ou não discordância de uma pauta ou assunto que compõe uma discussão entre interlocutores. Diz respeito a uma prática social e discursiva adotada por um presidente da república num momento de crise sanitária em escala global. Em outras palavras, o dito e o feito expressam posicionamentos políticos e ideológicos que ocasionaram consequências na vida de toda uma população.

Um dos princípios ecológicos defendidos pela Análise do Discurso Ecológica é a comunhão. Nos atos de interação comunicativa (AIC), a comunhão é fundamental para que os interlocutores possam estabelecer o diálogo, a manutenção do fluxo interlocucional, se colocar

ECO-REBEL

numa postura de compartilhamento de ideias, saberes etc. A comunhão é um elemento fundamental para a manutenção da interação estabelecida e de novas a serem realizadas.

Comunhão não é troca de informação propriamente dita, mas a criação de uma predisposição nos indivíduos que estão juntos em determinado espaço para que isso se dê. [...] No caso dos seres vivos, e os humanos não são exceção, sempre que se veem juntos, interagem de alguma forma, mesmo que não tenham nenhum código em comum. Se essa interação for de hostilidade (simbiose desarmônica), poderá haver lutas, redundando até mesmo na eliminação do outro, ou de todos. (COUTO, 2007, p. 118).

Observamos que o discurso adotado pelo presidente reflete uma interação desarmônica, ocasionando um ambiente conflituoso e de desentendimentos com a maioria da população brasileira e representantes dos outros poderes do Estado brasileiro. A prova disso foi a reação de diversos setores da sociedade que teceram críticas ao presidente: jornalistas, especialistas da área de saúde, acadêmicos, gestores públicos, representantes da sociedade civil, políticos, entre outros.

Dentre as manifestações da opinião pública, o presidente e vice-presidente do Senado, Davi Alcolumbre e Antônio Anastasia consideraram grave a posição tomada por Bolsonaro. Os dois ressaltaram em nota: "não é momento de ataque à imprensa e a outros gestores públicos. É momento de união, de serenidade e equilíbrio, de ouvir os técnicos e profissionais da área para que sejam adotadas as precauções e cautelas necessárias para o controle da situação, antes que seja tarde demais"[...] ¹⁰.

Outras autoridades públicas brasileiras também se posicionaram em defesa do isolamento social em discordância ao presidente Jair Bolsonaro ¹¹:

Tudo o que tem ocorrido no mundo leva a crer da necessidade do isolamento, que é para puxar a diminuição de uma curva [do número de casos] e ter atendimento de saúde para população em geral. Momento de solidariedade no nosso país e no mundo todo. (Dias Toffoli, Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), em 30/03/2020).

¹⁰ Conferir em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/alcolumbre-critica-fala-de-bolsonaro-e-pede-uniao-contra-coronavirus.htm?>>. Acesso 31/03/2020.

¹¹ Os trechos referentes ao dia 30/03/2020 estão disponíveis em: <<https://tribunadejundiai.com.br/saude/coronavirus/autoridades-defendem-isolamento-social-para-combater-o-novo-coronavirus/>>. O pronunciamento do Ministro da Saúde pode ser conferido em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/31/mandetta-defende-isolamento-e-pede-uniao-apos-bolsonaro-distorcer-oms.htm>>. Acessos em 02/04/2020.

ECO-REBEL

Vamos ficar em casa, com serenidade, e tudo isso vai passar. (Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em 30/03/2020).

Mas, a mim, parece que a orientação do Ministério da Saúde é inconfundível com as posições que estados e municípios vêm defendendo. (Gilmar Mendes, Ministro do Supremo Tribunal Federal, em 30/03/2020).

Nós vamos trabalhar com o máximo de planejamento, e no momento nós vamos fazer sim o máximo de distanciamento social para que a gente possa, chegando ao ponto de falar: 'estamos mais preparados, entendemos aonde vamos'. Aí a gente vai liberando e monitorando pela epidemiologia [...]. (Luiz Henrique Mandetta, Ministro da Saúde, em 31/03/2020).

Ao retornar ao Palácio da Alvorada (ainda no domingo dia 29/03/2020), Bolsonaro criticou novamente a quarentena, considerando exagero as medidas de fechamento do comércio ao se referir a lojas, *shoppings*, feiras, ambulantes e até mesmo a circulação em parques e praias. Ressaltou que o isolamento deveria ser apenas para idosos e grupos de risco. De maneira mais específica, centrou sua preocupação apenas nas questões relativas à economia do país.

Temos um problema do vírus? Temos. Ninguém nega isso daí. Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, com as pessoas do grupo de risco. Agora, **o emprego é essencial**. Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia. Queremos poupar a vida? Queremos. Na parte da economia, o Paulo Guedes tá gastando dezenas de bilhões de reais, que é do Orçamento, que é dinheiro do povo, se bem que nem dinheiro é. Pegamos autorização do Congresso para estourar o teto, que vai ser paga essa conta lá na frente (Presidente Jair Bolsonaro - em frente ao Palácio da Alvorada no dia 29/03/2020)¹².

A propagação desse pronunciamento ganhou as ruas, que foi replicado nas redes sociais, sendo defendido por apoiadores do presidente e por alguns setores da sociedade, sobretudo, representantes do comércio e empresários. Esses elementos nos fazem seguir a abordagem analítica aqui proposta, evidenciando um cenário de oposições políticas e ideológicas: o negacionismo do coronavírus; e a defesa do distanciamento social preventivo.

Nesse sentido, o conflito não apenas se manteve como nos remete ao fato de que o discurso do presidente ecoa outras vozes que, assim como ele, consideram que a economia deve ser colocada acima das questões de saúde pública. Dito de outra maneira: o lucro acima da vida. Atestamos que a economia é um elemento primordial para garantia do sustento material de toda

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/29/bolsonaro-passeia-por-brasilia-um-dia-apos-ministro-da-saude-defender-isolamento-social.ghtml>>. Acesso em 02/04/2020.

ECO-REBEL

população. De modo algum, as questões econômicas devem ser desconsideradas pelo poder público no enfrentamento da crise sanitária do Covid-19. Todavia, é papel dos chefes de Estado e de suas equipes traçarem planos de ação para o enfrentamento da pandemia de modo a integrar os poderes e as instituições públicas e privadas em suas diferentes esferas (federal, estadual e municipal) por meio do planejamento, da criação de estratégias com vistas à destinação de recursos para minimizar os danos/problemas decorrentes do Covid-19.

Vale mencionar que, ao contrário, instalou-se um ambiente de conflitos e embates de natureza política dentro do próprio governo, além daqueles já descritos entre o executivo e outros poderes e entre a esfera federal e as esferas estadual e municipal. Intragoverno, temos o exemplo da exoneração do ex-ministro da saúde Henrique Mandetta no dia 16 de abril de 2020, que deixou a pasta justamente por defender as medidas de isolamento social e, publicamente, se manifestar contrário ao presidente, durante as coletivas de imprensa¹³. Em substituição à Mandetta, foi nomeado um 'novo' ministro da saúde, o médico oncologista Nelson Teich, que assumiu o cargo com o compromisso de estar mais alinhado às ideias do presidente. Todavia, o também agora ex-ministro permaneceu na função por apenas 29 (vinte e nove) dias (17 de abril a 16 de maio de 2020). Novamente, a causa da saída foram as divergências em torno do tema coronavírus. De modo mais objetivo, Nelson Teich também manifestou um posicionamento diferente de Bolsonaro sobre as medidas de isolamento social e a respeito da prescrição da cloroquina no tratamento do Covid-19¹⁴.

Desse modo, o negacionismo do coronavírus e a defesa do distanciamento social preventivo revelam a real necessidade de reflexão a respeito do significado da vida humana e não-humana em nosso planeta. Um dos princípios ecológicos diretamente relacionados a essa questão é a visão de longo prazo. Este seria equivalente à sustentabilidade, um dos conceitos abordados por Capra (1996) ao tratar dos princípios da ecologia e suas aplicações na educação, administração pública e na política no "Epílogo: Alfabetização Ecológica" na obra "A Teia da Vida".

¹³ Ver: Exoneração de Mandetta é publicada no Diário Oficial e Teich é anunciado. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/exoneracao-de-mandetta-e-publicada-no-diario-oficial-e-teich-e-anunciado.htm>>. Acesso em 30/04/2020.

¹⁴ A esse respeito, ver: Exoneração de Nelson Teich do Ministério da Saúde é publicada. Disponível em: < <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,exoneracao-de-nelson-teich-do-ministerio-da-saude-e-publicada,70003305006>>. Acesso em 20/05/2020.

ECO-REBEL

Às vezes, pode parecer que determinada atitude seria favorável à vida, mas pode acontecer que isso se dá apenas em uma determinada projeção de curto prazo. É preciso uma visão de longo prazo. A solução de um problema momentâneo pode implicar o aparecimento de problemas mais sérios e insolúveis no futuro. É preciso seguir os passos da natureza, pois ela não tem pressa e suas leis são invioláveis (COUTO, 2007, p. 35).

Conforme mencionado, a preocupação com a economia, o emprego, o sustento das famílias de forma alguma pode ser desconsiderada. Justamente por isso, cabe aos governos não ignorar as reais necessidades pelas quais passam as populações mais vulneráveis, que vivem nas periferias e em situação de rua nos grandes centros, os povos do campo (as comunidades indígenas e quilombolas, os acampados e assentados, os ribeirinhos etc.) dentre outros.

Tais aspectos estão vinculados a outro importante princípio ecológico: a interdependência. O ponto crucial desse conceito é a inter-relação entre os membros de uma comunidade ecológica, a complexa rede de relações das quais fazemos parte e interagimos. Este princípio nos remete novamente à comunhão, assim como à reciprocidade e à cooperação, elementos essenciais para o equilíbrio ecossistêmico.

Aqui, a lição para as comunidades humanas é óbvia. Um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do fato de que a natureza é cíclica, enquanto que nossos sistemas industriais são lineares. Nossas atividades comerciais extraem recursos, transformam-nos em produtos e em resíduos, e vendem os produtos a consumidores, que descartam ainda mais resíduos depois de ter consumido os produtos. Os padrões sustentáveis de produção precisam ser cíclicos, imitando os processos cíclicos da natureza. Para conseguir esses padrões cíclicos, precisamos replanejar num nível fundamental nossas atividades comerciais e nossa economia. (CAPRA, 1996, p. 232).

Notadamente, o atual modelo político-econômico pautado na demasiada exploração da natureza e da força de trabalho, no consumo e descarte exagerados de produtos, na acumulação de riqueza por uma pequena parcela da sociedade e a péssima distribuição de renda para a grande maioria, continua a promover a tensão entre as classes sociais e a comprometer a sustentabilidade ambiental.

Altieri e Nicholls (2020) corroboram a esse respeito ao ressaltar que a pandemia do coronavírus tornou ainda mais evidente a natureza sistêmica de nosso mundo: a saúde humana, animal e ecológica está intimamente ligada. Para os autores, o Covid -19 é um alerta para a

ECO-REBEL

humanidade repensar a maneira de desenvolvimento capitalista, altamente consumista, e as maneiras de se relacionar com a natureza.

O movimento da Ecologia Profunda destaca que a interferência humana na natureza permanece excessiva e continua a piorar. Isso quer dizer que o comportamento humano tanto individual (Ecologia Mental) quanto coletivo (Ecologia Social) diante das questões sócio-ambientais ainda se apresenta demasiadamente desarmônico com o próprio nicho ecológico (Ecologia Ambiental) do qual somos parte integrante.

[...] as economias capitalistas contemporâneas são 70 ou mesmo 80% impulsionadas pelo consumismo. A confiança e o sentimento dos consumidores tornou-se, nos últimos quarenta anos, a chave para a mobilização de uma demanda efetiva e o capital tornou-se cada vez mais orientado pela procura e pelas necessidades. Esta fonte de energia econômica não tem estado sujeita a flutuações bruscas (com algumas exceções, como a erupção vulcânica islandesa que bloqueou os voos transatlânticos por algumas semanas). Mas a COVID-19 não fundamenta uma flutuação brusca, e sim uma queda generalizada no coração da forma de consumismo que domina nos países mais ricos. A forma espiral de acumulação interminável de capital está implodindo, de uma parte do mundo para todas as outras. (HARVEY, 2020, p. 20).

Podemos destacar outro enunciado que integra o negacionismo do coronavírus por parte do presidente Jair Bolsonaro, tendo como base o pronunciamento do dia 24/03/2020. Na ocasião, o presidente mencionou que as pessoas não deveriam se preocupar com a propagação da doença pelo fato desta não causar danos consideráveis àqueles fora do grupo de risco, inclusive citando a sua boa condição de saúde como exemplo: "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar"¹⁵.

A resposta da opinião pública veio de imediato por meio de notícias que circularam, inclusive em jornais e revistas internacionais. Dentre eles, podemos citar¹⁶:

a) A rede britânica BBC: "Enquanto o mundo tenta desesperadamente combater a pandemia de coronavírus, o presidente do Brasil está fazendo o possível para minimizá-la"

b) *The Economist* - Reino Unido: em sua reportagem, a revista fez menção ao presidente como "BolsoNero" - alusão a Nero o imperador Romano.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.moneytimes.com.br/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes/>>. Acesso em 29/03/2020.

¹⁶ Maiores detalhes em: <<https://panoramafarmaceutico.com.br/2020/03/31/jornais-e-revistas-do-mundo-criticam-a-forma-como-bolsonaro-minimiza-a-covid-19/>>.

ECO-REBEL

c) *The New York Times*: replicou um texto da agência de notícias *Reuters*, ressaltando que o posicionamento adotado por Bolsonaro colocava em risco a luta contra o Covid-19.

d) *The Atlantic* - Estados Unidos: deu destaque à visão negacionista do vírus sustentada pelo presidente em outra declaração, no mínimo, polêmica: “brasileiro tem que ser estudado [...] pula no esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele”.

e) *La Nación* - Argentina: o jornal trouxe no título da reportagem a questão da ideologia presente no chamado 'O gabinete do ódio', se referindo ao grupo de consultores que acompanha o presidente em suas decisões, que conta com a presença e participação de Carlos Bolsonaro (seu filho).

f) *Der Spiegel* - Alemanha: o site da revista mencionou as postagens do presidente apagadas no Twitter (vídeos de sua saída pelas regiões administrativas do Distrito Federal em meio às recomendações do isolamento social do Ministério da Saúde e OMS).

g) *Le Monde* - França: o jornal também deu destaque à visita de Bolsonaro por Brasília, evidenciando as contradições de suas ações em relação às recomendações do ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta.

h) *La Repubblica* - Itália: o jornal ressaltou a manutenção do discurso do presidente relativo à reabertura do comércio mesmo diante da ampliação das medidas de isolamento social defendidas pelos representantes políticos de outros países.

Vale salientar que a visão negacionista do coronavírus teve representantes em outras localidades no decorrer da expansão da pandemia pelo mundo. A exemplo, o prefeito de Milão (Itália), Giuseppe Sala, esteve à frente da campanha "Milão não para", em fevereiro de 2020. A campanha defendia a manutenção da economia e a permanência da "normalidade" na vida social da cidade. Como resultado, houve o expressivo aumento no número de casos e de mortos no país (conforme mencionado anteriormente). Cerca de trinta dias depois, o prefeito reconheceu o erro e, em pronunciamento, pediu desculpas ao povo italiano e pediu para que as medidas de isolamento social passassem a ser seguidas.

Algo semelhante ocorreu nos Estados Unidos. O presidente Donald Trump também, em fevereiro de 2020, defendeu o afrouxamento das medidas de isolamento social, deixando claro que a melhor resposta ao enfrentamento da pandemia seria não comprometer a economia do país. O resultado foi ainda mais agravante, e os EUA são hoje o país com o maior número de mortos por

ECO-REBEL

coronavírus no mundo (106.876)¹⁷. Nesse sentido, o presidente Trump mudou o seu posicionamento, inclusive mantendo a permanência das medidas de isolamento social até o mês de junho de 2020.

As referências feitas às notícias, reportagens e/ou comentários de diferentes setores da sociedade criticando a postura do presidente Jair Bolsonaro (e outros chefes de Estado que tiveram posicionamento semelhante) demonstram que, mesmo diante do contexto de crise social e ambiental, de algum modo a luta contra o avanço da pandemia do coronavírus foi ampliada, trazendo à tona o questionamento sobre a lógica de organização social, política e econômica que coloca o lucro e a acumulação acima da justiça social, da sustentabilidade ambiental e até mesmo da vida.

Na verdade, língua e sociedade não estão separadas, mas se constituem mutuamente. A Ecolinguística, porém, dá mais um passo, pois, para ela a língua, os humanos e as sociedades, existem somente no contexto de um mundo maior de plantas, animais, árvores, florestas, rios, montanhas e nuvens. Se quisermos entender a língua, é necessário dirigir nossa vista primeiramente para a sociedade e, em seguida, também para a Ecologia. É preciso começarmos a ver a língua, a Ecologia e a sociedade não como sistemas separados que podem ser estudados isoladamente, mas como aspecto de um sistema reticular maior. (STIBBE, 2017, p. 17).

Ao afirmarmos que para a Análise do Discurso Ecológica a preocupação com a vida é um dos elementos basilares, o negacionismo do coronavírus revela-se incompatível aos princípios ecológicos, pois ao defender o relaxamento das medidas de isolamento social, por mais que haja uma preocupação com a empregabilidade e o sustento das famílias, é justamente a classe menos favorecida economicamente que se coloca numa condição de maior vulnerabilidade e risco de contaminação e morte.

Os impactos econômicos e sociais são filtrados através de discriminações “costumeiras” que estão evidentes em todos os lugares. Para começar, a força de trabalho que se espera que cuide dos números crescentes de doentes é tipicamente altamente sexista, racializada e etnizada na maioria das partes do mundo. Ela reflete a força de trabalho baseada na classe que se encontra, por exemplo, em aeroportos e outros setores logísticos. (HARVEY, 2020, p. 21).

¹⁷ Conforme citado anteriormente, dados da Agência Pan-Americana de Saúde. Disponível em: < <https://ais.paho.org/phis/viz/COVID19Table.asp>>. Acesso em 05/06/2020.

ECO-REBEL

No que diz respeito ao Brasil, os trabalhadores nos grandes centros urbanos foram (e continuam a ser), juntamente com os profissionais da saúde, a parcela mais exposta ao coronavírus nas balsas, ônibus e metrô lotados (transporte coletivo em geral) durante os deslocamentos diários em busca de uma renda para a manutenção das necessidades básicas, como alimentação e moradia.

Esta “nova classe trabalhadora” está na vanguarda e suporta o peso de ser a força de trabalho que corre maior risco de contrair o vírus através de seus empregos ou de ser demitida injustamente por causa da retração econômica imposta pelo vírus. Há, por exemplo, a questão de quem pode e quem não pode trabalhar em casa. Isto agrava a divisão social, assim como a questão de quem pode se isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou infecção. (HARVEY, 2020, p. 21).

Tais fatores nos permitem inferir que o negacionismo do coronavírus por parte do presidente (com a anuência de seus apoiadores) contém em sua essência uma linguagem falseadora que quer fazer crer que a acumulação e os imperativos dos lucros econômicos são a única ou principal opção suficientemente capaz de vencer os impactos do Covid-19. Mas nesse momento da história, é preciso perceber que a invisibilidade do vírus torna ainda mais visíveis os problemas sociais e ambientais, que impossibilitam a visão de longo prazo.

Por outro lado, a defesa do distanciamento social preventivo embora contenham em sua essência uma maior aproximação com a valorização da vida e/ou dos princípios ecológicos, este discurso desconexo das práticas sociais, refletidas em políticas públicas de apoio às famílias mais vulneráveis assume papel meramente panfletário, uma oportunidade para que posicionamentos políticos e ideológicos que visam aos interesses próprios se sobreponham ao bem-estar da população.

Observamos ao longo de mais de dois meses a defesa do isolamento social preventivo por parte de governadores, prefeitos, parlamentares entre outros representantes do poder público, mas do ponto de vista da ação, hospitais de campanha não foram montados em tempo, respiradores foram negociados com preços abusivos e muitos não foram entregues, os profissionais da linha de frente, em especial servidores da saúde, não receberam materiais de proteção adequados e muitos estão trabalhando em condições precárias, entre outras tantas questões relacionadas ao contexto da pandemia.

Merece destaque também a precária infraestrutura e a falta de saneamento básico nas periferias como agravantes das medidas de contenção do Covid-19 (e muitas outras doenças):

ECO-REBEL

bairros sem coleta e tratamento de esgoto, sem água tratada, pessoas morando em habitações sem as condições mínimas de higiene ou bem-estar, insuficiência de alimentação e outras condições impróprias para a saúde etc. Em suma, os mais vulneráveis continuam a sofrer as principais consequências da crise sanitária e econômica que se instaurou no contexto do coronavírus.

Pensando no modo como o Estado e a comunidade se constituem, entende-se que há socialmente uma rede de relações conflituosas, apesar de o ideal ser um ambiente plenamente harmonioso e de comunhão. A existência dos conflitos em sociedade está associada a uma infinidade de fatores que corroboram para a segregação entre os indivíduos, entre eles, poderiam ser destacados: a desigualdade social, a divisão de classes, o machismo, a homofobia, o racismo, a intolerância religiosa e política etc. A Ecolinguística ao perceber esses conflitos, busca, além de tentar entendê-los por meio dos estudos da interação comunicativa, encontrar caminhos para amenizá-los ou saná-los, reduzindo o sofrimento, quando possível e buscando formas de exaltar a manutenção da vida". (SILVA, 2017a, p. 89-90).

Desse modo, a defesa do isolamento social preventivo centrada em si mesma não encerra a necessária discussão sobre os impactos das políticas governamentais alijadas aos interesses do capital nos diferentes setores da sociedade e suas consequências na vida das camadas economicamente desfavorecidas (assalariados, ambulantes, camponeses, quilombolas, povos indígenas etc.).

Concretamente, precisamos agitar nossos amigos progressistas e seus ídolos políticos para exigir um aumento maciço da produção de kits de teste, suprimentos de proteção e medicamentos salva-vidas para distribuição gratuita aos países pobres. Cabe a nós assegurar que a garantia de cuidados de saúde universais e de alta qualidade se torne uma política tanto externa como interna. (DAVIS, 2020, p. 12).

Um possível caminho para a adoção de medidas no enfrentamento da crise é justamente pensar na responsabilidade social dos governos, na construção de novos pilares capazes de solucionar/minimizar os conflitos socioambientais ainda presentes em nosso país. Uma política que possibilite novos diálogos para além dos discursos monotemáticos e homogeneizadores.

De qualquer forma, não há como negar que o negacionismo do coronavírus expresso nos pronunciamentos e atos do presidente Jair Bolsonaro, em maior ou menor medida, influenciou no enfraquecimento das medidas de isolamento social preventivo em todo o país. Permanece ainda hoje a sensação de insegurança e a preocupação por parte da maioria da população brasileira, que

ECO-REBEL

tem acompanhado a curva de crescimento dos casos de contaminação e do número de óbitos, motivos suficientes para permanecer seguindo as orientações dos especialistas da área de saúde e, principalmente, da Organização Mundial de Saúde. Em resumo, segundo o relatório da Agência Pan-Americana de Saúde, divulgado em 04 de junho de 2020, o Brasil alcançou a marca de 584.016 casos confirmados e 32.548 óbitos por coronavírus¹⁸.

Cumpramos destacar que a perspectiva teórica adotada pela Análise do Discurso Ecológica evidencia o compromisso em defesa da vida na busca por minimizar os problemas socioambientais a partir da aplicação dos princípios ecológicos. Consideramos que uma das vias para que isso alcance a materialidade, ou seja, ganhe patamares reais em nossa sociedade é a partir da ética do cuidado ou da natureza do cuidado essencial. Para Boff (1999, p. 2), "o cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir".

Nesse sentido, podemos observar que o negacionismo do coronavírus, assim como o distanciamento social preventivo desvinculado de uma ação prática de suporte às camadas mais necessitadas revelam a falta de cuidado em relação ao outro e, principalmente, àqueles mais vulneráveis de nossa sociedade. Em outras palavras, enquanto a lógica de organização social fundamentada na economia enfatiza a competição, a expansão e a dominação, a ética do cuidado apoia-se na ecologia, voltando-se para a cooperação, a conservação e a parceria (CAPRA, 1996; BOFF, 1999).

Segundo Capra (1996), a cooperação é uma característica essencial para a manutenção da sustentabilidade, exigindo uma dinâmica de mudança individual e coletiva de modo que cada um entenda as necessidades dos outros - o que significa ao mesmo tempo democracia e poder pessoal, uma vez que cada membro da comunidade desempenha importante papel no conjunto da natureza.

Boff (1999) corrobora com isso ao destacar inúmeros exemplos de descaso, abandono, que são na verdade a falta de cuidado em nossa sociedade como consequência da hegemonia do individualismo, do menosprezo à cooperação e à solidariedade:

a) descuido e um descaso pela vida inocente de crianças, a exemplo do trabalho infantil e de maneira mais extremada, aquelas que são vítimas do tráfico de drogas e milícias armadas em diversos países;

¹⁸ Disponível em: < <https://ais.paho.org/phis/viz/COVID19Table.asp>>. Acesso em 05/06/2020.

ECO-REBEL

b) descuido e um descaso com os pobres e marginalizados, acometidos pela fome crônica e diversos tipos de doenças;

c) descuido e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, que se encontram excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos;

d) descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades, marcada por uma grande maioria de habitantes desenraizados culturalmente e alienados socialmente;

e) descuido e um descaso pela coisa pública, principalmente com a destinação insuficiente de recursos sociais na estruturação de políticas públicas para as camadas pobres, tais como investimentos sociais em segurança alimentar, em saúde, em educação e em moradia;

f) descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, caracterizada pela corrupção, pelo poder de grupos envolvidos em interesses meramente corporativos, resultando em injustiça e violência sobre a humanidade;

g) um descuido e um descaso em relação à preservação ambiental dos ecossistemas: envenenamento dos solos, contaminação dos ares, poluição das águas, destruição das florestas e extermínio de seres vivos;

h) um descuido e descaso generalizado nas políticas de habitação, de tal forma que milhares de famílias são obrigadas a viver em cômodos insalubres, em favelas sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de deslizamentos, que faz milhares de vítimas todos os anos.

Todas essas questões nos remetem a um ponto importante: os discursos estão inter-relacionados ao modo de pensar, sentir e agir dos sujeitos individual e coletivamente, ou seja, às manifestações humanas historicamente construídas e estas tomam forma nas relações políticas ou de poder, nas interações sociais, nas crenças e tradições, nos sistemas de saberes etc. Desse modo, consideramos que a partir dos princípios ecológicos também é possível analisar as questões políticas e ideológicas que compreendem o processo de interação comunicativa no ecossistema social.

Por fim, os princípios ecológicos da comunhão, da interdependência e da visão de longo prazo podem ser concebidos como elementos integrantes de uma prática discursiva que preze pelo cuidado, que nos direcione a um novo contrato social, assentado na valorização das diferenças, no acolhimento das complementaridades e na convergência construída a partir de, modos de produção sustentáveis, na diversidade de culturas, tradições e de sentidos da vida, conforme nos alerta Boff (1999). Nas palavras do próprio autor: "Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange

ECO-REBEL

mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro" (p. 12).

Considerações finais

Os problemas causados pelo coronavírus não são exclusividade de nosso território, sua abrangência é transfronteiriça, conforme constatado pela atual crise sanitária e econômica causada pela pandemia, situação que estamos vivenciando e tema aqui abordado sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica.

Retomemos, então, os dois pontos que direcionaram o foco da discussão: o negacionismo do coronavírus; e a defesa do isolamento social preventivo. Primeiramente, compreendemos que os enunciados extraídos de pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro a respeito do coronavírus (citados ao longo do texto) integram o primeiro discurso:

1) Negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus:

- a) Nossa vida tem que continuar;
- b) Devemos, sim, voltar a normalidade;
- c) Temos um problema do vírus? Temos. Ninguém nega isso daí. Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, com as pessoas do grupo de risco. Agora, o emprego é essencial.

Noutra posição, ressaltamos as respostas de representantes do poder público que se manifestaram contrários ao presidente. Tais enunciados dão corpo ao segundo discurso:

2) a defesa do isolamento social como principal medida de prevenção e combate ao coronavírus:

- a) É momento de união, de serenidade e equilíbrio, de ouvir os técnicos e profissionais da área para que sejam adotadas as precauções e cautelas necessárias para o controle da situação, antes que seja tarde demais (Davi Alcolumbre e Antônio Anastasia - em nota);
- b) Tudo o que tem ocorrido no mundo leva a crer da necessidade do isolamento [...] (Dias Toffoli);

ECO-REBEL

- c) Mas, a mim, parece que a orientação do Ministério da Saúde é inconfundível com as posições que estados e municípios vêm defendendo (Gilmar Mendes);
- d) Nós vamos trabalhar com o máximo de planejamento, e no momento nós vamos fazer sim o máximo de distanciamento social para que a gente possa, chegando ao ponto de falar: 'estamos mais preparados, entendemos aonde vamos' (Luiz Henrique Mandetta).

Enfatizamos que o primeiro discurso assume uma perspectiva que se distancia (e até mesmo se apresenta contrária) aos princípios ecológicos da comunhão, da interdependência e da visão de longo prazo, conforme exposto ao longo do texto. Isso decorre da sobreposição das questões econômicas sobre as questões socioambientais, características do modo de produção capitalista ou do paradigma antropocêntrico, que atribui menor valor à vida das pessoas mais vulneráveis: aqueles que sobrevivem sem possuir uma renda fixa, trabalhadores assalariados que pegam ônibus/metrô lotado todos os dias, pagam aluguel, moram nos morros, favelas ou em situação de rua, dentre tantos outros atores sociais subjugados pelo capital (sem a garantia dos direitos básicos, como moradia, saúde, saneamento básico, alimentação etc.). Este mesmo modelo político-econômico tem causado significativos danos aos ecossistemas, como: desmatamento, poluição do ar e das águas, extinção de espécies, entre tantos outros fatores.

No que diz respeito ao segundo discurso, embora este apresente uma preocupação com a vida, aproximando-se dos princípios ecológicos elencados, a simples defesa do isolamento social como medida de prevenção e combate ao coronavírus não pode se apresentar desvinculada de um cuidado com as condições materiais de garantia do sustento dos mais vulneráveis neste momento e no pós-pandemia.

Em meio a todas essas questões, cumpre salientar os inúmeros debates científicos acerca da temática 'coronavírus' que têm ocorrido em âmbito global desde o início da pandemia. Observamos o esforço de cientistas de várias partes do mundo ao realizar estudos e pesquisas voltadas à compreensão das causas, efeitos, modos de prevenção, produção de vacinas, cuidados com o tratamento de doentes etc., ou seja, as estratégias adequadas para o enfrentamento do Covid-19.

Por outro lado, observamos que as práticas discursivas dos representantes do poder público (seja no Brasil ou em outras países) podem influenciar na forma de enfrentamento da crise

ECO-REBEL

pandêmica. Em outras palavras, o controle ou a ampliação descontrolada dos casos de contaminação e morte por coronavírus mantém relação com as questões políticas, com o nível de organização dos gestores públicos e com o grau de envolvimento da sociedade como um todo.

Dessa forma, outras perspectivas devem ser consideradas para a reversão do quadro de crise do capital, que se revela ampliado diante do atual contexto da pandemia. Merece destaque a busca por formas de produção que privilegiem o desenvolvimento local e regional que tenham como abrangência menores escalas de impacto, visando sobretudo ao equilíbrio, à justiça social e à sustentabilidade ambiental.

Além disso, outros saberes e epistemologias devem/precisam ser considerados para se (re)pensar a nossa maneira de interagir uns com os outros e com os nichos ecológicos. Os saberes originários, os modos de vida dos povos indígenas, dos quilombolas e outros povos tradicionais e do campo nos indicam caminhos de como viver em comunhão com e na natureza a partir de outras formas de fazer política, lidar com a terra, produzir e consumir nossos alimentos, valorizar as tradições e os mistérios da espiritualidade, entre tantas outras lições¹⁹. Por fim, talvez o único consenso em torno da discussão sobre o coronavírus seja o fato de que este imprimiu sobre nós a urgência de pensarmos novas formas de (con)viver no planeta.

Referências

- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. La Agroecología en tiempos del COVID-19. Disponível em: < <https://www.clacso.org/a-agroecologia-nos-tempos-do-covid-19/>>. Acesso em: 12/04/2020.
- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- COUTO, Elza Kioko N. N. do. *Ecolinguística e Imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- _____. et al. (orgs.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e metáforas*. Brasília: Thesaurus, 2014.
- _____. ALBUQUERQUE, Davi B. de. *Linguística Ecológica & Análise do Discurso Ecológica: teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

¹⁹ Uma importante discussão sobre os saberes originários e a crítica ao modo de produção capitalista é feita pelo intelectual e liderança indígena Daniel Iberê em: IBERÊ, Daniel. **IIRSA: A Serpente do Capital: pilhagem, exploração e destruição cultural na América Latina** (Santo Antônio e Jirau). Rio Branco: Edufac, 2015.

ECO-REBEL

____. et al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. N. do. Análise do Discurso Ecológica (ADE). In: *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

DAVIS, Mike. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: _____. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DOURADO, Zilda. Concepções de língua e discurso na Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (Orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

HARVEY, David. *Política anticapitalista en la época de COVID-19*. In: DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

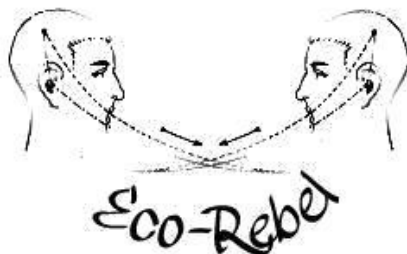
SILVA, Anderson Nowogrodzki da. Reflexões sobre a perspectiva política que subjaz à Ecolinguística. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017a.

SILVA, Samuel de Sousa. Fundamentos Filosóficos da Linguística Ecosistêmica e da Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017b.

STIBBE, Arran. A Ecolinguística e a virada ecológica nas humanidades e nas ciências sociais. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

Aceito em 31/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



CLUBE DA LEITURA ONLINE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A COMUNHÃO DURANTE A QUARENTENA

Zilda Dourado Pinheiro (UEG– Campus Sudoeste/NELIM)

Resumo: O distanciamento social imposto à sociedade para frear a transmissão do coronavírus trouxe muitas discussões sobre quais são as estratégias mais eficientes para manter a saúde mental durante a quarentena. Uma dessas técnicas tem sido a participação em Clubes da Leitura pela internet. Assim sendo, o presente trabalho apresenta reflexões sobre o papel da comunhão no desenvolvimento de Clubes da Leitura na modalidade online. O arcabouço teórico que embasa este artigo é o da Ecolinguística, uma teoria ecológica que estuda as inter-relações entre povo, língua e território. De acordo com Couto (2016), a língua é a interação comunicativa de um grupo de pessoas em um território. Dentro dessa concepção de linguagem, a comunhão tem um papel fundamental porque se trata de uma predisposição para a comunicação. No interior de um Clube da Leitura, a comunhão é a base para a realização do projeto e, conseqüentemente, para manter o senso de coletividade durante a pandemia.

Palavras-chave: Comunhão; Clube da Leitura; Ecolinguística; Interação; Internet.

Abstract: The social distancing imposed on society to decrease the transmission of the coronavirus brought a great number of discussions about efficient strategies to keep the balance at home. One of these techniques is the participating on reading clubs online. This way, the current paper presents reflections about the importance of communion in the growth of reading clubs in online mode. The theoretical framework that supports this article is the Ecolinguistics, an ecological theory which studies the interrelationships between people, language and territory. According to Couto (2016), the language is the communicative interaction of a group of people at a territory. Within this language conception, the communion has a fundamental function because it is related to a predisposition to communication. Inside a Reading Club, the communion has an important

role to the achievement of the project and, consequently, to maintain the sense of collectivity during the pandemic time.

Keywords: Communion; Reading Club; Ecolinguistics; Interaction; Internet.

Introdução

A motivação para a produção desse artigo surgiu durante o desenvolvimento de uma Atividade Prática Comum Curricular – APCC na disciplina de Estudo de Gêneros Literários para o quinto período do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste (sede em Quirinópolis). Essa atividade foi realizada nos meses de maio e junho do ano de 2020. Dessa maneira, foi escolhida a atividade do Clube da Leitura online para a obra “Olhos D’ água” de Conceição Evaristo.

A atividade foi planejada para ser desenvolvida em quatro encontros. O primeiro encontro foi dedicado à realização de uma palestra, aberta ao público, com a Profa. Ma. Jordana Barbosa, intitulada de “Diáspora e tradição oral na obra *Olhos D’ água* de Conceição Evaristo”. O segundo encontro foi restrito aos alunos da disciplina, no qual nós discutimos os quinze contos da obra *Olhos D’ água* de Conceição Evaristo. O terceiro encontro foi para a organização e ensaio de uma *live*, em que os alunos apresentaram uma leitura oral dos contos do referido livro. O quarto e último encontro foi a apresentação dos discentes para o público da universidade em uma *live*. Todos esses encontros foram feitos na plataforma Google Meet.

Ao longo da execução dessa APCC, algumas reflexões surgiram sobre o papel da comunhão no processo. Á vista disso, é importante pontuar o reconhecimento de três níveis de comunhão dentro de um Clube da Leitura: a comunhão que predispõe as pessoas para a interação *online*, a comunhão entre os integrantes de um Clube da Leitura e a comunhão com o texto literário. Essa percepção será apresentada a partir das reflexões da Ecolinguística, segundo Couto (2016). A exposição será feita em três partes: a primeira irá mostrar a relação entre comunhão, comunidade e comunicação; a segunda irá mostrar o papel da comunhão na formação e no desenvolvimento de um Clube da Leitura *online*; e, por fim, as considerações finais irão apontar aspectos interessantes para serem desenvolvidos em futuros estudos sobre essa temática.

1. Comunhão, comunidade e comunicação

No campo teórico da Ecolinguística, o conceito de comunhão está ligado aos de língua e de comunidade. De acordo com Couto (2016), a língua é uma interação comunicativa desenvolvida no interior de um ecossistema linguístico. Este é o conjunto das interações entre língua, povo e território. Assim sendo, a interação comunicativa é a realizada entre os membros da comunidade, tal como é o diálogo presencial, considerado como a comunicação prototípica. Para as relações entre o povo e o território, a língua se desenvolve pelas interações linguísticas que criam os processos de referenciação e de significação. Logo, dentro do ecossistema linguístico, a interação comunicativa equivale à interação organismo-organismo e as interações linguísticas (referenciação e significação) equivalem à interação organismo-mundo. Esses dois tipos de interação são interdependentes entre si e necessitam de alguns acordos e ações para criar as condições de sua realização por parte dos falantes. Uma dessas condições é a comunhão.

Couto (2017) define a comunhão como “uma predisposição nos indivíduos que estão juntos em um determinado espaço”. Os falantes sentem a necessidade de se comunicar quando estão em grupo, como uma forma de construir uma sociabilidade no ambiente em que estão juntos. Dessa maneira, a Ecolinguística alia o conceito de comunhão ao conceito de comunidade. Couto (2016) define dois tipos de comunidade: a comunidade de língua e comunidade de fala.

A comunidade de língua é o conjunto das interações de uma língua em toda a sua extensão territorial. Essa comunidade é essencialmente sistêmica porque envolve todos os grupos sociais que se comunicam por meio de uma língua. Um exemplo de comunidade de língua são os países que adotam a Língua Portuguesa como língua oficial. Nessa visão de comunidade sistêmica, a comunhão funciona como um sentimento de todos os falantes de um território para compartilharem a mesma língua.

Já a comunidade de fala é o conjunto das interações comunicativas de um grupo específico em seu território. A formação desse tipo de comunidade está estritamente ligada à presença física do povo e do território. Nesse sentido, pode-se considerar a interação face-a-face como uma comunidade de fala mínima, e, à medida que a quantidade e a formação de grupos aumentam, as comunidades alcançam, juntas, a complexidade de uma comunidade de língua, considerada também como a comunidade de fala máxima. Outro ponto interessante sobre a comunidade de fala é que a formação desse tipo de grupo tem muita ligação com a cultura. Por isso que grupos de

ECO-REBEL

capoeira, grupos de religiosos, grupos de pequenas comunidades rurais podem ser considerados como exemplos de comunidade de fala.

No interior de uma comunidade de fala, a comunhão existe para manter a coesão do grupo para a sua sobrevivência e sua longevidade. Desse modo, Couto (2017) chama esse tipo de comunhão como uma comunhão interacional, em que o diálogo constrói a necessidade do grupo de se manter unido, segundo os acordos e as ações necessárias para haver a comunicação entre os seus membros. Esses acordos, combinados, são descritos por Couto (2016) como regras interacionais. Assim, o espaço também tem um papel fundamental para a comunhão de um grupo, pois é onde as pessoas podem construir a convivência, como defende Couto (2017).

A questão do espaço é de suma importância para a construção gradual da comunhão. Por essa razão, Couto (2017) afirma que pode haver comunhão sem comunicação, mas não há comunicação sem comunhão. Logo, o estudo da comunhão também considera a descomunhão. Esta é bastante evidente em situações de conflito. Todavia, a descomunhão também se evidencia nas práticas cotidianas de uso do celular em pares ou em grupo, em que o “estar junto fisicamente” não é o suficiente para que as pessoas estejam unidas, já que elas podem se ignorar mutuamente por meio do uso do celular.

Até aqui, a comunhão para a Ecolinguística está estritamente relacionada à interação comunicativa presencial. Atualmente, em consideração à comunicação presente na internet, sobretudo nas redes sociais, muitos estudos estão desenvolvendo uma análise sobre como se dá a comunhão ou a descomunhão na interação comunicativa virtual.

Nowogrodzki (2019) afirma que a comunicação virtual é baseada na desterritorialização e na virtualização das relações. Esses aspectos confluem para a eliminação do espaço físico e, exatamente por isso, para a formação de um simulacro da interação face a face. No interior desse simulacro, os falantes criam avatares pessoais para se comunicarem na internet, local onde eles seguem outros mecanismos interacionais para construir e manterem a comunhão entre si. Trata-se de uma reformulação das regras interacionais para o preenchimento da ausência física e imitar ao máximo a interação comunicativa presencial.

Nowogrodzki (2019) descreve as estratégias de construção da comunhão nas redes sociais. Segundo esse autor, algumas dessas estratégias servem para apreciar ou repudiar o conteúdo produzido pela pessoa, como é o exemplo dos botões de reação do Facebook, assim como dos botões de curtir e de compartilhar. Vale dizer que cada rede social apresenta as suas estratégias de

validação (ou não) do conteúdo das postagens individuais, mas todas elas relacionam-se com a ideia de curtir, de compartilhar, de reforçar (ou não) o conteúdo da pessoa.

Contudo, é importante afirmar que não há uma oposição direta entre comunicação virtual e comunicação presencial. Nowogrodzki (2019) defende que as comunidades de fala físicas criam os seus grupos na internet para estender as suas interações comunicativas. Portanto, os membros de um grupo podem estar conectados fisicamente e virtualmente. Essa continuidade entre ambiente físico e ambiente virtual se estabelece para manter a harmonia e o diálogo aberto constante entre os membros de uma comunidade.

Essa noção de continuidade é fundamental para compreender o papel da comunhão em um Clube da Leitura online durante a pandemia. Isso é o que iremos tratar a seguir.

2. A comunhão virtual em tempos de pandemia: o relato de realização de um Clube da Leitura online

Um dos principais marcos do início da quarentena no Brasil foi a suspensão das aulas presenciais em todos os níveis de ensino, na segunda quinzena do mês de março. A partir dessa medida, rapidamente, várias instituições de ensino adotaram as diferentes Tecnologias de Comunicação e Informação (TCIs) para fazer as atividades remotas e, assim, seguirem com o calendário acadêmico. A Universidade Estadual de Goiás adotou esse regime de trabalho para as atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. Conseqüentemente, todos os docentes refizeram o seu planejamento curricular semestral com base nesse modelo de ensino à distância. Nesse contexto, a realização de um Clube da Leitura *online* na disciplina de Estudo de Gêneros Literários foi planejada com base nas TCIs. O Clube da leitura foi planejado para ser a Atividade Comum Prática Curricular como demonstração de aplicação do estudo dos gêneros literários.

Clubes da Leitura são iniciativas de leitura coletiva de uma obra. O grupo combina a leitura de um livro e marca uma data e um local para a reunião, onde irão discutir as ideias da obra. Durand & Gerbovic (2020) afirmam que o Clubes da Leitura são projetos de formação de leitores, realizados por mediadores, com o intuito de ampliar o repertório de Literatura das pessoas, colocando-as em contato com livros que tocam “a dimensão humana mais profunda”. Por isto, o Clube da Leitura é um espaço de troca afetiva, um local que se propõe a ser um encontro harmonioso entre as pessoas e a Literatura. Também é um projeto que visa o acesso democrático aos livros e a promoção da Literatura como uma forma de entretenimento que agrega vivência e conteúdo aos seus leitores.

ECO-REBEL

Com base nessa perspectiva de troca, a ideia principal de fazer a APCC no formato de Clube da Leitura online foi a de proporcionar um momento mais afetivo para a turma da disciplina, uma vez que o distanciamento social afetou também as relações dos alunos com a universidade. A ausência da interação verbal física das aulas presenciais foi sentida por todos os discentes e docentes, como também as preocupações impostas pela pandemia em relação ao emprego e à saúde. Assim, para agregar convivência harmoniosa e afetiva, o projeto de Clube da Leitura *online* propôs a leitura do livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo em quatro encontros, todos eles pelo Google Meet.

O primeiro encontro foi uma palestra com uma professora convidada, Maria Jordana Barbosa, que ministrou a palestra “Diáspora e tradição oral no livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo”. Devido à participação dessa docente, o projeto contou com o apoio do Centro de Idiomas da UEG/Câmpus Sudoeste e, assim, abriu para a participação dos alunos dos demais cursos de graduação da instituição. Essa palestra contou com uma audiência de 150 pessoas de diferentes cidades de Goiás, do Rio de Janeiro e de Moçambique.

O segundo encontro foi com a turma do quinto período para nós discutirmos a leitura dos contos. Nesse momento, o papel de mediação da leitura foi fundamental para interpelar os alunos sobre as suas impressões e gostos pelos contos da obra. Por fim, o grupo organizou uma *live*, em que cada discente escolheu o conto de que mais gostou na obra e fez a leitura oral.

O terceiro encontro foi para o ensaio da leitura dos contos. Esse momento foi feito apenas com os discentes que participaram da *live*. Assim, os alunos passaram a leitura dos contos e deram dicas para melhorar a performance dos apresentadores.

O quarto e último encontro foi a *live* propriamente dita. Os alunos apresentaram os contos para uma média de cem alunos e professores dos cursos de Letras da UEG. E, com essa apresentação, o Clube da Leitura encerrou as suas atividades.

Com bases nas vivências desse projeto, faz-se necessário expor o papel da comunhão, segundo três categorias: a abertura para a comunhão, a manutenção da comunhão e a continuidade da comunhão.

2.1 A abertura para a comunhão

A plataforma Google Meet permite fazer reuniões *online* para uma capacidade máxima de 250 pessoas. Esse espaço virtual é criado por um mediador, por meio de um e-mail institucional. No

ECO-REBEL

início da reunião, os participantes se colocam presentes ao ligarem as suas câmeras e os seus microfones. Também é possível interagir na reunião pelo *chat* e compartilhar arquivos com os participantes. Por essas características, o Google Meet foi escolhido como espaço virtual para a realização do Clube da Leitura online.

Para engajar os alunos nessa iniciativa foram realizadas duas ações. A primeira foi a divulgação de um plano de ação desse Clube da Leitura no espaço da disciplina de Estudos de Gêneros Literários no Google Classroom, com todas as informações sobre o evento. A segunda ação foi a produção de dois *flyers* que foram divulgados em grupos de Whatsapp dos alunos de Letras, nas redes sociais da UEG e no site da instituição. Os *flyers* são uma estratégia interessante de cativar o público pela beleza da imagem e pela objetividade na apresentação das informações:



Figura 1: Flyer de divulgação da palestra



Figura 2: Flyer de divulgação da LIVE

Á vista disso, com base nas considerações de Noworogrodzki (2019), pode-se afirmar que a plataforma do Google Meet promove um simulacro de uma reunião presencial. Para a realização do Clube da Leitura online, esse simulacro de comunicação virtual foi fundamental para a participação dos alunos. Contudo, essa plataforma exigiu maior predisposição dos alunos para a comunicação, por três motivos. O primeiro foi a necessidade de ter uma qualidade de equipamento e de internet que possibilite o acesso do discente à sala de reunião. A ausência dessa qualidade indispõe as pessoas para o uso dessas ferramentas tecnológicas.

O segundo motivo está relacionado aos objetivos do Clube da Leitura. Por mais que essa atividade esteja vinculada a uma disciplina e, por isso, seja avaliativa, a leitura de um livro literário exige um trabalho mais elaborado de convencimento por parte da professora. É preciso cativar e instigar o aluno para a leitura do livro. É o que Couto (2017) chamou de estar em comunhão mentalmente, já que é preciso compartilhar da experiência de leitura da obra, de suas ideias, vivências e sentimentos que ela provoca no leitor.

ECO-REBEL

E o terceiro motivo está relacionado à bonificação proveniente desse tipo de ação. Nesse tipo de evento, a nota atribuída à qualidade da participação dos discentes da disciplina e a emissão de certificado de horas complementares foram bonificações que ajudaram no engajamento dos alunos para a participação das ações do Clube da Leitura.

Assim sendo, pode-se considerar que a abertura para a comunhão em aplicativos de reunião *online* é dependente de três predisposições: a qualidade do acesso à internet, a crença na validade/qualidade do evento e algum tipo de bonificação pela participação.

2.2 Manutenção da comunhão

A realização de reuniões *online* de qualquer espécie exige alguns combinados entre os participantes para garantir a eficácia e a harmonia do grupo. Em vista disso, as considerações de Nowogrodzki (2019) sobre os avatares podem ser vistas nesse processo. Nesse período de pandemia, as pessoas participam de suas reuniões de dentro de suas casas, o que exige certa etiqueta para abrir a câmera e se colocar *online*. É preciso estar em um espaço reservado, com o máximo de silêncio possível, bem iluminado, e, para muitas pessoas, um plano de fundo bonito, com livros, quadros de arte etc. Logo se percebe que, mesmo não sendo um perfil de rede social, a pessoa se constrói como um avatar para aparecer na reunião.

Contudo, em alguns tipos de reunião, como no caso daqueles destinado às palestras, algumas regras interacionais precisam ser combinadas para garantir a qualidade da interação comunicativa naquele espaço. Assim, uma regra interacional muito utilizada tem sido a de realçar o papel de mediador da reunião, geralmente é quem envia os convites por e-mail. Essa pessoa é a organizadora dos turnos de fala, da realização de questões, e outras ações necessárias para manter a harmonia. Em um Clube da leitura, o mediador também é responsável por fazer questionamentos sobre a obra lida para instigar o debate entre os leitores.

Outras regras interacionais bastante recorrentes em reuniões online estão relacionadas ao uso da câmera, do microfone e do fone de ouvido. Em reuniões com muitas pessoas, geralmente para palestras e minicursos, tem sido comum a solicitação do desligamento das câmeras e dos microfones. A justificativa é de que essas ações contribuem para a melhoria da qualidade da conexão com a internet e evitam certos infortúnios como ruídos, barulhos, aparições desnecessárias etc. Já em reuniões com menos pessoas e em situações mais informais, o uso das câmeras e dos microfones é mais flexível. O fone de ouvido é recomendado para garantir uma qualidade do som durante a reunião online. Em relação ao Clube da Leitura, nos encontros abertos

ECO-REBEL

ao público essa regra de desligamento das câmeras precisou ser empregada, somente no encontro com a turma o uso do microfone e da câmera foi flexibilizado devido ao menor número de participantes.

Todavia, considerando o contexto da pandemia, em que as pessoas em quarentena estão privadas do contato físico, do calor humano, essa regra de desligamento de câmera e de microfone pode ocasionar maior distanciamento entre as pessoas. Isso compromete a manutenção da comunhão de uma Clube da Leitura porque diminui muito o contato interacional, a espontaneidade e a troca dos turnos de fala. Isto quer dizer que, com os microfones e câmera desligadas, as pessoas diminuem as interações comunicativas entre si. Outro fator negativo é que não dá para mensurar quem participou efetivamente da reunião. Ainda que o recurso dos comentários seja bastante eficiente para mostrar opiniões, elogios e, por meio dos *emoticons*, aplausos e demais demonstrações de carinho para os participantes.

Destarte, a manutenção da comunhão em reunião *online* é um processo muito desafiador porque lida diretamente com a participação dos integrantes do grupo. A liberdade de se mostrar e de falar abertamente garante maior fluidez na interação comunicativa virtual, diminuindo as distâncias dos afetos e a sensação de isolamento. Isso mostra que as câmeras e os microfones podem ser considerados como instrumentos de criação de simulacros da aproximação física entre as pessoas.

2.3. Continuidade da comunhão

A reunião *online* como um simulacro da reunião presencial também apresenta seus marcadores discursivos de abertura e de encerramento do encontro. Contudo, para um Clube da Leitura *online*, o encerramento de uma reunião precisa deixar uma predisposição de comunhão entre os participantes para a leitura do livro e para a próxima reunião. No caso específico da APCC – Clube da Leitura, três encontros cumpriram a carga horária de nove horas exigidas pela organização curricular, mas essa questão da continuidade ficou suspensa.

Desse modo, é muito importante buscar estratégias virtuais que mantêm uma ligação entre os participantes do grupo por livre e espontânea vontade. Aqui se mostra a importância dos combinados entre o grupo, para que os integrantes negociem entre si a melhor forma de todos participarem de maneira ativa do Clube da Leitura *online*. Essa participação ativa também está relacionada ao hábito da leitura e à afetividade com os livros.

Á vista disso, o Clube da Leitura funciona em uma perspectiva de continuidade da comunhão. Durand e Gerbovic (2020) destacam o papel do mediador para a indicação dos livros e para o bom funcionamento da interação em grupo. Assim, nós temos a comunhão como uma dupla construção mediada pelo líder do grupo: a construção da comunhão do/da líder com os seus integrantes e de todo o grupo com a obra literária. Por tudo isso, pode-se considerar que uma situação de descomunhão provoque o fim do clube.

Considerações finais

Com base nas concepções de língua, de comunidade e de comunhão, este relato de experiência com o Clube da Leitura online trouxe algumas reflexões que podem ser mais bem analisadas em estudos posteriores. Destacam-se três reflexões sobre os seguintes aspectos da interação comunicativa no interior de um Clube da Leitura online: as estratégias para a abertura da comunhão em um Clube da Leitura; a relação entre leitura e comunhão e a descomunhão no ambiente virtual.

De certa maneira, é preciso pensar nas ações de divulgação do Clube da Leitura online como uma estratégia para a formação de uma comunidade de fala. Essas ações precisam cativar as pessoas para a participação nas reuniões e, assim, construir a comunhão do grupo. Em reuniões *online*, os combinados sobre as regras de interação *online* são fundamentais para o bom andamento da comunicação na plataforma. Ainda assim, esse componente exige muito cuidado para não haver maior distanciamento entre as pessoas da reunião. Tal como se evidenciou pelo desligamento das câmeras e dos microfones. Por fim, também é preciso pensar na leitura da obra. É nesse sentido que se pode pensar na relação da leitura com a comunhão. Para tanto, a concepção de linguagem da Ecolinguística pode contribuir para essa discussão de maneira mais detalhada posteriormente.

Sobre a descomunhão no ambiente virtual, faz-se necessário um estudo mais detalhado para se saber se existem níveis de comunhão e de descomunhão na comunicação virtual. Na experiência relatada aqui, o desligamento das câmeras e dos microfones distanciou os integrantes da reunião, contudo, alguns integrantes se fizeram bastante presentes no bate-papo por meio de comentários e perguntas. Caberia então mais descrição e análise desse processo na interação comunicativa do Clube da Leitura *online*.

Já em relação à pandemia, ações como Clubes da Leitura podem ser iniciativas interessantes para distrair as pessoas das más notícias e, ao mesmo tempo, agregar vivências

ECO-REBEL

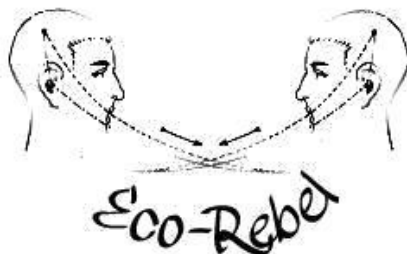
literárias que possam ajudá-las a construir maior empatia pelo outro. Isso pode refletir-se em outros campos da vida humana, principalmente no cuidado com a vida durante esse processo de quarentena. Por fim, as reflexões apresentadas aqui buscam ampliar o debate sobre o papel da comunhão na comunicação e, por conseguinte, na vida. Somente em comunhão nós podemos enfrentar essa fase tão difícil. Aqui, o Clube da Leitura *online* se colocou como uma possibilidade interessante de busca de conexão com as pessoas e com os livros.

Referências

- COUTO, H. Linguística Ecológica. In: COUTO et.al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.
- _____. Comunhão, 2017. Disponível em:
< <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html> > 20/07/2020.
- DURAND, J. & GERBOVIC, L. *Livros vencem armas, censura nunca mais*. Disponível em: < <https://revistaemilia.com.br/livros-vencem-armas-censura-nunca-mais/> > (acesso 23 07/2020).
- EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- NOWOGRODZKI, A. Confluências entre a sociolinguística qualitativa e ecolinguística: práticas religiosas virtualizadas. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 5, n. 2, 2019, p.54-74.

Aceito em 15/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



EM TEMPOS DE COVID-19: COMPORTAMENTOS E DINÂMICAS NO SISTEMA ECOLINGUÍSTICO VIA INTERAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/UEMASUL/UNIJUÍ)

Suzan Cleyde Martins Figueiredo (UEMA)

Resumo: A atual conjuntura social e científica com a pandemia é uma realidade recente com grandes implicações para todos os setores que envolvem a dinâmica social no cenário brasileiro. Esse fato tem consequências nas interações verbais, implicando mudanças e/ou inovações no sistema linguístico utilizado nas interações sociais. Assim, os discursos, constituídos com as unidades do léxico, possuem uma significância para muito além de seu aspecto linguístico, atualizando-se e explicitando um estatuto sociocultural e histórico que abrange um espaço geográfico bastante amplo, por vezes panlinguístico. Com base nesta perspectiva ecossistêmica, este trabalho tem por objetivo identificar nos discursos algumas expressões e lexias mais ocorrentes nas interações realizadas no contexto de tempos de Covid-19. A metodologia partiu da Análise do Discurso Ecológica - ADE, precisamente da Visão Ecológica de Mundo (VEM). Os elementos selecionados foram 3 pronunciamentos presidenciais; 4 propagandas; 67 termos recorrentes nos noticiários televisivos; e 13 novos termos do corpus News On the Web.

Palavras-chave: Covid-19; Impacto; Ecossistema Linguístico; Léxico.

Abstract: The current social and scientific situation due to the coronavirus pandemic is a recent reality with major implications for all sectors that involve social dynamics in the Brazilian scenario. This fact has consequences for verbal interactions, implying changes and/or innovations in the linguistic system used in social interactions. Thus, the discourses, constituted by units of the lexicon have a significance far beyond their linguistic aspect, realizing and revealing a socio-cultural and historical statute that covers a wide geographical area, sometimes panlinguistic. Based on this ecosystemic perspective, this work aims to identify in such discourses some lexical items which are more frequent in the interactions carried out in the context of Covid-19. The methodology that of Ecological Discourse Analysis - EDA, together with the Ecological View of

the World (EVW). The selected elements were 3 presidential talks; 4 advertisements; 67 recurring terms on television news; and 13 new terms from the News On the Web corpus.

Keywords: Covid-19; Impact; Linguistic Ecosystem; Lexicon.

1 Iniciando a discussão

O momento por que estamos passando tem estremecido alguns conceitos identitários e criado uma sintonia biopsicossocial entre os seres humanos de todo o planeta. Esta afirmação, porém, não basta para o trabalho que aqui propomos. Ele surge de questionamentos como: Até que ponto essa crise ecossistêmica leva a uma crise de identidade biocultural? Como esse acontecimento de dimensão mundial impacta em nossas interações sociais, inclusive na convivência nos espaços geográficos? Quais formas no ecossistema linguístico-cultural subjazem a essa crise e o que elas podem revelar? Como as lideranças sociopolíticas se manifestam nessa urgente situação?

O foco deste trabalho está voltado para alguns discursos¹ publicizados em meios midiáticos. Primeiramente, parte-se do princípio de que o modo como os estados de coisas são apreendidos impacta na cultura, na política e na linguagem e como esta linguagem se realiza decorrem em conformidade com o contexto social, cultural e histórico de falantes situados geograficamente. Observa-se, a partir de uma perspectiva da Análise do Discurso Ecológica – ADE, com uma visão biocêntrica, a correlação do homem situado em um meio ambiente (social, histórico, geográfico) e a linguagem (COUTO; NENOKI DO COUTO; BORGES, 2015).

No que se refere ao fato gerador dessa crise, no final de 2019 um evento viria modificar mundialmente o modo de o homem interagir com seus pares e com o ambiente em que vive: o surgimento de um vírus do tipo Sars-CoV-2, que gerou a doença conhecida como Covid-19, surgida provavelmente na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, provavelmente em dezembro de 2019. Nem o vírus nem a doença haviam sido identificados antes em seres humanos, informa o site da Organização Mundial da Saúde (OMS). O novo coronavírus pertence a uma família viral que causa infecções respiratórias em seres humanos e animais. Rapidamente ele se alastrou e, conseqüentemente, também a doença, adquirindo, em 11 de março do corrente ano, o

¹ “Discurso” numa visão bakhtiniana (BAKHTIN, 1992).

estatuto de pandemia pela OMS em função das proporções que assumiu, interferindo em vários aspectos do dia a dia das pessoas em todo o globo e implodindo o modo de vida que conhecíamos.

Todos esses elementos da realidade se refletem no indivíduo, sendo projetados pela linguagem. Dessa forma, este trabalho propõe-se a demonstrar, a partir da ADE e da VEM, alguns efeitos no sistema da língua, durante o período em que a pandemia vem ocorrendo, focalizando as seguintes inter-relações temáticas: biocultura, léxico, interações e proxêmica.

2 Teoria via linguagem e visão de mundo ecológica

A ecologia linguística incorpora a perspectiva da ADE - análise de discursos, da linguagem, da cultura e do mundo que tem como arcabouço a ecologia - e da VEM (COUTO; NENOKI DO COUTO; BORGES, 2015), perspectiva de abordagem sistêmica da linguagem, e dessa base paradigmática focaremos essas inter-relações para melhor compreender os processos ecossistêmicos, organizados pelo plano sociocultural, político e linguístico, com o fim de elucidar alguns efeitos na língua resultantes desse inusitado estado de coisas. A VEM, inscrita na ecologia social, que reflete o zelo pela preservação da vida na Terra, tem oito princípios fundamentais da chamada ecologia profunda, os quais seguem.

- 1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para os propósitos humanos.*
- 2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmas.*
- 3. Os humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades humanas vitais.*
- 4. O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma substancial diminuição da população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.*
- 5. A interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente.*
- 6. As políticas precisam ser mudadas. Essas políticas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideologias básicas. O estado de coisas resultantes será profundamente diferente do atual. a de apreciar a qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), não a de adesão ao sempre crescente padrão de vida. Haverá uma profunda consciência da diferença entre o grande e o importante.*
- 8. Aqueles que subscrevem os pontos precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias. (COUTO; NENOKI DO COUTO; BORGES, 2015, p. 20).*

O mundo nos é revelado via linguagem e por meio da linguagem revelamos nossas próprias concepções de mundo. Essas concepções organizadas socialmente e materializadas em atitudes,

hábitos, conhecimentos, enfim, saberes diversos, constituem uma cultura que se pauta numa visão ecológica de mundo, portanto, numa biocultura.

2.1 Biocultura

Cultura e linguagem são indissociáveis. Como a definição da palavra *cultura* é tão complexa, a etimologia pode contribuir para um esclarecimento do que ela significa nesse campo da linguística. Oriunda do latim, *cultura* 'ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo (FERREIRA, 2010), este termo teve uma ampliação de sentido que passou a ser muito utilizada, como “a acção que o homem realiza quer sobre o seu meio quer sobre si mesmo, visando a transformação para melhor” (ANTUNES, 2002, p. 39). Herder (*apud* LYONS, 1987) compreende-a no sentido de conhecimento adquirido socialmente em uma comunidade por pertencer a esta, por ser membro dela, e o conhecimento é o saber fazer e o ter consciência da constituição de que uma coisa é ou não de determinada forma. Clifford Geertz (2008, p. 4) assume a cultura “como sendo essas teias [de significado] e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Este autor afirma que a cultura não é poder, mas um contexto, algo do qual podem ser descritos acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou processos. Assim, o processo de compreensão da cultura de um povo “expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p. 10). Santos (2006) enfatiza as transformações que a cultura sofre com o passar dos tempos, que ela existe em todos os povos, porém cada povo desenvolve a sua de acordo com o contexto vivido em sociedade, diferenciando-os com seu estilo de vida e com suas particularidades, “Assim, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 2006, p. 8), lembrando o fato de a cultura ser um aspecto de nossa realidade, incluindo as transformações que ela sofre, que ao mesmo tempo a expressa e modifica.

Hall (1986) afirma o poder de a cultura modificar grandemente o ato natural de pensar e enfatiza que é mais importante observar como as coisas são realmente organizadas do que ater-se às teorias, apesar de ele não excluir outros fatores como religião, organizações sociais, linguagem, valores morais e cultura material. Evidencia, assim, a importância da linguagem como um dos mais relevantes elementos culturais². Esse autor apresenta três características da cultura: é

² “My emphasis is on the nonverbal unstated realm of culture. While I do not exclude philosophical systems,

ECO-REBEL

aprendida e não inata; possui suas várias facetas e a ela tudo está inter-relacionado e por ela tudo pode ser afetado; é sempre compartilhada e estabelece as fronteiras entre diferentes grupos sociais. Assim, não há um só aspecto da vida humana que não esteja inter-relacionado à cultura e por ela não seja influenciado. Outro fator estreitamente inter-relacionado à cultura é o aprendizado, posto que à medida que o homem vai aprendendo vai modificando o que constrói, sendo um ser adaptável e flexível. Esses comportamentos, as respostas habituais, as interações peculiares, após aprendidos, submergem no subconsciente³. Disso resulta que a cultura também funciona como um anteparo permeável entre o próprio homem e o mundo que o cerca, determinando aquilo a que se deve ou não dar importância.

A partir dessa perspectiva - de que os comportamentos sociais, os hábitos, as atitudes linguísticas são impactados ou filtrados pela cultura, sendo esta também aprendida, de forma que a linguagem que vai sendo compartilhada sempre sofrerá influência da cultura - necessita-se ampliar esse conceito de forma a considerar as inter-relações que envolvem todas as formas de vida, e assim fica entendida a biocultura.

O termo *biocultura* fica, dessa forma, filiado ao conceito de diversidade *biocultural*, apresentado em Mafi (2016, p. 286) significando “a diversidade da vida em todas as suas manifestações – biológicas, culturais e linguísticas – que estão inter-relacionadas dentro de um sistema adaptativo complexo e socioecológico”. A biocultura é a cultura da e pela vida dos seres vivos com o estabelecimento de elos biológicos, socioculturais e linguísticos em que essas inter-relações são impactadas pelo e impactam sobre o meio ambiente social, mental e natural.

Esse entendimento inclui o comportamento dos seres vivos, portanto, dos indivíduos organizados socialmente, particularmente da espécie humana, sendo influenciados pelos eventos da realidade. Numa visão de biocultura, de um lado o Covid-19 estabelece muitas relações entre esses indivíduos organizados socialmente em grupos, nações e povos, aproxima-os de alguma forma; por outro, abre distâncias e fronteiras isolacionistas, que impactam profundamente nessas inter-relações.

religions, social organizations, language, moral values, art, and material culture, I feel it is more important to look at the way things are actually put together than at theories.” (HALL, 1986, p. 16, Tradução livre).

³ “Everything man is and does is modified by learning and is therefore malleable. But once learned, these behavior patterns, these habitual responses, these ways of interacting gradually sink below the surface of the mind and, like the admiral of a submerged submarine fleet, control from the depths”. (HALL, 1986, p. 42).

2.2 Interações

Interagir é um ato vital para os seres vivos, tanto quanto alimentar-se, por exemplo, particularmente para os humanos, os quais se utilizam para isso da linguagem.

Segundo Couto (2007), a linguagem constitui-se dos modos como os seres vivos, animais e humanos, se comunicam, enquanto a língua é o modo de os humanos se comunicarem verbal (oralidade e escrita) ou manualmente.

As relações entre o meio ambiente e os seres vivos via linguagem constituem o Ecossistema Fundacional da Língua, também conhecido como Ecologia Fundamental da Linguagem (EFL), ou seja, a língua tem a priori o caráter da socialidade, portanto, o EFL abarca necessariamente em seu escopo uma ecologia de interações. Nessa comunidade o que prevalece são as interações comunicativas intituladas Ecologia dos Atos de Fala ou Ecologia da Interação Comunicativa (EIC), teoriza o autor. Nesse esquema, a interação se dá na comunidade e devem ser considerados elementos como a *fonte* – que é de onde provém o falante – que faz um enunciado, dentro de um *contexto*, por meio da *língua* a um ouvinte *destinatário*. Comumente, a interação entre os interlocutores ocorre face a face, falante-ouvinte, a uma distância de 1,5m para facilitar a audição.

Couto salienta ainda o estabelecimento da comunhão entre os membros da comunidade, que no ato interativo entre os interlocutores se dá por meio da solicitação-pergunta, quando o indivíduo se dirige ao outro, e da satisfação, quando o outro responde. Comunhão, segundo Couto (2016, p. 245), “significa estar em sintonia de espírito, estar em harmonia, numa atmosfera de solidariedade a partir da qual muitos atos de Interação Comunicativa [IC] e de generosidade poderão acontecer. É uma satisfação com o próprio ato de estar juntos”.

Na convivência de uma comunidade geograficamente situada, em tempos de pandemia, é natural que as particularidades da comunicação remota, juntamente com o advento de um tema sobre o qual o mundo inteiro se debruça (a própria pandemia), ponham a língua em muita (cri)atividade no cerne de uma rede de interações comunicativas.

E nessa ecologia de interações comunicativas, em tempos de Covid-19, a percepção da dimensão do espaço individual e coletivo, particular e público, com proximidade ou distância, respeitado ou invadido, impactam diretamente no uso da língua(gem) entre os diversos interlocutores, o que torna relevante um conhecimento sobre a proxêmica ou proxemia.

2.2.1 Proxêmica

Os seres vivos em geral delimitam seus espaços de convivência, sejam perenes ou itinerantes. A necessidade humana de convivência social nos espaços deve ter levado ao estudo das distâncias físicas, que devem ter iniciado tendo como ponto de partida o próprio corpo humano. Medidas básicas conhecidas como braços e pés demonstram a criação dessas metáforas de dimensão a partir de partes do corpo humano. O próprio termo *proxêmica* ou *proxemia* leva à noção de proximidade, daquilo que se aproxima para mais ou para menos, retomando sempre a ideia de presença de um corpo humano.

O criador desse termo no ano de 1960, Edward Hall, o conceitua como o estudo da percepção e uso do espaço pelo homem; e Sebeok, como “o estudo da percepção diferenciada que o homem tem do espaço e do tempo bem como do uso que faz deles. Nesse sentido é conhecido dos etologistas desde 1920 sob o nome de etologia” (1972 *apud* COUTO, 2007). A proxêmica diz respeito à distância mantida entre os interlocutores no ato comunicativo. Assim, como estudo da percepção e do uso dos espaços interacionais durante o estabelecimento das comunicações interpessoais, é um vetor que pode causar dificuldades no que se refere às fronteiras de uso dos espaços e do próprio tempo na interação dos indivíduos, da ordem das coisas, particularmente na manutenção dos cumprimentos para alguns povos. O tempo também é considerado como um vetor importante e por isso influencia no estabelecimento das relações humanas. Hall (1986, p. 135) foi um dos maiores estudiosos dessa teoria e lembra que os modelos proxêmicos:

desempenham para o homem um papel comparável ao do comportamento de exibição nas formas inferiores de vida; ou seja, simultaneamente consolidam o grupo e o isolam de outros, por um lado reforçando a identidade intragrupal e, por outro, tornando mais difícil a comunicação intergrupala.

O autor apresenta quatro tipos de distâncias básicas, com fases respectivamente de proximidade e de distanciamento observadas entre os humanos: distância íntima (fase afastada – de 15 a 45cm), pessoal (fase próxima: de 50 a 80cm; fase afastada: de 80 cm a 1,20 m), social (fase próxima: de 1,20m a 2,10m; fase afastada: de 2,10m a 3,5m) e pública (fase próxima: de 3,5m a 7,5m; fase afastada: de 7,5m ou mais). Ele chama a atenção para o fato de que “a maneira como as pessoas se sentem com relação umas às outras, em cada ocasião, é um fator decisivo na distância a ser empregada” (1986, p. 106). Vários fatores a partir dos quais se realiza uma análise proxêmica também são propostos, como postura-sexo, eixo sociofugo-sociopeto, cinestésico,

ECO-REBEL

comportamento de contato, código visual, código térmico, código olfativo e volume de voz. Para este trabalho, interessam o eixo sociofugo, que desencoraja as interações sociais; e o código térmico, que se refere ao calor percebido pelos interlocutores.

A praxe desses comportamentos sócio-culturais tão importantes de uso do espaço e do tempo teve, de repente, que ser reinventada e novas fronteiras comunicacionais foram estabelecidas, indicando uma proibição no modo de ocupação desses espaços e locomoção dos sujeitos.

Em tempos de Covid-19, pais tiveram que se afastar de filhos, avós tiveram que se separar de seus netos, tendo em vista que a transgressão dessas regras parece ameaçadora para a própria sobrevivência, tornando-se uma questão de vida ou morte. O momento exige diferentes regras e atitudes em relação aos espaços interpessoais, sendo proibida e ameaçadora a quebra dessas interdições. A face dos interlocutores agora parece afrontar, ameaçar e causar desconforto nas atividades sociocomunicativas e os comportamentos extralinguísticos como gestos e distância física entre os interlocutores passaram a receber uma atenção consideravelmente aumentada que transcende a necessidade corriqueira, criando um protocolo social. Esse posicionamento em relação à distância passou então a ser um aspecto da biocultura.

Por outro lado, também ocorreu uma menor frequência aos espaços públicos, antes tão concorridos, e uma maior utilização dos espaços digitais com os bate-papos e outros serviços que agora devem se realizar predominantemente via plataformas Skype, Whatsapp, Messenger, Team, entre outras. Ocorreu uma mudança nos sistemas de comportamentos culturalmente históricos e sociocomunicativos em que paradoxal e cientificamente esses distanciamentos e aproximações passaram a ser mais significativos neste momento histórico de pandemia por Covid-19. Os meios realmente passaram a ser uma extensão do homem, afetando sua vida física como já afirmava McLuhan, em 1969, encolhendo-lhe esses fatores de sobrevivência tão naturais como o tempo e o espaço.

2.3 Léxico

Sapir preconizava que é o léxico principalmente que revela a cultura de uma comunidade. Ou seja, o léxico materializa os elementos culturais via signos linguísticos.

Couto (2007) lembra que mais interessante do que os aspectos formais do léxico são as inter-relações que ele mantém com o meio ambiente físico, social e mental, o que ocorre com a

ECO-REBEL

intermediação dos sujeitos interlocutores situados espacialmente. Nesse sentido o léxico passa a ter uma posição primeira (desde a aquisição da linguagem), central e dinâmica na língua, acompanhando a dinâmica de sua comunidade de fala refletida nos processos de interação verbal. Segundo esse autor, o léxico é um inventário de termos (lexemas) criados pelos membros de uma comunidade para dar conta dos elementos do meio ambiente que lhes são relevantes nos processos de adaptações recíprocas. Seria, portanto, grande constituinte da língua associado à gramática. Na mesma linha de pensamento, Adam Makkai (*apud* COUTO, 2007, p. 189) informa que “cada palavra [...] está em íntima relação com inúmeras outras palavras, cujas interconexões podem ser representadas como uma gigantesca rede. Esse tipo de rede não tem nenhum começo nem fim lógicos”. O léxico é abordado por Lara (2006) como um fenômeno da memória de cada indivíduo na qual vai sendo acrescentado, ao longo da vida, o acervo recebido da comunidade linguística. Assim, o léxico de uma língua é o conjunto de vocábulos compartilhado por todos os membros de uma comunidade linguística.

Makkai (*apud* COUTO, 2007, p. 189) acrescenta que “uma palavra é um ponto de ‘conexão’ ativado ou inativado em uma complexíssima rede de relações semânticas, gramático-morfológicas e fonético-fonológicas”. Ele informa ainda que o conjunto de palavras ativadas e inativadas constitui o léxico total de uma língua; o conjunto das palavras ativadas, as que estão em pleno uso, constitui o léxico real, que se organiza em um dicionário. Couto acrescenta às palavras ativadas aquelas que foram reativadas, ou seja, as que algum dia foram usadas, caíram em desuso e novamente foram ativadas; e entre as inativadas ele conta as desativadas, aquelas que se tornaram arcaísmos. Para este autor, o número de palavras de uma língua é incontável por estar sempre em aberto, surgindo novas palavras a todo momento. A função do léxico em materializar linguisticamente os novos conceitos criados pela ciência e Couto enfatiza o fato de que sempre que uma coisa surge e desperta o interesse de uma coletividade recebe um nome, é lexicalizado. Como fenômeno individual e social, Lara (2006) percebe que o léxico possui as dimensões linguística, cognitiva e neurológica. No âmbito da dimensão linguística, o léxico, composto pelos vocábulos, se organiza primeiramente pelo vocabulário fundamental, o léxico mínimo que nos permite interagir; o vocabulário ativo, aquele utilizado nas interações espontâneas do dia a dia; o vocabulário passivo, aquele aprendido que permite ler, interpretar, mas que se usa apenas de maneira receptiva; e o vocabulário disponível, quando o vocabulário passivo passa a fazer parte do vocabulário ativo em função de determinadas ocorrências, eventos de mundo.

ECO-REBEL

As palavras transformam-se em símbolos sociais pelo papel que exercem para além da função de signo linguístico, na percepção e reflexão social sobre as línguas, afirma Lara (2006), representando valores, percepções e tabus sociais, o que lhes atribui uma dimensão mágica, moral, ideológica e cognitiva (BIDERMAN, 1998; LARA, 2006). Dessa forma, são gerados eufemismos e disfemismos motivados social e culturalmente por tabus verbais, bem como os chamados léxicos de solidariedade, as grosserias, estrangeirismos, neologismos, solecismos e barbarismos, purismos e casticismos. Esse tipo de vocabulário, afirma Lara (2006, p. 225), se converte facilmente em símbolos sociais “que se prestam para articular atitudes normativas ou prescritivas de caráter ideológico”, impondo-se, seja por seu caráter contestatório, de moralidade ou urbanidade socialmente compartilhados, em certos momentos históricos da sociedade.

3 Percurso da pesquisa

Num estudo observacional e descritivo, foram analisados os discursos proferidos pelo presidente da República, extraídos das seguintes fontes, de acordo com as datas: 24/03/2020, do UOL, em São Paulo; do UOL, em São Paulo; 31/03/2020; do UOL, em São Paulo; 08/04/2020; acesso em 12/04/2020, às 21h38min. Os excertos desses discursos foram organizados no texto com uma codificação com a letra ‘D’ (discurso) e com o dia, mês e ano da consulta, seguido pelo número de sequência, como em D240320(01).

Também foram observadas duas propagandas: uma em um canal da internet e outra em um canal fechado de televisão; foram monitoradas notícias em um canal aberto de televisão, durante três dias de programação no mês de abril deste ano, de onde foram selecionadas as lexias em língua portuguesa; por último, realizou-se, no mês de maio, uma seleção dos termos lexicais mais recorrentes em língua inglesa no corpus do NOW (News On the Web).

4 Interações e fenômenos sociais no léxico

Discussões sobre o novo coronavírus com opiniões científicas e/ou político-ideológicas as mais diversas possíveis, por vezes considerando, outras não, as orientações emanadas da Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde, têm sido o assunto central dos meios de comunicação do país.

Os brasileiros culturalmente costumam comunicar-se em relações presenciais com muita proximidade, não sendo incomum traços complementares extralinguísticos na comunicação que

ECO-REBEL

incluem particulares posicionamentos físicos espaciais, a linguagem corporal dos gestos com os afagos e duração e entonação de voz, por exemplo.

Os efeitos que se fizeram sentir nas pessoas com o surto da Covid-19, particularmente nos grupos sociopolíticos, impactou na forma da língua, precisamente no léxico, com as constantes citações nos meios televisivos de siglas como Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Entretanto, o que mais tem chamado a atenção são as fervorosas polêmicas geradas em torno de temas concernentes a esta crise, como o distanciamento social, o isolamento social, o uso de máscaras e ainda o tratamento adequado ou não com o uso de determinadas substâncias químicas. A respeito desses desentendimentos neste contexto sócio-histórico, Edward Hall, em 1989, no início de sua obra *Beyond Culture*, preconizava uma crise como a que hoje explodiu:

Existem duas crises relacionadas no mundo de hoje. A primeira e mais visível é a crise da população / meio ambiente. A segunda, mais sutil, mas igualmente letal, são as relações da humanidade com suas extensões, instituições, ideias, bem como as relações entre os muitos indivíduos e grupos que habitam o globo. (HALL, 1989, p. 1 Tradução livre)⁴.

Uma das maiores exigências e dificuldades durante esse período de Covid-19 diz respeito às regras interacionais que implicam diretamente nos aspectos socioculturais dos brasileiros, trazendo conflitos para o cumprimento dessas regras emanadas da OMS. Esses comportamentos entre nossas lideranças têm demonstrado mais preocupação em mostrar suas forças de poder e menos com a disseminação de um vírus que parece trazer uma dura resposta ao que o homem tem feito à natureza, como tem defendido o Papa Francisco (*ver resenha de seu livro neste volume*).

Numa crítica ao uso abusivo dos recursos naturais, Hall (1989, p. 2, Tradução livre) afirmava: “Hoje, o mar, o ar, as vias navegáveis, a terra, o campo e o que ele produz tornaram-se nossos bens comuns, e todos estão sendo usados em excesso. É claro que os apelos ao altruísmo são fúteis e, em certo sentido, imprudentes”⁵. Como resultado direto da quarentena imposta pelo vírus, ao contrário, têm sido inseridos nos noticiários relatos de redução no nível de poluição do ar, e de animais selvagens que passam a frequentar os ambientes onde os humanos deixaram de circular.

⁴ Texto original “There are two related crises in today's world. The first and most visible is the population/environment crisis. The second, more subtle but equally lethal, is humankind's relationships to its extensions, institutions, ideas, as well as relationships”.

⁵ Texto original de Hall: Today, the sea, the air, the waterways, the earth, the land and what it produces have all become our commons, and all are being overused. It is clear that appeals to altruism are futile and in a sense foolhardy.

4.1 Pronunciamentos do Presidente da República em cadeia nacional

Para uma maior compreensão desse estado de coisas, apresentamos os dados, a começar pelos pronunciamentos do Presidente da República, em rede nacional. Para isso, fizemos uma categorização semântica das ideias mais centrais discutidas nessas falas, organizadas em três aspectos: natural, social e mental.

Aspectos naturais

- Efeitos do novo coronavírus

D240320(01): [Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil.]

D240320(02): [Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria.]

D240320(04): [O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará.]

D080420(04): [Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver: o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente.]

Os excertos revelam que já tinha sido prevista a chegada do vírus, com uma preocupação com o pânico social que seria causado com o surgimento da doença no país, e no sentido de vencer o vírus e o desemprego. Percebe-se que vírus e desemprego são tomados igualmente como elementos causadores de danos.

- Cloroquina e hidroxicloroquina

D240320(08): [Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite.]

D3140420(08): [O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele, ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.]

D310320(13): [Os laboratórios químicos-farmacêuticos militares entraram com força total e...]

D080420(09): Há pouco conversei com o doutor Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates ao assumir que não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos. Disse-me mais. Que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora para não se arrepende no futuro.

D080420(10): Temos mais boas notícias. Fruto de minha conversa direta com o primeiro-ministro da Índia, receberemos até sábado matéria-prima para continuar produzindo a hidroxicloroquina, de modo a podermos tratar pacientes da Covid-19, bem como malária, lúpus e artrite.

ECO-REBEL

Instalou-se um embate ideológico tendo como escopo as substâncias cloroquina e hidroxicloroquina, medicamentos que, embora ainda não havendo estudos conclusivos sobre seus efeitos, têm sido usados relativamente no enfrentamento do novo coronavírus. O uso dessas substâncias tem sido defendido pelo presidente Jair Bolsonaro, bem como pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Por outro lado, outras autoridades têm chamado a atenção de forma veemente sobre os perigos que esses medicamentos podem oferecer, desaconselhando seu uso. Certo é que a discussão praticamente ficou polarizada entre os apoiadores do presidente Bolsonaro, que defendem seu uso, e os opositores, que realçam os perigos desses medicamentos. Posteriormente, em 20 de maio, o Ministério da Saúde autorizou o uso mais amplo da cloroquina no Brasil, recomendando o medicamento também para o tratamento de pacientes com sintomas leves da Covid-19. Movendo-se em sentido contrário, cinco dias depois a OMS anunciou a interrupção dos testes com a cloroquina depois de levar em conta novos resultados de estudos com a droga.

Aspectos sociais

- Meios de comunicação

D240320(03): [Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão.]

Esse excerto demonstra que não há uma comunhão, ou seja, uma sintonia de espírito, harmonia, atmosfera de solidariedade nas interações comunicativas enunciadas nos pronunciamentos presidenciais e grande parte dos meios de comunicação - que estão na “contramão” do que propõe o presidente - informa o excerto. Há, portanto, uma desconunhão entre esses poderes sociais.

- Salvar a economia

D240320(05): [O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade.]

D310320(03): [Nesse sentido o senhor Tedros Adanon, diretor geral da Organização Mundial da Saúde disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e que “os governos têm que levar essa população em conta”.]

D310320(04): [“Eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta, porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”.]

D3140420(06): [Determinei ainda ao nosso ministro da Economia que adotasse todas as medidas possíveis para proteger sobretudo o emprego e a renda dos brasileiros.]

D310320(07): [... Por outro, temos que combater o desemprego, que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres.]

ECO-REBEL

D310320(09): [Como disse o diretor geral da OMS, “todo indivíduo importa”. Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos, que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros.]

D080420(04): [Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver: o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente.]

D080420(08): [As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença.]

- Salvar vidas

D310320(02): Minha preocupação sempre foi salvar vidas, tanto as que perderemos pela pandemia quanto aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome.]

D3140420(10): [Na última reunião do G20, nós, chefes de Estado e de governo, nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos. Assim o farei.]

D310320(07): [Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos. Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças pré-existentes. Por outro...]

D080420(01): [Não restam dúvidas de que nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas.]

O desequilíbrio expresso nesses excertos entre os dois propósitos, salvar a economia e salvar vidas, refletindo uma tendência maior para o primeiro, tem causado muitas críticas ao Governo, nos meios de comunicação. Essa discussão perpassa por um vínculo explícito entre o vírus, a pandemia e a destruição do meio ambiente. Na perspectiva da visão ecológica de mundo, particularmente dos princípios fundamentais da ecologia profunda, propostos por Arne Næss e George Sessions, a prioridade é a preservação, o bem-estar e o florescimento da vida humana e da não humana na terra, valores esses independentes da utilidade do mundo não-humano para os propósitos humanos, ou seja, essa problemática tem relação com as questões da destruição ambiental, da destruição da riqueza e da diversidade das formas de vida. Dessa forma, as políticas governamentais no que se refere ao ecossistema devem buscar transformar “estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas”. Significa que uma mudança ideológica que aprecie principalmente aquilo que é mais importante, a qualidade de vida e não questões financeiras que centralizam sempre o crescente padrão de vida, é uma necessidade urgente do mundo social pós-moderno.

- Isolamento social

D240320(06): [Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.]

D080420(07): [Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar o seu pão de cada dia.]

O distanciamento e isolamento são fatos sociais que de certa forma privam as pessoas de liberdade e ocorrem desde os tempos mais remotos, registrado nos livros bíblicos do Antigo e do Novo

ECO-REBEL

Testamento ao narrarem sobre a Lei do Puro e do Impuro. Nesta lei, aquele que transgredisse as normas ali estabelecidas e que o mantinham “puro”, receberia uma punição, dentre outras consequências, como o isolamento social.

Essa lei foi escrita no contexto da dominação persa, nos séculos V ou IV a.C., depois do cativo da Babilônia. Quem não a cumprisse - mulheres, leprosos, estrangeiros - tinha a obrigação de oferecer sacrifícios (oferendas) de purificação pelo pecado aos sacerdotes. Ainda no tempo de Jesus, no Império Romano e no Judaísmo, as pessoas "impuras" deviam ser evitadas, eram discriminadas e, dessa forma, punidas. Percebe-se que ocorria - e ainda ocorre hoje - um desprezo feroz por quem cometia uma ação repreensível ou desviante em relação ao que era esperado (CASTRO; SANTOS, 2016, p. 43).

Os excertos, ao mesmo tempo em que fazem alusão a uma preocupação com a não disseminação do vírus, também lembram a necessidade de manter os empregos daqueles que mais necessitam. Essa demonstração, entretanto, nega o isolamento e/ou distanciamento social para grande parcela da população, o que promove uma discordância com as normas de segurança da OMS contra a disseminação do vírus.

- Combate

D310320(01): mas agora estamos diante do maior desafio da nossa geração.

D310320(12): [Foi ativado um Centro de Operações que coordena as ações e dez comandos conjuntos foram criados, cobrindo todo território nacional. Realizam ações que vão desde a montagem de postos de triagem de pacientes, apoio a campanhas informativas e campanhas de vacinação, logística e transporte de medicamentos.]

D3140420(11): Desde fevereiro determinei o emprego das Forças Armadas no combate ao coronavírus. O Ministério da Defesa realizou o resgate de brasileiros na China. Agora, as Forças Armadas atuam em apoio às áreas de saúde e segurança em todo o Brasil.]

D310320(05): [Por isso determinei ao nosso ministro da Saúde que não poupasse esforços, apoiando, através do SUS, todos os Estados do Brasil, aumentando a capacidade da rede de saúde e preparando-a para o combate à pandemia. Assim, estão sendo adquiridos novos leitos já com respiradores, equipamentos de proteção individual, kits para testes e demais insumos necessários.]

A linguagem cotidiana é construída em grande parte com metáforas, em que uma coisa está por outra, associadas pelas semelhanças (LAKOFF; JOHNSON, 2002). A concepção linguística demonstra a metáfora da guerra com termos *desafio*, *centro de operações*, *dez comandos conjuntos*, *Forças Armadas*, *combate ao coronavírus* *Ministério da Defesa*, *resgate de brasileiros na China*, *combate à pandemia*, *equipamentos de proteção individual*. Há uma vivência dessa pandemia com um enfrentamento como se fosse uma verdadeira guerra, onde esse combate não deve dar trégua ao “inimigo invisível” mencionado várias vezes, o novo coronavírus. Compreende-se a influência biocultural na linguagem desde um enunciador que se situa em um

ECO-REBEL

ambiente especificamente militar e cujos enunciados metafóricos reafirmam essa esfera sociocultural.

Aspectos mentais

- Autoimagem

D240320(07): [No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho...]

O enunciador revela uma imagem narcisista quando menospreza a capacidade de a doença atingi-lo, ao afirmar “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta”, bem como demonstra uma minimização da gravidade da doença que tem causado pânico em todo o mundo quando utiliza os termos *gripezinha* e *resfriadinho* referindo a Covid-19 em que *-inha* e *-inho* materializam o menosprezo pela doença que subjaz à fala do enunciador, na forma desses morfemas.

- Ideologia política

D080420(03): [Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do País de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da nação. Todos devem estar sintonizados comigo.]

D080420(05): [Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos. O Governo Federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração.]

Nesse sentido, Hall (1989) reafirma o poder da política na vida dos indivíduos como vetor de poder decisório no seio da sociedade, partindo de seu cerne que é a família, atingindo os diversos ambientes sócio-institucionais: local, nacional e internacional⁶. “A política é uma parte importante do início da vida no lar e se torna cada vez mais visível à medida que o poder se manifesta nas instituições maiores, no ambiente local, nacional e internacional”. Acertadamente, este autor reforça que “os problemas políticos e culturais do mundo são exacerbados por crises ambientais e econômicas”⁷.

⁶ Texto original de Hall: “Politics is a major part of life-beginning in the home and becoming more and more visible as power is manifest in the larger institutions on the local, national, and international level” (HALL, 1989, p. 1, Tradução livre).

⁷ “Exacerbating, the world's political and cultural problems are environmental and economic crises” (HALL, 1989, p. 2).

ECO-REBEL

Neste espaço, o enunciado deixa transparecer o que tem dominado os discursos políticos no Brasil, quer dos segmentos de esquerda, quer de direita, inclusive maculando a convivência desse e de outros segmentos sociais, em que a necessidade de estar de um lado supõe que o outro lado é adverso. São polos diferentes, estar em um lugar não permite estar em outro, a conhecida “polarização” política que tem sido tão acirrada aqui no Brasil e transparece no léxico que constitui os vários discursos.

- Solidariedade

D080420(02): [Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias que perderam seus entes queridos nessa guerra que estamos enfrentando.]

DE240320(09): [Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais. Nos (Conferir na fonte) tratam e nos confortam.]

- Religiosidade

D240320(09): [Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.]

D310320(14): [Deus abençoe o nosso amado Brasil.]

D080420(11): Sigamos João 8:32: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará".

D080420(12): Deus abençoe o nosso Brasil.

Os enunciados que buscam mostrar solidariedade e espírito religioso, procuram estabelecer ideologicamente uma comunhão e uma sensibilização mantendo certa sintonia de espírito com os interlocutores, valorizando essas formas de inter-relação que geram satisfação junto a determinados segmentos da sociedade.

Como propôs Eve Clark (*apud* Couto, 2007), a palavra é o instrumento básico que propicia a interação, ou seja, os atos de interação comunicativa (AIC). Por isso, o papel relevante do léxico na percepção e reflexão social, na representação de valores, percepções e tabus sociais que se refletem nas interações sociais das quais são o elemento básico.

4.2 Propagandas televisivas e na internet

Em segundo lugar, traz-se o efeito acarretado nas propagandas. A pandemia atingiu empresas de todo o mundo. Algumas empresas e produtos beneficiaram-se deste momento, como as que vendem álcool em gel, produtos de limpeza, as provedoras virtuais de filmes e séries televisivas etc. Grande parte foi fortemente impactada como a maioria do comércio varejista e atacadista, das redes de turismo, de restaurantes e aeroportos. Em função da recessão econômica, essas empresas

ECO-REBEL

tiveram que passar por uma readaptação significativa, muitas delas investindo em marketing e renovando suas imagens midiáticas.

Todos os meios televisivos e os mais diferentes meios de comunicação de repente dedicavam praticamente todo o espaço e tempo às notícias sobre a doença Covid-19, com muitas propagandas que referiam esse tema. Percebemos muita comunhão nesses enunciados em que ocorreram muitas demonstrações de generosidade e de solidariedade e em que se se sobrepôs acima de tudo uma sintonia de vozes para, numa atmosfera de harmonia, postarem-se todos a favor do distanciamento ou mesmo isolamento social. Vejam-se as quatro figuras que representam propagandas de instituições públicas e de iniciativas privadas.

Figura 1: Rótulo da Ambev em garrafas de álcool doadas



Rótulo do álcool em gel que será produzido pela Ambev (Crédito: Divulgação)

Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2020/03/19/covid-19-publico- aprova-iniciativas-de-ambev-e-bk.html>

Na Figura 1, a cervejaria Ambev, empresa brasileira que produz bebidas como cervejas, refrigerantes, energéticos, sucos, chás e água, reporta-se ao contexto histórico e propaga uma política de sustentabilidade social, neste caso, irmanando-se com as políticas de apoio ao combate do novo coronavírus, expressando o desejo de contribuir para o bem estar da população.

A Figura 2 revela um depoimento educativo que estimula a adoção de medidas para a prevenção da Covid-19, campanha patrocinada pelas empresas Hershey, Oi, Itaú Cultural, Rappi, Havaianas, Youse, Isobar, Pros, In Press Porter Novelli, Endemol Shine e OLX.

ECO-REBEL

Figura 2: Movimento Distância Salva



Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2020/03/19/covid-19-publico-aprova-iniciativas-de-ambev-e-bk.html>

O slogan patrocinado por essas empresas reforça a ideia de que a distância no espaço geográfico não implica uma perda afetiva e que os bons sentimentos atravessam esses empecilhos e estimulam, de forma bastante agradável, o respeito às orientações emanadas da OMS.

Os efeitos de sentido de algumas propagandas muitas vezes parecem pesados, porém alguns acham que isso é necessário para convencer as pessoas a cumprirem as normas de isolamento e de afastamento social.

Figura 3: Propaganda de Teresina para frear o Covid19.



Fonte: <https://bhaz.com.br/2020/04/05/covid-19-teresina-isolamento-propaganda/>

Os médicos têm recomendado um índice de isolamento e afastamento social de pelo menos 70% entre a população para a segurança de todos. Na cidade de Teresina, por exemplo, o poder público resolveu investir com a força da linguagem midiática para tentar convencer as pessoas acerca da necessidade de manterem o distanciamento social com a propaganda veiculada no slogan *Fique em casa*. Não percebendo muitos resultados e observando um aumento dos casos do Covid-19, a Prefeitura de Teresina, pensando nas consequências irreversíveis, agiu rapidamente endurecendo a linguagem, conforme se pode observar na imagem da Figura 2, que questiona se as pessoas preferem descansar em um caixão de defuntos ou em um sofá, resposta cabível na escolha

ECO-REBEL

responsável dos municípios. Dessa forma, verifica-se principalmente um forte impacto em nossas interações sociais, inclusive na convivência nos espaços geográficos.

O tipo de distância básica adotada pela OMS, na perspectiva da proxemia, é do tipo social fase próxima: de 1,20m a 2,10m. No contexto analisado, o determinante não é exatamente a maneira como as pessoas se sentem seguras com relação umas às outras, mas é decisiva a distância a ser respeitada, sugerida pela ciência. Assim, os fatores a partir dos quais se categoriza a proxêmica para o contexto de Covid-19 são particularmente o eixo sociófugo, que desencoraja as interações sociais.

Em virtude dessas considerações, é necessário salientar ainda que o isolamento social nestes tempos trouxe notícias de níveis de poluição mais baixos, de animais selvagens retomando espaços urbanos. Conforme a VEM, a interferência humana atual no mundo não-humano tem sido excessiva, e a diminuição dessa interferência demonstra uma rápida melhora no meio ambiente, consequentemente, menos doenças.

Chamam a atenção as propagandas de medicamentos veiculadas em TV Aberta para o grande público ou em canais privados. Foram acrescentadas informações por meio de termos técnicos antes nunca observados nesse gênero de comunicação, em função de um momento atípico, que induz a um cuidado maior com a saúde pública mundial e que leva os telespectadores a terem boa aceitação com esse tipo de linguagem.

Na propaganda do antiviral Multigrip verificada desde os dias sete a treze de abril em canais televisivos e no Facebook, por exemplo, o texto foca uma linguagem com uso de termos técnicos como *paracetamol + clorfeniramina + cloridrato de fenilefrina*, seguindo a tendência de adaptar-se a estes tempos em que grande parte dos jornais tem como centro as notícias sobre a Covid-19.

Figura 4: Propaganda no Facebook do antigripal Multigrip.



Fonte: <https://www.facebook.com/multigrip.ems/videos/2709553972500177/> Consulta: 13.04.2020

Em função dos debates ideológicos que subjazem ao uso da *cloroquina* e *hidroxicloroquina*, algumas empresas de remédio se arriscaram a lançar propagandas com outros termos técnicos jamais imagináveis em um comercial televisivo, como a Propaganda do Multigrip nos canais Globo News e Home&Health, por exemplo. Em tempos normais, termos técnicos tão longos e de difícil compreensão pela leitura e pelo próprio significado como *paracetamol*, *clorfeniramina* e *cloridrato de fenilefrina* dificilmente apareceriam em uma propaganda televisiva ou mesmo na internet por nem sempre mobilizarem esses conhecimentos por parte dos telespectadores, o que neste momento se torna claramente aceitável. Uma leitura bem mais desafiante do evento é que o uso dos termos complicados é intencional, na esperança de que os nomes compridos levem o público a tomá-los por referência científica inquestionável para a cura da nova doença.

O que foi determinando para a construção desse texto foi o contexto de produção e de uso, o tempo histórico em que ele se situa e o uso atual influenciado pelas circunstâncias das interações sociais que se fazem mais cabíveis e pertinentes para o momento.

4.3 Termos léxicos ocorrentes nos noticiários televisivos

No contexto de Covid-19, o sistema léxico das línguas, como base linguística de sustentação de todos os discursos, viria sofrer influência nas interações tanto midiáticas como pessoais a esse respeito. Como conjunto básico desse léxico, um vocabulário passivo passa a fazer parte do vocabulário ativo em função de eventos de mundo como os efeitos que se fizeram sentir com o surto da Covid-19 que impactou nas pessoas na forma da língua, atualizando o vocabulário disponível delas. Assim, termos antes pertencentes ao vocabulário passivo puderam participar de forma mais recorrente nas diversas interações verbais.

O estudo do impacto linguístico que tem tido o coronavírus na sociedade tem significativo amparo na linguística de corpus, cujos corpora diariamente coletam e organizam registros de palavras utilizadas em textos provindos de diferentes gêneros. O elevado grau de precisão que se pode obter em buscas nessas ferramentas produz um retrato impressionantemente nítido da trajetória das palavras veiculadas nas mídias em torno de um tópico. São amostras representativas, confiáveis e atualizadas do que, onde, quando e como se falou de determinado assunto, trazendo exatidão para a história do percurso de palavras e expressões. O corpus do NOW (News On the Web), em inglês,

ECO-REBEL

por exemplo, é composto de mais de 10 bilhões de palavras, às quais 8 a 9 milhões são acrescentadas diariamente⁸.

Nos dados disponíveis em english-corpora.org encontramos os itens lexicais relativos ao vírus que foram incorporados à fala quotidiana, entre os quais mencionamos *stay at home* (fique em casa), *the new normal* (o novo normal), *social distancing* (distanciamento social), *flatten the curve* (achatar a curva), *lockdown*, *quarantine* (quarentena), *pandemic* (pandemia), *reopening* (reabertura), *ventilator* (ventilador), *Wuhan*, *epicenter* (epicentro), e *mask* (máscara). Em cada busca empreendida vemos o surgimento, ascensão, queda e sucessão de tópicos – a representação numérica da nossa própria experiência enquanto consumidores de informação.

A expressão *flatten the curve*, por exemplo, começou a ser usada em artigos sobre o coronavírus em março de 2020, teve seu ápice de uso em abril e decaiu drasticamente desde então. Quanto a *social distancing*, teve início e pico semelhantes, porém, diversamente, manteve sua frequência de uso após leve baixa. Por volta de 20 de abril, quando a população já se encontrava previsivelmente impaciente para sair da quarentena, o termo *reopening* inicia uma escalada que chega ao cume em 20 de maio, quando então decresce levemente e mantém frequência em níveis relativamente altos⁹. No gênero noticiário de jornal televisivo registrou-se, no período de 07 a 10 de abril de 2020, nos canais TV Globo um conjunto de termos que foram sendo registrados e categorizados nas seguintes dimensões ou campos associativos: i) Social: Proxêmica: *Isolamento social, distanciamento social, responsabilidade social, orientações de isolamento, medidas de confinamento, superlotação*; Indivíduos: *idosos, jovens, humanidade*; Ambientes: *asilos, escolas, casa, cemitério*; Atividades: *trabalhos voluntários, voltar ao normal, aulas*; Instituições: *força nacional (do SUS)*; Valores: *adversidades, soluções, solidariedade, impacto, reinvenção, vida*; Mídia: *fato/fake, notícias, Whatsapp*. No decurso deste contexto histórico, os termos vão se sobrepondo aos outros em função de tabus que eles podem imprimir. *Isolamento social* aos poucos vai sendo suprimido por *distanciamento social* em um processo eufemístico. Interessante observar que alguns termos como *humanidade, idosos, asilo, cemitérios, trabalhos voluntários, responsabilidade social* vão demonstrando a relação com o fato de o vírus afetar desproporcionalmente os mais fragilizados, e os princípios da VEM propõem que são necessárias mudanças *políticas, comprometimento, posto que as políticas afetam as diversas estruturas:*

⁸ O CdP (Corpus do Português) é mais modesto, dispondo atualmente de aproximadamente 1,1 bilhão de palavras enquanto o NOW em português conta com 1,4 milhão.

⁹ Dados disponíveis em <https://www.english-corpora.org/>

ECO-REBEL

econômicas, tecnológicas e ideologias básicas. A seguinte é a dimensão ii) Natural: Atos: Achatar a curva, bloqueios, doação de sangue; Doenças: Covid-19, gripezinha, novo coronavirus, vírus da gripe; Efeitos: superlotação, contaminação, infectado, morte; Espaço geográfico: Brasil, África, Ásia, Espanha, Estados Unidos, Europa, França, Itália, Mundo, Reino Unido, Vaticano; Material: corpos, equipamentos de proteção, EPI, máscaras, vírus, ventiladores pulmonares; Remédios: vacina, cloroquina, hidroxicloroquina, plasma sanguíneo. E a dimensão iii) Mental: Religiosa: celebrações, cultos, fiéis, igrejas, missas, padre, papa. As palavras foram organizadas num exercício de associação livre, como propõe Lara, dando-nos um campo associativo relacionado pelo tema/objetos da experiência, inclusive por termos técnicos de uma determinada especialidade. São essas as principais ocorrências linguístico-ecossistêmicas que aparecem nos enunciados de forma a se delinearem os campos associativos de dimensão social, natural e mental que revelam o contexto histórico e biocultural nesta análise.

5 Considerações finais

Ao final deste texto, retoma-se o questionamento de até que ponto essa crise ecossistêmica leva a uma crise de identidade biocultural e de como esse acontecimento de dimensão mundial tem impactado nossas interações sociais, inclusive na convivência nos espaços geográficos. Verificou-se que os enunciados dos discursos, portanto, formadores de um ecossistema linguístico-cultural, diante de uma crise pandêmica, procuram estabelecer ideologicamente comunhão, sensibilização e sintonia com os interlocutores; que essas *interações comunicativas* são instrumento básico de representação de valores, percepções e tabus sociais, manifestados em um discurso de lideranças sociopolíticas do mais alto escalão do Governo. Para isso, muitos recursos linguísticos caracterizaram esses discursos com a presença de eufemismos e de metáforas mesclando-se opinião e a linguagem científica.

Verificou-se que esse acontecimento de dimensão mundial impacta diretamente em nossas interações sociais, inclusive na convivência nos espaços geográficos, via discursos expressos nos diversos gêneros, precisamente via unidades constitutivas, o léxico. As relações proxêmicas (convivência nos espaços geográficos) demonstraram sofrer um forte impacto em termos de interações sociais, revelado nas propagandas discutidas nas figuras 2 e 3. Portanto, as formas no ecossistema linguístico-cultural que subjazem a essa crise são as lexias corporificadas nas interações, revelando nossas concepções de mundo.

ECO-REBEL

Assim, a linguagem foi vista a partir de uma visão biocêntrica, em que se verificou linguisticamente o impacto de um fenômeno da saúde na linguagem, de caráter também panlinguístico.

A despeito de quaisquer opiniões situadas no atual contexto, se as condições de afastamento e ou isolamento social durante a história da humanidade vinham como um castigo, uma punição, como bem revela a Lei Bíblica do Puro e do Impuro, neste momento essas regras que cercam o fenômeno pandemia que têm gerado tantas discussões são uma imposição pela própria vida.

E para concluir, após se verificar nos discursos as dimensões social, natural e mental, com um conjunto de lexias dos campos associativos como: indivíduos, atividades, instituições, mídia, ações, doenças, remédios, celebrações, por exemplo, é necessária uma mudança ideológica, em que se aprenda a apreciar a qualidade de vida, a experienciar um padrão de vida mais simples e a solidariedade, ora tão manifestada e de que tantos necessitam, como os mais pobres, os quilombolas, os indígenas, de forma que em tempos de Covid-19 os comportamentos e as dinâmicas no sistema ecolinguístico revelem interações sócio-culturais mais voltadas para a preservação da vida.

6 Referências

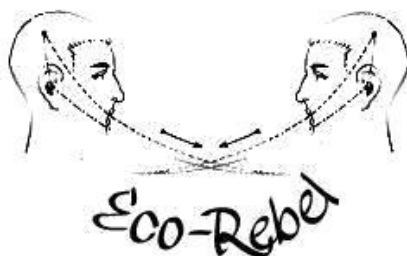
- ANTUNES, Manuel. *Teoria da Cultura*. Lisboa: Edições Colibri, 2002.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BIDERMAN, M. T. C. *Dimensões da palavra*. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118, Araraquara, 1998.
- CASTRO, Maria Célia dias de; SANTOS, Gisélia Brito dos. Um estudo endo e exoecológico da palavra-chave *pena*. *Revista Papéis - UFMS*, v. 20. n. 39, 2016.
- COUTO, Hildo Honório do; NENOKI DO COUTO, Elza Kiodo Nakayama; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do Discurso Ecológica – ADE*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2015.
- _____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística ecossistêmica*. In: O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. (orgs.) COUTO, Hildo Honório do et. Al. (Org.). Goiânia: Editora UFG, 2016.
- BOLSONARO, J. M. Discurso do Presidente. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?cmpid=copiaecola> . Acesso em: 10 de abril de 2020.
- BOLSONARO, J. M. Discurso do Presidente. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/integra-do-pronunciamento-de-bolsonaro-tv/?ref=veja-tambem>. Acesso em: 10 de abril de 2020.
- BOLSONARO, J. M. Discurso do Presidente. Disponível em:

ECO-REBEL

- <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/08/veja-e-leia-na-integra-o-pronunciamento-de-jair-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 10 de abril de 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 5.ed. Curitiba. Positivo, 2010.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio D'água, 1986.
- _____. *Beyond Culture*. New York: Anchor Books Doubleday, 1989.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LARA, Luís Fernando. *Curso de lexicologia*. México, D.F.: El Colégio de México, 2006.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro, LTC, 1987.
- MAFI, Luisa. *Diversidade Linguística, cultural e biológica*. In: O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. (orgs.) COUTO, Hildo Honório do et al. (Org.). Goiânia: Editora UFG, 2016.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, [1949] 2006.

Aceito em 30/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



A ESCUTA DOS IDOSOS NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA E PELO IMAGINÁRIO

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/NELIM/GEPLÉ)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/CNPq/NELIM)

Ricardo Sena Coutinho (UFG/ NELIM)

Resumo: Nos últimos meses a COVID-19 tem sido assunto dominante a mídia por se tratar de uma pandemia que está fazendo milhões de mortos não só no Brasil. É sabido que os idosos fazem parte do grupo de risco, aquele que pode ter complicações graves se infectado. Esta pesquisa teve por objetivo investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. Para tanto, mobilizamos a Análise do Discurso Ecosistêmica (COUTO; COUTO, 2015) e a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989). Fundamentados nesse arcabouço teórico-metodológico, analisamos sete depoimentos de idosos com faixa etária entre 65 e 85 anos e diferentes níveis de escolarização. Ao apresentar os idosos como frágeis e descartáveis, esses discursos deixam de enfatizar o fato de que existem idosos sendo curados, idosos sendo produtivos, de que o diferente nem sempre representa um peso. Ao colocar jovens e idosos numa espécie de embate, esses discursos de medo segregam e afastam uns dos outros, estabelecendo uma relação não harmoniosa entre eles. Para a ADE, a velhice é um estado natural de continuação da vida e não um estado que antecede a morte. O idoso é um cidadão que também tem direito à vida, a uma sobrevivência digna de respeito.

Palavras chaves: COVID 19. Análise do discurso ecosistêmica; Antropologia do imaginário; Idosos.

Abstract: In the last few months, COVID-19 has been a dominant subject in the media because it is a pandemic that is causing millions of deaths not only in Brazil. It is known that the elderly are part of the risk group, the one that can have serious complications if infected. This research aimed to investigate how the discourses about the coronavirus have interfered in the imagination of the elderly in the Brazilian context. For this purpose, we used Ecosystemic Discourse Analysis (COUTO; COUTO, 2015) and Gilbert Durand's Anthropology of the Imaginary (DURAND,

1989). Based on this theoretical-methodological framework, we analyzed seven testimonies of elderly people aged between 65 and 85 years and different levels of schooling. By presenting the elderly as fragile and disposable these discourses fail to emphasize the fact that there are elderly people being healed and productive, that the different does not always represent a burden. By placing young and old people in a kind of conflict, the discourse of fear segregates and distances them from one another, establishing a non-harmonious relationship between them. For EDA, old age is a natural continuation of life, not a state that precedes death. The elderly person is a citizen who also has the right to life, a dignified survival.

Key-words: COVID 19. Ecosystemic discourse analysis. Anthropology of the imaginary. The elderly.

Introdução

A pandemia do novo coronavírus trouxe consequências devastadoras para a população idosa dos países afetados. De acordo com relatório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos¹, as pessoas com mais de 60 anos são as mais afetadas pelos sintomas graves da Covid-19 e, conseqüentemente, são as que mais necessitam de internação e de tratamento intensivo. São elas, também, as que mais morrem em decorrência dessa doença. Isso ocorre devido ao envelhecimento natural do organismo, o que implica uma deterioração do sistema imunológico e deixa esse grupo etário mais suscetível às infecções de um modo geral. Esse quadro se agrava mais ainda quando eles já apresentam outras comorbidades, como hipertensão arterial, diabetes ou problemas respiratórios.

Diante desse cenário, desde fevereiro de 2020 estamos imersos, diariamente, em uma profusão de discursos que apontam como esse grupo etário deve se comportar durante o período da pandemia. Esses discursos normatizam uma série de cuidados que vão desde questões relacionadas à higienização das mãos e das moradias até o completo isolamento social dessas pessoas. Por conta disso, muitos idosos que moravam sozinhos foram levados para a casa de seus filhos. Aqueles que vivem em asilos foram proibidos de receber visitas e aqueles que não têm família para acolhê-los e/ou que não querem sair de suas casas passaram a contar com a boa vontade de outras pessoas para ter acesso a alimentos, remédios e outros itens de necessidade básica.

Atento a essa situação, o presente trabalho se propõe investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. Para tanto,

¹ Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6912e2.htm?s_cid=mm6912e2_w>. Último acesso: 27 jul. 2020.

mobilizaremos a Análise do Discurso Ecológica (COUTO; COUTO, 2015) e a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989). Fundamentados nesse arcabouço teórico-metodológico, analisamos os depoimentos de alguns idosos com faixa etária entre 65 e 85 anos e diferentes níveis de escolarização. A pesquisa teve por objetivo investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. A referida investigação, com proposta de cunho qualitativo, configura-se como uma pesquisa de campo, definida por Gil (2008) como o estudo de um grupo ou comunidade, objetivando-se analisar a interação de seus componentes. Ainda se pauta no método indutivo, a fim de compreender os fatos e os fenômenos que se propõe conhecer, de modo a compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles (GIL, 2008).

A geração dos dados a serem analisados ocorreu da seguinte maneira: formulamos algumas perguntas e pedimos a alguém da família para que as aplicasse aos idosos e nos enviasse as respostas por WhatsApp ou e-mail. Optamos por esse procedimento devido ao isolamento social vivido por muitos dos participantes desta pesquisa. O diálogo entre o idoso e seu familiar teve a pandemia causada pelo coronavírus como tema norteador e se pautou nas seguintes perguntas: Como você está fazendo para viver essa época do coronavírus? Você está vendo as notícias sobre as mortes? O que você tem sentido? Como você vê as notícias sobre a questão de um jovem e um idoso precisar de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem?

Este artigo encontra-se dividido em três partes: a primeira apresenta uma explanação acerca da Análise do Discurso Ecológica e da sua confluência com a Antropologia do Imaginário. Na segunda parte, trazemos os depoimentos de idosos que estão confinados nesse contexto de pandemia e discorremos sobre a noção de velhice e como ela se altera ao longo da história. Por fim, na terceira seção, desenvolvemos a questão do medo e de como os discursos sobre o medo acerca do coronavírus têm contribuído para desumanizar o idoso no contexto da pandemia.

1 Confluência entre Análise do Discurso Ecológica e Imaginário

De acordo com Couto e Couto (2015)² e Silva (2020), a Análise do Discurso Ecológica (ADE)³ é parte da Linguística Ecológica (COUTO, 2015), que, por sua vez, é uma disciplina

² Em 2015 o nome da disciplina era Análise do Discurso Ecológica (ADE). Atualmente, porém, ela passou a denominar-se Análise do Discurso Ecológica (ADE), para ficar mais em sintonia com a Linguística Ecológica de que faz parte (cf. COUTO, 2015).

³ Uma discussão atual sobre a Análise do Discurso Ecológica pode ser vista em Silva (2020).

que tem suas bases na Ecologia (biológica e filosófica). A Linguística Ecológica e a ADE se propõem estudar de que maneira os vários sentidos são gerados nas redes de interações comunicativas. A denominação dessa vertente como “ecossistêmica” decorre do objetivo de interligar os estudos do discurso a uma perspectiva dinâmica, como a que se dá dentro do ecossistema biológico e no linguístico, tanto intrínseca quanto extrinsecamente. Ao estudar um dizer ou enunciado podemos observar que ele participa de vários ecossistemas que convivem e partilham sentidos em situações diferentes, que podem ser qualquer um desses ecossistemas. O olhar para a produção de sentidos disseminados nesses ecossistemas e suas diferentes manifestações materiais possibilita entender de que forma as relações humanas acontecem e como as interações comunicativas afetam a vida de cada indivíduo. No campo da Análise do Discurso Ecológica, o investigador ao fazer as descrições dos discursos pode interpretá-las usando a teoria de acordo com os direcionamentos dados pelo *corpus*, sem se esquecer, é claro, de que o seu olhar deve ser o da visão ecológica do mundo (VEM) na interação comunicativa.

Por ser uma disciplina que olha diretamente para as interações em um ecossistema integral – constituído pelos ecossistemas naturais, mentais e socio-históricos –, a ADE propõe uma reflexão sobre os sistemas que permitem a um indivíduo ou ao coletivo produzir sentidos compartilhados socialmente e basear toda a sua vida, seus valores, atos e identidades em perspectivas que lhe são próprias. Nesse sentido, a ADE se fundamenta em dois princípios fundamentais:

- 1) defesa da vida, em todos os sentidos
- 2) essa defesa inclui a luta contra, contra a violência evitável.

Em relação às dores e aos sofrimentos evitáveis temos:

- a) dor física/natural (ferimentos, tortura física, morte), mental (tortura mental, desequilíbrio, depressão) e social (desprestígio, discriminação).
- b) graus de sofrimento/dor: um beliscão (dor física) não é tão ofensivo quanto uma tortura psicológica ou uma difamação/desmoralização.

O conceito de vida na ADE está em desenvolvimento e tem sido fruto de vários debates. Para os objetivos deste artigo, basta entender que para a ADE a vida é energia, interação que está basicamente no nível do ecossistema natural, constituído de pessoas de carne e osso, que nascem e estão à procura da própria autorrealização, têm alegrias, tristezas, vivem e finalmente morrem. São seres vivos, independentemente de especulações filosóficas sobre o que é vida. Cada um dos seres vivos do ecossistema natural da língua (seres vivos humanos) tem também uma vida mental.

ECO-REBEL

A totalidade das vidas mentais desses seres físicos interconectadas constitui a sociedade. Portanto, há também uma vida social. Em suma para ADE podemos dizer que a vida apresenta três dimensões: a vida natural, a vida mental e a vida social. Tudo isso quando dirigimos o foco para o ecossistema humano. No entanto, os humanos são uma ínfima parte da imensa interligação ecológica de todos os seres vivos do mundo.

Podemos delimitar diversos ecossistemas, como o dos lobos-guarás, o das sucuris, o das juritis, o das plantas etc. etc. Tudo que foi dito se baseou numa focalização nos humanos. Mas, como se vê na Ecologia Profunda, a vida humana não é mais importante do que a de nenhum outro ser vivo. É apenas uma questão de perspectiva. Quando vou estudar os ecossistemas linguísticos posso deixar entre parênteses provisoriamente as outras formas de vida, mas sem esquecer jamais que elas estão lá.

A vida para ADE é a capacidade de um ser de interagir com seu meio. Se quisermos falar do modo pelo qual nos relacionamos com as plantas mediante o uso de termos como “mato” e “praga”, por um lado, e “plantação” (milho, arroz, soja etc.), por outro, estamos incluindo outros seres vivos em nosso estudo, mas de modo pejorativo. Algo parecido se pode dizer em relação a nossas interações com os animais “domésticos”, “domesticados” e “selvagens”. Que valor atribuímos a eles no modo como falamos deles?

Um exemplo atual: o vírus (coronavírus) é um ser vivo ou não? Para nós isso não importa, pois como os demais seres vivos, também nós nos defendemos contra outros seres vivos que põem nossa autorrealização, nossa vida em perigo.

A ADE propõe a comunhão e a vida harmoniosa e está alicerçada numa ótica interventiva, como na Ecologia Profunda de Naess (1989), isto é, almeja desenvolver soluções viáveis para que a violência que causa o sofrimento físico, social ou mental nos seres vivos seja evitada ou reduzida ao mínimo. Trata-se de um sistema, um movimento que visa desconstruir continuamente a ação violenta e estabelecer a harmonia por meio do engajamento contra a exploração e o preconceito, contra a degradação da natureza, contra tudo que se oponha à manutenção da vida. Não é uma solução final, já que o conflito que muitas vezes gera a violência é inerente à natureza, mas um modo de combater a desigualdade que produz violência.

A ideologia da vida⁴ orienta ações específicas em favor do equilíbrio ecológico. A ação conjunta é um requisito sem o qual o desenvolvimento de uma ideologia da vida não se manteria.

⁴ A ideologia da vida ou ecoideologia paira por sobre as ideologias políticas, todas elas parciais, a fim de

ECO-REBEL

Desse conjunto de elementos que permeia a ideologia da vida, sobressai-se a ecoética e a ética do cuidado (COUTO; SILVA, 2014), ou seja, um modo de estabelecer princípios e práticas que orientem o comportamento humano em razão do desenvolvimento de uma consciência ecológica que parta de uma visão ecológica de mundo. Precisa-se assumir que, por mais que o conflito seja natural, o homem, como ser consciente, deve zelar pela manutenção do ecossistema e de todos os níveis da vida, podendo atuar como mediador da relação entre seres vivos e natureza, harmonizando ao máximo a tendência à entropia e buscando evitar a violência.

A ADE, por ver tudo holisticamente, nos permite pensar a velhice como um processo que acumula as fases de nascimento, infância, adolescência, maturidade e velhice, dependentes uma da outra, e não como uma etapa que vem simplesmente depois da outra. Assim, investigamos um sujeito idoso que, diante dos ecossistemas naturais e sociais que interferem no seu mental, vive o medo da passagem do tempo, e, conseqüentemente, da morte, seja biológica, afetiva, social ou funcional e procura conviver com isso da forma menos penosa possível. Afinal, a maneira como as informações acerca do coronavírus são transmitidas, enfatizando ao máximo que os idosos são aqueles que mais devem viver o isolamento social, faz com que eles sintam, em seu imaginário, a proximidade de seu possível fim.

Somam-se a isso questões de auto-estima⁵, de bem-estar, de sentir-se importante na teia da vida, aspectos que ultrapassam a representação desses indivíduos como seres frágeis que precisam constantemente de cuidados.

É nessa dimensão mental (ecossistema mental) que é possível estabelecer uma confluência entre a ADE e a Antropologia do Imaginário (DURAND, 1989), uma vez que é no e pelo meio ambiente mental que todo indivíduo cria um mundo de imagens que expressam os conhecimentos, os sentimentos, a racionalidade. Conforme Damásio (2000, p. 407) explica, essas imagens surgem do processo interativo do sistema cerebral criativo e imaginante, constituído por “padrões neurais, ou mapas neurais, formados em populações de células nervosas, ou neurônios”, com o meio físico, biológico e social do indivíduo. Assim, ao integrar as dimensões natural, mental e histórico-social

ter o poder de propor soluções harmoniosas (por comunhão) para conflitos ideológicos. Silva (2020) discute essa questão em relativo detalhe.

⁵ No início da quarentena devido ao coronavírus, passava um veículo no meu bairro (Jardim Goiás-Goiânia) com um alto-falante dizendo, por brincadeira, que era a “carrocinha cata-veio”, como nas antigas carrocinhas que recolhiam os cachorros que perambulavam pela rua. Mesmo tratando-se de brincadeira, o fato não deixa de contribuir para baixar ainda mais a auto-estima dos idosos.

das percepções do sujeito, a ADE nos permite analisar a relação entre essas dimensões e o imaginário.

É seguindo essa perspectiva que se deve entender a função e a atividade da imaginação, razão pela qual Durand (1989) a descreve não apenas como uma faculdade, mas como a atividade dinâmica na qual o homem (de)forma as imagens criadas pela percepção, estabelecendo uma espécie de contrato entre psiquismo e suporte biológico. Ao dar continuidade às pesquisas bachelardianas, na década de 60, Durand (1989) precisa o sentido da noção de imaginário, distinguindo-a da de imaginação: se esta é descrita como a faculdade de perceber, reproduzir ou criar imagens, aquele é explicitado como a maneira pela qual tal faculdade é operacionalizada.

A operacionalização das imagens é denominada por Durand (1989) de *trajeto antropológico do imaginário*. A razão do emprego do termo *trajeto* se deve ao fato de este antropólogo enfatizar o processo de o indivíduo, diante da multiplicidade de imagens recebidas e conservadas em sua memória, precisar escolher e combinar algumas delas no processo constante de sua organização, interior ou exterior, visto que nós “pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 259). Assim, se a imagem é a matriz do pensamento racionalizado, a função do imaginário é eufemizante e se manifesta nos e pelos imperativos biopsicopulsionais⁶ do sujeito, os quais, revezando-se com as intimações do meio social, norteiam a escolha e a articulação dessas imagens, ou seja, criam a visão particular que cada indivíduo dá aos processos de actorialização, temporalização e espacialização do mundo.

Durand (1989) denomina a manifestação do imaginário de *trajeto antropológico* não só para mostrar sua atividade dinâmica, mas, sobretudo, para evidenciar que existe uma continuidade nesse dinamismo e estruturação, continuidade que confirma realmente a imagem como matriz do pensamento racionalizado. Para ele, o imaginário é mobilizado pelo grande Mal, isto é, o medo da passagem do tempo, e, conseqüentemente, da morte, seja biológica, sensível, afetiva, social ou funcional. O imaginário, ao dar formas ao que o ser humano tem secularmente criado para representar esse medo ou mal, torna-o conhecido e, portanto, mais fácil de ser combatido ou vencido.

Como se vê, a Antropologia do Imaginário complementa a Análise do Discurso Ecológico, fornecendo-lhe cabedal para investigar a dimensão mental da linguagem e, a partir

⁶ Ver as dimensões “natural, mental e social” da Linguística Ecológica e da ADE.

dela, chegar à natural e à social. Diante de tudo isso, pretendemos, nas entrevistas apresentadas na próxima seção, observar e compreender o imaginário dos idosos à luz da ADE.

2 Idosos em confinamento

Nos depoimentos a seguir, podemos ver aflorado tudo que foi discutido acima relativamente ao sofrimento dos idosos devido à pandemia do coronavírus. Os depoimentos falam por si; nem é necessário que haja grandes explicações e interpretações. São sete depoimentos, que, inclusive, podem ser retomados para estudos de cunho psicológico. Conforme apontado anteriormente, os depoimentos coletados foram norteados pelas seguintes perguntas: Como você está fazendo para viver essa época do coronavírus? Você está vendo as notícias sobre as mortes? O que você tem sentido? Como você vê as notícias sobre a questão de um jovem e um idoso precisar de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem?

Passemos às respostas que deram os sete entrevistados.

1) J.N., 80 anos, sexo feminino:

Eu estou na casa da minha filha, tá bom, mas eu tô com saudade da minha casa. Lá eu andava, ia no supermercado, na feira, no médico e conversava com umas velhas numa praça perto do supermercado. Agora estou na casa de minha filha, mas não posso sair mais. Eu fico triste, longe dos outros da família. Não sei um negócio que sinto no meu peito, dor de cabeça. Eu gosto de assistir notícias, mas só fala em coronavírus, não queria assistir, mas eu quero saber. Dá medo de ficar ouvindo tanta gente morrendo, medo do mundo, o que vai acontecer desse jeito. Só Deus para ajudar a gente, não podemos fazer nada né? Só Deus mesmo.

Quando eu fico ouvindo que vai dar respirador para jovem e não pra gente eu fico triste, parece que estão deixando os velhos de lado. É ruim deixar a gente de lado, não pensar na gente também. Eu ainda que tenho diabete, é pior. Eu sei que jovem precisa viver e nós velhos já vivemos bastante. Mas tenho medo da doença, porque vai sofrer, mas de morrer não. Mas eu fico triste. Fico pensando que podia ter um jeito de acabar com isso.

2) A.P., 75 anos, sexo masculino:

Estou em casa com meu filho de 8 meses, minha sogra e minha esposa. Ela é quem tem saído para fazer as compras. Afinal, somos idosos eu e minha sogra e minha esposa não está no grupo de risco.

Estou me sentindo acuado, me obrigando ao isolamento social pra evitar ser contaminado e/ou transmitir coronavírus a alguém. Como é uma epidemia, tenho medo, pelo perigo que todos, minha família e os outros corremos.

Caso haja um respirador para ser utilizado por mim idoso, ou por um jovem, sem outra alternativa, sou a favor do uso pelo jovem. A vida é uma graça muito preciosa, é bom que o jovem tenha esta chance por mais décadas.

Eu sinto mesmo é falta de o governo cuidar mais da área de saúde. Houve um Mandetta que se ocupou com o SUS... Não ficou. Em sentimento, essa situação séria extrema: jovem ou idoso.

ECO-REBEL

Eu fico triste com as duas coisas: Pôr velho e jovem como adversários; ter solução apenas para um dos dois.

3) P.R.P., 65 anos, sexo masculino:

Estou em casa quase 24h por dia. Vejo TV, acesso redes sociais, realizo algumas tarefas domésticas como lavar louça, cozinhar, e minha filha está aqui me ajudando também. No condomínio que eu moro, permitem que a gente faça caminhadas usando máscara (aqui é bem grande, mais de cem casas, temos praça etc.), então eu saio no final pela manhã e no final da tarde para dar uma voltinha com a cachorrinha que temos aqui.

Eu tenho assistido a todos os jornais possíveis. Estou assustado. Tenho sentido medo, insegurança. Ao mesmo tempo que concordo que a paralisação do comércio é ruim para muitas famílias, penso que se liberarem tudo, ficaremos numa situação pior.

Sobre as notícias de um jovem e um idoso precisarem de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem, eu penso que as pessoas se posicionam de forma muito convicta de que é o melhor porque a população jovem é a mão de obra de um país. Mas eu estou fora dessa realidade, já sou aposentado. Espero não ter que passar por essa situação, porque eu não quero morrer, ninguém quer. O ideal seria todos terem direito e oportunidade de sobreviver nessa pandemia, mas sabemos que isso não acontece e não vai acontecer.

4) K.M, 71 anos, sexo feminino:

Eu particularmente estou bem tranquila, tomando todos os cuidados e recomendações!

Como expectadora estou vendo de tudo, histeria, medo, grande número de pessoas que não estão nem aí, vivendo livre, leve e solto.

Na minha opinião, o que acontece é para haver depois dias melhores, mundo melhor e uma lição para todos, mas só aprenderá quem estiver disposto a aprender.

Sinto falta de fazer minhas próprias compras, ter a liberdade de escolher os produtos, mesmo que eu faça a lista para meus filhos e eles deixarem na portaria de meu prédio. Sinto falta de encontrar fisicamente com amigos e família, mesmo tentando ser criativa.

Se eu precisar de um respirador onde só tiver disponível um e uma pessoa bem mais jovem na mesma situação, acho mais racional dar para o mais jovem. Mas, penso com muita certeza de que se eu tiver que sobreviver, vou sobreviver com ou sem respirador.

Acho que no fundo tenho medo, pois sempre oro, sempre agradeço pela proteção divina, ao universo, mais do que medo fico curtindo as coisas boas que vejo acontecendo com a família tendo oportunidade de estar mais próximo o tempo todo (um luxo pro nossos dias atuais).

Tenho medo principalmente pelos meus filhos e netinhos, cada um com sua família, serem atingidos pelo coronavírus e não gostaria de sentir a perda de qualquer um deles e também deve ser pavoroso não sentir mais a respiração, melhor não pensar, pois isso não acrescentará em nada no meu bem estar do momento. Melhor não sofrer por antecipação, né. O futuro a Deus pertence.

5) M.B.Q, 76 anos, sexo feminino:

Eu tô vivendo em casa, fico quieta em casa, mas estou triste, vejo TV todos os dias, TV Anhanguera todo dia, e fico triste porque fico ouvindo sobre mortes, fico triste, mas não posso fazer nada, só Deus.

Fico com medo pensando nos meus pegarem e fico pensando na minha filha que mora nos Estados Unidos, fico ansiosa.

ECO-REBEL

Fico pensando nos velhos e gostaria que tivesse respirador para os dois. Minha vida não vale menos que a do jovem. Acho um descaso o que estão fazendo com a gente idoso que também é humano e gente, não concordo. Só Deus para ajudar a gente com esse vírus.

6) J.R., idade 76 anos sexo masculino:

To vivendo dentro da normalidade da própria epidemia. Estou...normal. Estou vendo as notícias, algumas me impressionam, me dão um certo medo, outras já tá dentro da normalidade. A questão do médico que deve dar respirador para o jovem, isso eu acho que não deve acontecer jamais, para um ser humano não, nem da parte do médico, principalmente um profissional como ele, não pode agir dessa forma, não pode dar preferência porque a pessoa está mais idosa e está mais comprometida com a doença. Não deve acontecer isso não. Tem que agir com consciência profissional. Tentar restabelecer o que está com mais vulnerabilidade.

7) M. R., 72 anos, sexo feminino:

Estou vivendo na pandemia, com altos e baixos, difícil. No começo foi bom, vou curtir um filminho, vou ler meu livrinho no sossego, a cidade sem barulho, sem trânsito, mas a pandemia e o seu novo corona não impede a chegada de percalços e quando esses percalços chegaram as coisas se complicaram um pouco mais. Eu não queria mais ver mais noticiário, mas como a gente é atraído pelo mal, pelas coisas ruins e isso é uma coisa interessante, por que que você sente atração por essas coisas que não são bonitas todo dia eu estava vendo o noticiário, muitas vezes eu quis ignorar o número de mortos que isso me impressionava e dava muito medo todos os dias tendo que lidar com a morte e lidar com a morte é uma coisa que ninguém sabe então eu ficava dois dias sem ver televisão mas não tinha jeito era ligar televisão e ler os noticiários e você ficar sabendo desse número 70 e tanto mil brasileiros mortos. Outra coisa. o médico escolher entre o jovem e o idoso, eu acho sim que é o retrato do país, se tivesse equipamentos, saúde para todos o médico não teria que fazer essa escolha entre os idosos e os jovens, eu até concordo que o vírus chegou e estava tudo muito desprevenido, mas olha o que o vírus fez, ele escancarou os problemas e as mazelas do brasileiro, é lamentável.

O médico não queria fazer isso, vamos pensar, não é ele que escolhe, vamos pensar que ele não queria fazer isso, é um protocolo que deve ser seguido.

Esses depoimentos revelam como a questão do medo do coronavírus está se sobrepondo ao sujeito. Temos, no cenário descrito pelos idosos, o vírus que *tomou conta de nós*, que *paralisou o mundo*, que *impediu que seguíssemos as nossas tarefas do cotidiano*, que *nos imobilizou*. Não poderia ser diferente, já que o medo sempre fez parte da condição humana, embora sua motivação se altere constantemente, de acordo com o que conhecemos ou deixamos de conhecer e com a relação que estabelecemos com os meios ambientes natural, mental, social e histórico. Certamente não estamos dizendo que, na conjuntura atual, apenas os idosos estão com medo. No entanto, acreditamos que eles sentem mais medo, angústia e tristeza porque são vistos como os que estão fadados à morte por serem biologicamente mais fracos e aqueles que já viveram e passaram a fase

ECO-REBEL

da maturidade, estando, agora, na fase da velhice e senilidade, sendo encarados, muitas vezes, como um peso no âmbito de um sistema produtivista como o capitalista.

Esse medo, em seu imaginário, não é sanado no espaço profano e sim no espaço sagrado, como apontam alguns depoentes: “Melhor não sofrer por antecipação, né. O futuro a Deus pertence”; “Só Deus para ajudar a gente com esse vírus”; “Só Deus para ajudar a gente, não podemos fazer nada né? Só Deus mesmo”; “fico ouvindo sobre mortes, fico triste, mas não posso fazer nada, só Deus”. O medo, aqui, não é garantidor de integridade do corpo físico exatamente como deseja a ADE (COUTO; COUTO, 2015), mas surge devido à irrupção do coronavírus causada pela excessiva intervenção humana na natureza não humana e à construção de um feixe discursivo que apresenta as pessoas idosas como descartáveis.

Ainda que muitos avanços tenham sido alcançados com a contribuição de diferentes estudos sobre o envelhecimento e mais consciência, no Brasil ainda se valoriza muito mais a juventude e a tecnologia. De modo geral, os idosos estão sujeitos à *velhofobia*, no dizer da antropóloga e escritora Mirian Goldenberg, professora titular do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em entrevista à BBC News Brasil⁷. “A pandemia de coronavírus que se alastrou pelo mundo e chegou ao Brasil evidenciou a ‘velhofobia’ de parte da população, para a qual os idosos são considerados um peso para a sociedade”. Ainda de acordo com essa pesquisadora,

“Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos, empresários e até o presidente da República já vieram a público dar declarações ‘velhofóbicas’”, diz Goldenberg (em março, o presidente Jair Bolsonaro chegou a defender apenas o isolamento da população idosa, e em vez da população em geral) (BARRUCHO, 2020, s/p).

Para Mirian Goldenberg, considerar os velhos inúteis é uma atitude que já existia antes da pandemia. No entanto, sabemos que, dependendo da cultura e do tempo os idosos são vistos como os sábios de uma comunidade, que ainda têm muito a contribuir, e ensinar e também como aqueles que demandam cuidados e gastos do governo, principalmente devido a problemas de saúde física e mental. A modernidade exige produtividade e pensa que o idoso não produz mais. No nosso mundo os idosos têm vivido mais. Na Idade Média um idoso de 45 anos não tinha dentes, sofria

⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>>. Último acesso: 28 jul. 2020.

ECO-REBEL

de tantas desgraças que estava à beira da morte e morria. Para uma visão da questão ao longo do tempo, ver Quadro 1.

Quadro 1. A trajetória da velhice ao longo da história

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	PERCEPÇÃO/TRATAMENTO DO IDOSO
Povos pré-históricos	Praticamente deixavam morrer seus velhos
China de Confúcio	Todos os membros da família deviam obediência ao varão mais velho que, por decreto, era o chefe da casa
Egito (2500 a.C.)	A velhice era considerada a pior das desgraças
Judeus e Hebreus	O respeito pela velhice era conhecido
Roma e Grécia	A época romana foi a que teve o maior número de idosos na esfera do poder. Cícero negava a relação entre velhice e decadência, mas os clássicos gregos da época de Péricles apresentavam uma imagem pejorativa da velhice
Idade Média	Dava-se pouco valor à vida, principalmente a dos idosos. Os valores da juventude eram exaltados e muitos idosos foram reduzidos à mendicância
Renascimento	Também rejeitou o idoso. Respeitavam-se somente os anciãos ricos e poderosos
Reforma e Contrarreforma	Promoveram o respeito aos idosos
Revolução Industrial	Permitiu maior longevidade. Nas classes burguesas, o conceito de velhice melhorou e o ancião passou a participar da vida pública e do lazer de sua classe. Os operários, no entanto, quando já não podiam mais trabalhar, eram abandonados à própria sorte. Não havia um sistema social que lhes garantisse proteção. Os idosos, os mendigos e os doentes eram abandonados nas ruas
Meados do século XVIII	A sociedade passou a cuidar dos anciãos indigentes e enfermos
Final do século XX	Constituiu-se um novo ramo da medicina: a Geriatria
Atualmente	Existem muitos avanços no estudo do envelhecimento e mais consciência sobre a necessidade de proporcionar recursos aos idosos. Contudo, ainda há muito por fazer. Os idosos pobres morrem sem que se lute por eles. Os idosos atuais sustentam uma rede médica e é por isso que tem valor” para permanecerem vivos.

ECO-REBEL

Sociedades consideradas subdesenvolvidas (algumas etnias africanas)	O idoso recebe um tratamento preferencial. Seus conhecimentos são muito valorizados e transmitidos às novas gerações
Sociedades mais avançadas do ponto de vista cultural e tecnológico	Valoriza-se muito mais a juventude e a tecnologia

Fonte: Adaptado de Blasque (2015), com base em Nunes(2003)

No depoimento dos idosos que participaram desta pesquisa, é possível perceber que eles não se veem como aqueles que têm autoridade pelo conhecimento e experiência; eles não se reconhecem como o “velho sábio”. Ao contrário, eles assumem que ocupam um espaço desprestigiado em nossa sociedade e explicitam a necessidade de serem respeitados como cidadãos, indivíduos que têm direitos e querem viver, ainda que seu corpo tenha sofrido a passagem do tempo.

É importante destacarmos, antes de finalizar esta seção, que o cenário em que se encontram os idosos depoentes é de isolamento social em suas casas ou em casas de parentes. Viver na casa, no contexto atual, é mais uma condicionalidade, pois, no imaginário que sustenta a fala dos depoentes, percebe-se a morte da interação eufórica com suas famílias distantes e com seus grupos de amigos e a preocupação constante com seus entes queridos. É pelo medo de sua própria morte e de seus entes queridos e para driblar a morte por um tempo que muitos idosos compreendem a necessidade do isolamento social.

3 O medo está no meio de nós

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), o substantivo medo “é o sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça”. Essa palavra tem como sinônimos: susto, pavor, temor, terror, receio. O medo é parte integrante de nossas vidas e, segundo Freud (2011, p143), nos chega por três vias: pelo corpo, que é predestinado ao definhamento, enfraquecimento; pelo mundo exterior; por nossas relações com os outros. Nesse sentido, ele não é apenas consequência de algo inato, mas é construído socialmente e, como qualquer emoção, pode provocar efeitos diferenciados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa. Delumeau (2009, p. 30) aponta que, “[c]olocados em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que

ECO-REBEL

desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca, sobretudo, modificações endócrinas”. Dentre esses efeitos, estão:

Aceleração dos movimentos do coração ou sua diminuição; respiração demasiadamente rápida ou lenta; contração ou dilatação dos vasos sanguíneos; hiper ou hiposecreção das glândulas; constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, comportamento de imobilização ou exteriorização violenta. Nos casos-limite, a inibição pode chegar a uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos), e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico. Ao mesmo tempo, manifestação externa e experiência interior, a emoção de medo libera, portanto, uma energia desusada e a difunde por todo o organismo (DELUMEAU, 2009, p. 65).

Como se vê, o medo permeia os meios ambientes físico, mental, social e histórico dos seres humanos e certamente também dos não humanos. Embora sempre presente, o medo sofre alterações em suas formas de acordo com aquilo que sabemos ou não sobre as coisas do mundo ou de acordo com o contexto histórico em que vivemos, conforme podemos observar no Quadro 2, que também nos apresenta os medos mais comuns ao indivíduo contemporâneo, principalmente ao idoso, nosso objeto de análise.

Quadro 2. O medo no decorrer do tempo

Antiguidade	Idade Média	Século XIV à XVIII
A escuridão	O diabo	Revoltas populares
Animais predadores	Apocalipse	Guerras religiosas
Fenômenos da natureza	A peste negra	Bruxas
(tempestades, cometas	Os Vikings	Judeus
eclipses)	O mar	Fantasmas
	Fantasmas	O diabo
	Turcos e Mouros	Apocalipse
	Bruxas	O paganismo
	Os cavaleiros mercenários	
Século XIX	Século XX e XXI	
A tuberculose	A violência	
A sífilis	Os governos totalitários	
Fantasmas	Seres de outros planetas	
Vampiros	A AIDS e o Câncer	
	O terrorismo	
	A miséria e o desemprego	
	A Solidão	

ECO-REBEL

	Armas Nucleares	
	Pandemias – gripe espanhola: gripe asiática; cólera; febre amarela; coronavírus. desempregos Medo de não ter respiradores e UTI, principalmente para os idosos	

Fonte: Elaborado pelos autores com base no quadro que pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.psicoethos.com.br/si/site/010403>

Percebam como, da Antiguidade ao mundo moderno, as relações que os homens estabeleceram com o medo mudaram e adquiriram outras faces, exatamente porque muito do que não se conhecia se tornou conhecido ou por conta das mudanças políticas e culturais processadas e das descobertas trazidas pela ciência. Se o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico tratou de derrubar alguns mitos relacionados ao medo, estudiosos do assunto não hesitam em buscar também na interferência humana na natureza a explicação para a insegurança sobre o vírus. Se o progresso foi encarado um dia como uma manifestação extrema de otimismo radical e esperança de uma felicidade duradoura, pelas promessas que trazia consigo, hoje ele “representa a ameaça de uma mudança que não promete paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, sem um segundo de trégua” (BAUMAN, 2009, p. 52-53). Continua o autor:

Em lugar de grandes expectativas e doces sonhos, a palavra “progresso” evoca uma insônia povoada de pesadelos: “ser deixado para trás”, perder o trem, ser atirado para fora do veículo por um movimento brusco. [...] Nós tentamos calcular e reduzir ao mínimo o risco de cairmos vítimas dos inúmeros perigos que a opacidade do mundo e seu futuro incerto nos reservam. Estamos totalmente empenhados em observar “os sete sintomas do câncer”, “os cinco sinais da depressão”, ou em exorcizar o espectro da pressão sanguínea e das altas taxas do colesterol, do estresse, da obesidade (BAUMAN, 2009, p. 53)

O medo, assim, funciona como formações que contam a maneira como agíamos antigamente (medo de bruxaria, medo do mar, medo do rei, medo da novidade) e estabelece a forma de constituição de quem somos hoje (medo do terrorismo, medo dos alimentos, medo da criminalidade, medo de doenças, bactérias e vírus). No contexto brasileiro, os discursos acerca da pandemia causada pelo coronavírus têm se tornado fontes inesgotáveis de medo generalizado. Hospitais de campanha são construídos para atender as vítimas do coronavírus; o número de mortos só aumenta; a grande mídia divulga diariamente o sofrimento de milhares de famílias que perderam seus entes queridos; ouvimos notícias de algum familiar ou conhecido que foi internado

ECO-REBEL

por causa desta doença. Nesse cenário, o medo do coronavírus chega ao idoso por meio do corpo, do fato de que este se encontra em fase de enfraquecimento. Seria decorrente da compreensão sobre a degradação que o vírus provoca no corpo de quem já se encontra nesta fase. O medo do coronavírus é visto e vivido por ele portar o sentido do sofrimento do corpo e da morte, por ser o portador do desconhecido. Segundo Almada (2011),

Desde os primórdios da humanidade, daquilo que nos é dado a conhecer, pelo menos, o sentimento do medo é inerente à ação e ao comportamento humano. O confronto com a natureza, a proteção mística contra o desconhecido, a luta pela sobrevivência, o inevitável desejo de posse, a tentativa de suplantar a dor física e o sofrimento, para ficarmos com alguns exemplos, são atitudes que caracterizam o relacionamento entre o homem e a sensação de medo.

Contribui para essa situação, o fato de que estamos sendo constantemente bombardeados com discursos sobre o que devemos fazer para nos proteger de um *mal invisível*: ficar em casa e se tiver que sair, usar máscaras, álcool gel, higienizar todos os produtos que são comprados, tomar banho e trocar as roupas quando voltar de qualquer ida às ruas, não receber visitas, manter distância de, no mínimo, um metro de outras pessoas. Tudo isso reforça a sensação de caos, caos que nos traz medo. Esse medo se intensifica no imaginário dos idosos quando eles percebem que os jovens são os que têm prioridade, recebem investimento médico e social, enquanto os mais velhos são relegados a um segundo plano, o que fica claro quando a mídia exhibe pessoas dessa faixa etária esperando por leitos de UTIs.

Na movência dos discursos de medo sobre o coronavírus, o coletivo social é apresentado como maior que cada um de nós, de modo que não é hora de o sujeito idoso ser sujeito, a não ser na condição de se adaptar dentro dos limites impostos a eles. Dessa forma, é na construção discursiva que observamos que esses discursos de medo visam à manipulação. Quando se diz que o coronavírus é pior para os idosos e que eles devem ter cuidados especiais, temos um medo criado pela sociedade não apenas com sentido de proteção, mas também um medo como criação humana, servindo aos interesses políticos e econômicos da manutenção da ordem social e médica. Esse medo passa a sustentar o ser e o estar dos idosos em seus discursos, na apreensão que ele sente de que algo venha a acontecer com ele e com seus familiares devido ao coronavírus.

As atuais dimensões da vida urbana moderna passam pela equiparação das áreas públicas a enclaves com acesso selecionado, pela segregação em substituição à convivência, pelo controle da vida dos indivíduos por meio da instauração de discursos que colocam os idosos como seres frágeis, observando apenas o biológico sem levar em conta o todo do idoso: meio ambiente mental

social, histórico e cultural, ou seja, o acervo de experiência e conhecimento de que é detentor. Considerando que o sentido não está apenas nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, em toda a ecologia da interação comunicativa, e que o sentido recorre à memória, ao interdiscurso, podemos dizer que os sujeitos trazem de suas experiências anteriores todo um discurso que se perpetua como uma retomada do já-dito, o pré-construído. Nesse sentido, é importante lembrar, também, que a afirmação de um discurso significa a negação de outro. Ao apresentar os idosos como frágeis e descartáveis, esses discursos deixam de lado o fato de que existem idosos sendo curados, idosos sendo produtivos, de que o diferente nem sempre representa um peso. Ao colocar jovens e idosos numa espécie de embate, esses discursos de medo segregam e afastam uns dos outros, estabelecendo uma relação não harmoniosa entre eles. Haveria outra saída para essa situação?

Considerações finais

Contam as narrativas mitológicas que Ares (deus da guerra) e Afrodite viveram um romance proibido, pois Afrodite era casada com Hefesto (exímio ferreiro). Assim que soube da traição, Hefesto preparou uma armadilha, uma rede invisível, na qual os dois amantes ficaram aprisionados, nus, passando grande humilhação pública frente aos deuses. Da relação amorosa extraconjugal e estressante entre Ares e Afrodite nasceram *Fobos* (deus do medo) e *Deimos* (deus do terror) (BRANDÃO, 2000). No imaginário dos idosos em relação ao medo do coronavírus, percebemos que eles vivem o mito de Fobos e Deimos, ou seja, o medo com suas duas faces: a defesa ou a fuga. A defesa está na aceitação de ficarem isolados e a fuga na eufemização quando dizem não pensar em outras coisas, como se ficassem imóveis, deixando os fatos acontecerem por si sós.

O sofrimento mental que os idosos sentem não é apenas pelo isolamento social. Somado a este temos o sofrimento produzido pela difusão do medo por uma mídia, dizendo que se tiver um respirador apenas, é o jovem que terá direito a ele. É possível perceber nos depoimentos que os idosos não consideram isso certo, pois acreditam que eles deveriam ser considerados *gente também*. Essa percepção coaduna com a proposta da ADE, de que toda vida tem valor intrínseco. Pelos depoimentos não há dúvidas de que alguns componentes do medo antigo e moderno se fazem presentes no contexto que vivemos da pandemia do coronavírus: dominação pelo temor,

ECO-REBEL

autoritarismo, imobilização dos indivíduos, sufocamento das resistências, como forma de controle (o coronavírus).

Entretanto, Fobos e Deimos também tiveram uma irmã: a Harmonia (BRANDÃO, 2000). Sendo a função do mito apresentar uma lição aos homens e a da ADE trazer uma proposta para diminuir a violência que leva ao sofrimento, devemos pensar na harmonização entre o medo e o terror por meio da adaptação dos idosos aos ecossistemas para sobreviver ao novo momento da pandemia. A ideologia da vida, o pano de fundo da ADE, propõe a equidade entre seres de qualquer espécie e está alicerçada numa ótica interventiva, em que se almejam desenvolver soluções viáveis para que a violência que causa tanto o sofrimento físico quanto o social e o mental nos seres vivos seja evitada ou reduzida ao mínimo. Apesar de parecer utópico, esse desiderato pode se tornar exequível, um movimento que visa desconstruir continuamente a ação violenta e estabelecer a harmonia por meio do engajamento contra a exploração e o preconceito, contra a degradação da natureza, contra tudo que se oponha à manutenção da vida. Não é uma solução final, já que o fato de o conflito muitas vezes gerar violência é inerente à natureza humana; é um modo de combater a desigualdade que produz sofrimento evitável em meio ao ambiente de vida.

Considerar o idoso como uma pessoa que já viveu seu tempo e como um ser não ativo, produtivo para a sociedade é não reconhecer o direito à cidadania, o que configura um ato imoral e antiético. Nas décadas de 50 e 60, já se sabia sobre o aumento considerável dos idosos nos tempos atuais. Se naquela época tivesse sido realizada uma ação política firme e projetos exequíveis na demanda por serviços para os idosos, eles não estariam colhendo os frutos amargos e contaminados que os tem levado à morte ou ao medo de precisar de um respirador, de morrer à míngua ou ir para um asilo para idosos. Além disso, a lei⁸ determina que o idoso tem prioridade absoluta no atendimento médico. Então, a escolha médica de ceder o respirador a um jovem – no caso de haver apenas um respirador – não está respaldada pela lei. A dificuldade de aplicação da lei está na falta de recursos financeiros destinados à saúde, no culto ao jovem e na falta de discernimento de que o processo de envelhecimento não diz respeito apenas às questões biológicas e de tempo. O envelhecimento deve ser visto como processo adaptativo e interativo dos ecossistemas naturais, biológicos, mentais, sociais, culturais e históricos.

⁸ *Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Último acesso: 28 jul. 2020.*

ECO-REBEL

O envelhecimento populacional é um fenômeno que acontece em ritmo acelerado em todos os países do mundo. Conforme estimativas, os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos, em 2030. Em 2055, estima-se que o número de idosos será maior que o de crianças e jovens com até 29 anos. Em 2025, serão 64 milhões de velhos e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso. Embora marcada por alterações físicas, a velhice deve ser considerada através de fatores sociais, culturais, psicológicos, econômicos entre outros. Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de velhice é uma construção social complexa, indiretamente ligada ao tempo cronológico de vida e/ou às alterações físicas e psicológicas pelas quais os indivíduos passam ao longo de toda a sua existência. Além de ser uma construção social, uma produção histórica, assim como os outros períodos da vida, como infância e adolescência, o significado de velhice varia conforme a época. Portanto, ainda que seja difícil conceituar a velhice, visto que ela assume grande variedade de aspectos, inseparáveis uns dos outros, pode-se compreendê-la como fenômeno universal, enquanto parte do processo de desenvolvimento humano, assim como uma realidade individual, onde os atributos pessoais e a influência do meio são decisivos no processo de envelhecer. Para a ADE, a velhice é um estado natural de continuação da vida e não como um estado que antecede a morte. O idoso é um cidadão que também tem direito à vida, a uma sobrevivência digna de respeito.

Referências

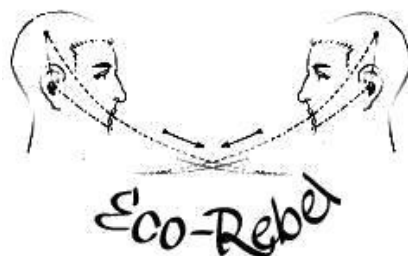
- ALMADA, I. *A mercantilização do medo*. 2011. Disponível em: <http://boitempoeditorial.wordpress.com/2011/04/07/a-mercantilizacao-do-medo-coluna-do-izaias-almada/>. Último acesso: 28 jul. 2020.
- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BLASQUE, Roberta Maria Garcia. *Informações implícitas do texto: sentido e contrassentidos na publicidade para idosos*. UEL. TESE apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COUTO, E. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, E.; SILVA, S. Análise do Discurso Ecológica: Ecolinguagem e ecoética. In: COUTO, E.; DUNDK-CINTRA, E.; BORGES, L. (orgs.). *Antropologia do imaginário, Ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 43-52.
- COUTO, H. Linguística Ecosistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81.
- COUTO, H.; COUTO, E. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 82-104. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

ECO-REBEL

- DAMÁSIO, A. R. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.
- DELUMEAU, Jean. *A história do medo no ocidente*. Trad. M. L. Machado. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DURAND, G. *Estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NAESS, A. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- SILVA, M. S. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, 2020, p. 90-106. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

Aceito em 02/08/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



POR PRETEXTO FORA DE CONTEXTO: A DINÂMICA DAS *FAKE NEWS* VEICULADAS SOBRE A COVID-19 EM UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA

Samuel de Sousa Silva (UEMS/NELIM)

Resumo: O nosso objetivo neste artigo é descrever a dinâmica das *fake news*: que elementos estruturantes discursivos são constitutivos desse tipo de discurso e quais práticas sociais ideológicas são representadas. Partiremos da heurística da Ecolinguística em que procuraremos delimitar o ecossistema integral da língua (COUTO, 2018) no qual esse discurso é produzido, e faremos o que Albuquerque (2015) entende a partir de Nash como sendo um "minimalismo empírico", a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado. Vislumbramos na análise que no território virtual das redes sociais um determinado grupo de afinidades ideológicas se reconhece e empenha-se em divulgar e replicar a mensagem transmitida por um autor representativo do grupo. Sendo assim, território e povo são categorias indissociáveis. Em relação a língua na qual se articula os discursos, vimos um movimento de retorno a um discurso anterior fundante dessa ideologia, em que o leitor é levado a acreditar que tem uma resposta para uma questão emergente, quando na verdade ocorreu uma dissociação entre o contexto da pergunta e o contexto da resposta.

Palavras-chave: Coronavírus; Ecolinguística; Fake News; Contextualização e descontextualização.

Abstract: The objective of this article is to describe the dynamics of fake news: which discursive structuring elements are constitutive of this type of discourse and which ideological social practices are represented. We will start from the Ecolinguistics heuristics and try to delimit the

integral ecosystem of the language (COUTO, 2018) in which this discourse is produced. We will do what Albuquerque (2015) understands from Nash as being an "empirical minimalism", from which an object is studied through its interrelationships within the bounded ecosystem. We see in the analysis that in the virtual territory of social networks a certain group of ideological affinities is recognized and endeavors to disseminate and replicate the message transmitted by a representative author of the group. Territory and people are inseparable categories. In relation to the language in which the speeches are articulated, we saw a movement back to a previous discourse founding this ideology, by which the reader is led to believe that he has an answer to an emerging question, when in fact there has been a dissociation between the context of the question and the context of the answer.

Key-words: Coronavirus; Ecolinguistics; Fake News; Contextualization; decontextualization.

Introdução

Na atual conjuntura global da pandemia da Covid-19, um tipo específico de saber se coloca em proeminência sobre os demais; o saber médico, ou a medicina como um ramo específico das ciências. O interessante disso é que historicamente a constituição da medicina como saber científico está fortemente atrelada a essa ameaça das pandemias. Segundo Foucault (2015), a medicina se consolida como um saber científico a partir do momento em que se atrela à química, emprestando desta seus métodos científicos e conseqüentemente seu status de disciplina científica. Isso ocorreu na França, em meados do século XVIII, com Fourcroy e Lavoisier que vão se voltar para um estudo mais sistematizado do organismo humano partindo dos reflexos nesse organismo causados pela qualidade ou falta dessa no ar urbano da grande Paris de então. Segundo o mesmo autor, a inserção da medicina no saber científico se dá por essa necessidade de conhecer os reflexos da qualidade do ar e da água na cidade, o que por sua vez vai exigir dessa nova medicina um saber químico dos elementos presentes nesse ar e nessa água. Assim, pode-se dizer que a medicina científica nasce de uma visão mais sistêmica, em que pensa a saúde em uma relação sistêmica com o meio em que a população vive, já pensando no ar e na água como elementos importantes e constitutivos de seu meio ambiente urbano.

O interessante é o que a Análise do Discurso chama condições de produção, ou seja, quais fatores da conjuntura sócio-histórica-cultural foram determinantes para a produção de um dado discurso? Nesse caso, a nossa pergunta é: quais são os fatores que foram determinantes na produção dessa nova medicina de caráter mais científico atrelada a química e de uma visão mais

sistêmica? Segundo Foucault essa medicina é pautada por uma percepção urbana da saúde, que deixa de ser uma saúde do indivíduo e passa a ser predominantemente a saúde de toda uma coletividade. Foucault (2015) salienta que um fator determinante para a produção desse discurso foram as epidemias que se alastram nas cidades em decorrência desse amontoamento de pessoas em um mesmo espaço nas cidades. O autor cita, por exemplo, o caso inglês, em que é instituído um sistema coletivo de controle de saúde na Inglaterra no século XIX, praticamente um século depois do sistema francês, por causa principalmente da cólera de 1832 que começou em Paris e se propagou por toda Europa.

A constituição e o surgimento da medicina moderna como um ramo de saber científico se apresenta com as seguintes características; 1) uma motivação pragmática para o desenvolvimento dessa ciência: as epidemias nos grandes centros urbanos; 2) a exigência de um saber menos fragmentado: a interdisciplinaridade entre medicina e química; 3) e em consequência direta do segundo ponto: uma abordagem mais sistêmica do problema a ser resolvido ao encarar a cidade como um meio mais complexo, recortado por diversos fatores determinantes da saúde coletiva que não necessariamente estavam diretamente relacionados a área da medicina, tais como a qualidade do ar e da água.

O que veremos nesse artigo será uma espécie de retorno a essas condições de produção constitutivas da medicina moderna, que instauram a medicina novamente como ciência proeminente diante dos demais ramos da ciência, o que, no entanto, redundará em um discurso de resistência do regime de verdade dominante cujo saber mais determinante e justificador de suas ações não é o saber da medicina, mas sim o saber econômico. Diante disso, o nosso objeto de análise nesse artigo será esse discurso de resistência e negação ao saber da medicina atrelado ao discurso dominante de nossa época, o discurso capitalista liberal, cuja manifestação mais explícita se dá por meio dos discursos já denominados como *fake news*. E no caso específico dessa análise, focaremos em *fake news* cuja temática trate diretamente sobre a pandemia da Covid-19, ou coronavírus, nos primeiros meses do ano de 2020.

O nosso objetivo nessa análise será descrever a dinâmica das *fake news*; que elementos estruturantes discursivos são constitutivos desse tipo de discurso e quais práticas sociais ideológicas são representadas nesse tipo de discurso. Nesse sentido, partiremos da heurística da Ecolinguística em que procuraremos delimitar o ecossistema integral da língua (COUTO, 2018) no qual esse discurso é produzido, conforme proposta de Silva (2015) de que um discurso é

produzido a partir de uma rede de relações cuja delimitação por parte do pesquisador é essencial para a compreensão de tal discurso na sua existência real. Cada discurso é produzido por pessoas e para pessoas, cujos discursos são por sua vez influenciados por outras pessoas, instituições, saberes e relações de poder que se entrelaçam em circunstâncias específicas, sempre no interior desse ecossistema integral da língua. Por causa das especificidades de cada discurso é de suma importância analisá-los a partir de sua inserção nesse ecossistema integral da língua próprio da sua constituição, pois como argumenta Albuquerque (2015, p. 138) seguindo Nash; “cada ecologia é única”, e, portanto, é necessário delimitar o ecossistema único de produção de cada discurso a ser analisado.

Nesse sentido, a proposta metodológica partirá dessa delimitação do ecossistema integral da língua único da produção desse discurso (SILVA, 2015), as *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 nos primeiros meses de 2020 no Brasil. Como segundo passo, faremos o que Albuquerque (2015) entende, de novo seguindo Nash, como sendo um “minimalismo empírico”, a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado.

As *fake news* (notícias falsas) sobre a pandemia da covid-19 no Brasil pós-Bolsonaro.

No momento em que todas as atenções têm se voltado para a questão da pandemia da covid-19, tanto os líderes globais quanto as grandes empresas de produção de notícias e informação produzem diariamente vários discursos tratando do assunto. Esses discursos geralmente articulam três campos do saber: o jornalístico, a partir do qual se vende tal discurso como uma interpretação pelo menos coerente dos fatos; o médico, a partir do qual se constrói um paradigma como critério de julgamento para as ações corretas ou incorretas diante da pandemia seja por parte dos líderes mundiais ou dos cidadãos de cada país; e o econômico, pelo simples fato de que em uma sociedade capitalista o econômico é por demais fundamental para ser deixado de fora de qualquer discussão.

Nesse contexto, por mais problemático que seja, uma vez que ao escrever esse artigo mais de 50 mil pessoas já tenham morrido no Brasil em decorrência da pandemia, as *fake news* têm se proliferado no meio virtual tanto ou mais do que o coronavírus no mundo real. Segundo uma pesquisa feita pelo site AvaaZ no mês de março de 2020, 6 em cada 10 internautas brasileiros receberam pelo menos uma notícia falsa pelo aplicativo WhatsApp, e 5 em cada 10 internautas receberam pelo menos uma notícia falsa pelo Facebook. Ainda segundo essa pesquisa, cerca de

ECO-REBEL

110 milhões de brasileiros acreditam em pelo menos uma notícia falsa relacionada à pandemia da covid-19. Essa pesquisa também foi feita em outros países e a partir dos dados cruzados entre esses países. Pelo menos 73% dos brasileiros acreditaram em alguma *fake news*, enquanto que nos EUA essa porcentagem é de 65% e na Itália é de 59% (<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/04/estudo-110-milhoes-de-brasileiros-acreditam-em-noticias-falsas-sobre-covid.htm>; acessado em 25/05/2020).

Segundo uma pesquisa do instituto de internet da universidade de Oxford, esse fenômeno das notícias falsas em uma amplitude praticamente global e capazes até de decidir eleições presidenciais tem o seu *big bang* rastreável nas eleições americanas de 2016, devido a sua comprovação de eficácia na reviravolta que elegeu Donald Trump. A ironia disso é que assim como outros produtos tipicamente americanos, tais como o cinema e o capitalismo, as *fake news* não são uma invenção americana, pois, como demonstraram investigações posteriores, as notícias falsas foram criadas pela Rússia que preferia ter sobre o comando dos EUA o candidato republicano e não a candidata democrata (<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/uso-de-fake-news-nos-eua-em-2018-ja-ultrapassa-eleicao-de-trump-diz-oxford.shtml>, acessado em 25/05/2020).

Segundo essa mesma pesquisa, esse fenômeno teve um crescimento exponencial desde então. Em 2019 em Hong Kong enquanto milhares de pessoas protestaram contra uma lei polêmica que facilitaria a extradição para a China continental e por mais democracia, o governo chinês tentou mudar a imagem dos protestos frente à opinião pública por meio das redes sociais. Pequim espalhou desinformação, retratando o movimento como um bando de criminosos que ameaçam a soberania da nação. Só que a China foi a última a chegar à lista; apenas em 2019, foram 70 países que fizeram uso inapropriado de campanhas políticas de desinformação para desacreditar a oposição. Em 2017, eram apenas 28, o que indica um crescimento de 150% em apenas dois anos, e o fenômeno se espalha ao redor do mundo inteiro (<https://veja.abril.com.br/mundo/estudo-aponta-que-as-fake-news-politicas-cresceram-150-em-dois-anos/>, acessado em 25/05/2020).

No Brasil esse fenômeno é considerado um dos grandes fatores responsáveis pela eleição do candidato Jair Bolsonaro a presidente do Brasil nas eleições de 2018. Segundo reportagem do jornal *El país*, “Vimos a desinformação contra os adversários de Bolsonaro aumentar, em geral em torno de duas temáticas: colocar em dúvida, com teorias conspiratórias, a segurança do voto eletrônico no Brasil, e uma constante relação dos outros candidatos com pautas das minorias, como

ECO-REBEL

a agenda LGBT e o direito ao aborto” (Taí Nalon, em entrevista ao *El país*). Segundo essa mesma reportagem, as notícias falsas mais determinantes na campanha de Jair Bolsonaro, e veiculadas nas eleições por meio de robôs no aplicativo WhatsApp e na rede social Facebook, foram: 1) O *kit gay* para crianças de 6 anos que foi distribuído nas escolas; 2) O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula; 3) A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro (que na verdade eram imagens da atriz Beatriz Segall); 4) Haddad defende o incesto e o comunismo em um de seus livros, repostada por Olavo de Carvalho; 5) Se Haddad chegar ao poder, pretende legalizar a pedofilia. Na reportagem as citadas *fake news* são reconstruídas dentro de seu contexto e com as imagens das postagens que foram repassadas pelo WhatsApp e o Facebook (https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html, acessado em 25/05/2020). É claro, no entanto, que pelo alto grau de inverossimilhança das notícias veiculadas, são necessárias para a crença nelas que haja também um alto grau de várias ignorâncias em relação aos temas tratados, principalmente do que é necessário para se fazer uma lei, sua aprovação e aplicação no Brasil, como por exemplo: a aprovação de tais propostas de lei pelo congresso cujo conteúdo das notícias falsas citadas acima praticamente já fazem de tais propostas de lei inaprováveis devido aos vários interesses e a quais colégios eleitorais cada deputado e senador está associado.

No atual momento, a circulação de notícias falsas se volta ao contexto no qual estamos inseridos e o material do qual as *fake news* têm se nutrido são as notícias sobre a pandemia da covid-19. Segundo o estudo feito por Julie Posetti, diretora global de pesquisa do ICFJ e pesquisadora sênior do Centro de Liberdade de Mídia da universidade de Sheffield (CFOM) e Universidade de Oxford, em meio à pandemia de Covid-19 a desinformação e a proliferação de notícias falsas pode ser comparada a um ciclo epidêmico que a ONU denominou de *desinfodemia*. O termo foi cunhado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e é definido como "desinformação básica sobre a doença de Covid-19" (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtm, acessado em 26/05/2020).

Segundo essa pesquisa das Nações Unidas (ONU) em parceria com o International Center for Journalists (ICFJ), o tema recorrente da desinfodemia se refere à origem e à disseminação da Covid-19. Enquanto cientistas identificaram o primeiro caso da Covid-19 ligado a um mercado de

ECO-REBEL

animais na cidade de Wuhan, na China, teorias da conspiração acusam outros atores tais como as redes 5G e até responsabilizam os fabricantes de armas químicas. Outras notícias falsas recorrentes referem-se aos sintomas, diagnóstico e tratamento do vírus, estatísticas falsas, os impactos na sociedade e no meio ambiente, e sobre a repercussão econômica causada pela pandemia. “Esse último tema inclui a divulgação de informações falsas sobre os impactos da pandemia na economia e saúde, sugestões de que o isolamento social não é economicamente justificado e a afirmação de que a Covid-19 está criando empregos”, detalha o estudo (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml, acessado em 26/05/2020).

No Brasil, o Ministério da Saúde criou um *site* especializado no combate às notícias falsas sobre o coronavírus. O *site* disponibiliza um número de WhatsApp (61-99289-4640), para que a população envie fatos duvidosos veiculados nas mídias sociais e aplicativos de mensagens, para serem checados por uma equipe técnica do Ministério. No *site*, as informações são classificadas em duas listas, cujos títulos são: “Isto é *fake news*” ou “Esta notícia é verdadeira”. O site também oferece ao público dados sobre prevenção, transmissão do vírus e atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e é possível acessar um *podcast* sobre a pandemia, produzido pelo próprio ministério

(https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/05/05/interna_mundo,851477/pandemia-de-fake-news-estudo-lista-principais-boatos-sobre-covid-19.shtml, acessado em 26/05/2020).

A dinâmica das fake News veiculadas sobre a covid – 19 em uma abordagem linguística ecossistêmica; um estudo de caso.

Para fins de análise da dinâmica das *fake news* analisaremos um exemplo de notícia falsa com forte repercussão nas redes sociais no contexto da covid-19, no Brasil, e que já tenha sido

ECO-REBEL

amplamente veiculada também nas mídias jornalísticas. O exemplo é a seguinte publicação do deputado federal Eduardo Bolsonaro:



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus>; acessado em: 25/06/2020

Para analisar *fake news* como essa, vamos primeiro estabelecer seu ecossistema discursivo no qual a notícia foi produzida. Partindo do conceito de ecossistema integral da língua, em que – de acordo com Couto (2009), ao formular os conceitos basilares para o estabelecimento da Ecolinguística como uma heurística duplamente constituída pela linguística e pela ecologia – as inter-relações no interior do ecossistema linguístico se apresentam enquanto relação organismo-mundo, na qual se processam representações do meio ambiente a fim de estabelecer o suporte material/simbólico, material porque é linguístico e simbólico porque é uma representação na língua desse ambiente material/natural, da comunidade (COUTO, 2009). Comentando como se dá esse processo de representação das interações ecossistêmicas na língua, Nowogrodzki (2019) salienta que isso se dá “numa dinâmica de referenciação, ou enquanto relação organismo-organismo, da qual decorre a comunicação, como produção de sentidos entre interlocutores” (p. 60). Para Couto (2009), para que esse ecossistema linguístico se concretize e assuma uma forma efetiva é necessário que três elementos existam e se inter-relacionem: língua, população e território.

Esse ecossistema ainda é concebido como ecossistema integral da língua, visto que engloba três dimensões da realidade na sua efetivação no real: a dimensão natural/física, na qual se processam as relações físicas, materiais da realidade; a dimensão mental, na qual se realizam os processos psíquicos e a faculdade de produção de símbolos que estabelece a relação indivíduo/coletividade/mundo; e a dimensão social, em que se estipulam as funções/sujeito dessa sociedade, negociam-se identidades e se estabelecem relações hierárquicas estruturando a sociedade (NOWOGRODZKI, 2019).

ECO-REBEL

Diante disso, a *fake news* citada acima se consolida em um ambiente material/virtual, sendo essa sua dimensão natural/física no seu ecossistema integral da língua. Esse território no qual se concretiza a *fake news*, o Twitter, é uma rede intrincada de relações que se estabelecem por meio de textos, que são produzidos na rede, e pela eventuais repercussões desse texto que é lido nesse mesmo ambiente e depois re-produzido em outros contextos: facebook, whatsapp e, no caso dessa *fake news* em particular, também reproduzida e comentada em outras mídias, tais como jornais impressos, *online* e televisivos.

Na dimensão mental e social desse ecossistema a *fake news* estabelece um ponto de convergência no intrincado de uma rede de textos vinculados na internet em que um grupo social se identifica com tal texto e com o grupo social que ele representa. O texto também serve como ponto de convergência dos grupos contrários ao grupo representado por essa *fake news*, que concordam em discordar das ideias expostas pelo texto. Essas “convergências” em torno do texto, sendo tanto dos que concordam com as ideias do texto quanto dos que discordam, podem ser percebidas pelas reportagens feitas sobre a postagem de Eduardo Bolsonaro e a polarização das opiniões entre os concordantes e os divergentes nos comentários das reportagens. Na reportagem do UOL, publicada em 18/03/2020, existiam 98 comentários até a data de 26/06/2020; <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/18/sem-provas-eduardo-bolsonaro-diz-que-culpa-da-pandemia-e-da-china.htm>. Na reportagem do G1, site do grupo Globo, são 70 comentários; <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/18/culpa-e-da-china-diz-eduardo-bolsonaro-embaixador-chines-repudia-e-exige-desculpas.ghtml>. Na reportagem do *Correio Braziliense* são 136 comentários; https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/19/interna_politica,835354/c-hefe-da-diplomacia-chinesa-reafirma-que-eduardo-bolsonaro-feriu-chi.shtml, todas as reportagens acessadas em 26/06/2020.

Para os nossos objetivos, vamos focar nas estratégias textuais propiciadoras dessas inter-relações no meio virtual já previamente na construção do texto para que ele atinja esse grau de relevância se tornando nesse ponto de convergência que o faz ser uma *fake news*. A partir dessa lógica, de que o ambiente de circulação das *fake news* é o ambiente virtual, que é o seu território por excelência, para ser uma *fake news* não basta ser apenas *fake*, deve ser também *news*, ou seja, deve circular e atingir um certo grau de notoriedade nesse ambiente virtual. Diante disso, o nosso foco de análise será estudar essas inter-relações que começam no texto que faz da *fake* uma *news*.

ECO-REBEL

Em primeiro lugar, o autor da *fake news* deve ser alguém em quem os usuários dessas redes sociais prestem atenção e se interessam pelo que ele escreva ou tenha a dizer, seja para corroborarem as suas ideias ou para criticá-lo. Nesse caso, o autor é Eduardo Bolsonaro, filho do presidente da república do Brasil, Jair Bolsonaro, e que havia há pouco tempo sido indicado ao cargo de embaixador do Brasil nos EUA, o que, portanto, o credenciaria a dar opiniões em nome do Brasil sobre outras nações estrangeiras. Isso por si só mostra a relevância dessa *fake news*, haja vista que o conteúdo da *fake news* é uma opinião do autor sobre a China, um país com fortes relações comerciais com o Brasil, para ser mais exato, o principal comprador das *comodities* brasileiras.

Para deixar claro essa importância do autor para que uma *fake news* venha a viralizar, ou seja, repercutir e se tornar notícia, vamos ver outro exemplo de uma *fake news* que envolveu o padre Fábio de Melo. Segundo verificação da agência Lupa, a primeira agência de *fact-checking* do Brasil, circulou nas redes sociais a partir do dia 13 de março de 2019 um texto atribuído ao padre Fábio de Melo sobre o massacre de Suzano (SP), um atentado com armas de fogo em uma escola da cidade, em que depois de um texto que fala sobre a importância da família e de uma educação mais conservadora, há a seguinte frase em destaque: “as armas não matam, o que mata é a ausência de amor” (<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/15/verificamos-padre-armas/>, acessado em 26/06/2020). Segundo o mesmo *site* citado acima, o texto atribuído ao padre Fábio de Melo já havia até as 18h do dia 15 de março de 2019, ou seja, apenas dois dias após sua primeira publicação, sido compartilhado por ao menos 6,5 mil vezes no Facebook (*ibid.*). O próprio padre Fábio de Melo publicou posteriormente um texto na sua conta do Twitter dizendo que o texto não era de sua autoria.

O interessante nessa história toda é que o tal texto expressa uma opinião sobre o que seria o elemento principal que havia gerado o ataque e, portanto, poderia ser publicado como uma análise válida da situação, mesmo que o seu ponto de vista seja bem equivocado. O que o torna tanto *fake* quanto *news* é o fato de ser atribuído a um personagem relevante nas redes sociais, o padre Fábio de Melo, que até a data de 26/06/2020 tem 7,9 milhões de seguidores no Twitter e 20,6 milhões de seguidores no Instagram.

Por mais que haja *fake news* veiculadas por aí por pessoas anônimas em grupos de WhatsApp, a ‘verdadeira’ *fake news* é aquela cujo autor tem relevância para fazer dela uma notícia de circulação e com potencial de fazê-la passível de crença. Para que alguém acredite em uma *fake*

ECO-REBEL

news ela não pode ser de qualquer autor; da autoria de uma *fake news* depende muito sua eficácia de reprodutibilidade e credibilidade.

Vamos pensar no papel do autor de uma *fake news* em termos de ecossistema no qual tal notícia se veicula. Como vimos, no arcabouço da Ecolinguística, para um ecossistema se constituir é necessário a categoria povo. Nesse caso, o povo, como categoria virtualmente representada no texto, se faz presente na publicação pela sua autoria. O autor é a representação simbólica do grupo ao qual o leitor se vincula e suas respectivas ideologias, e quando tal autor fala o diz no lugar de qualquer indivíduo desse mesmo grupo. Em outras palavras, o autor do texto publicado na rede social é um de nós que fala como nosso representante e fala aquilo que cada um de nós gostaríamos de dizer, mas não temos esse lugar de fala.

O autor representa nas *fake news* a figura do herói. Pois como afirma Eliade (1992), o herói é aquele que ao se empenhar em suas lutas não luta por uma causa sua, mas pelas causas e anseios de uma dada comunidade. Nesse sentido, sua jornada é representativa da jornada de seu povo e suas vitórias são vitórias de toda sua comunidade. Assim, o autor é o simulacro no texto da categoria de povo, como um representante virtual de todo um grupo ideológico que irá assumir esse texto como seu e se incumbir de propagar essa mensagem como um verdadeiro apóstolo ao re-twittá-la e postá-la em outras redes como o Facebook e o WhatsApp.

Já na categoria língua, muito mais do que a língua portuguesa em que o texto é escrito e da qual depende sua compreensão, o elo de convergência entre o texto e seus ‘viralizadores’ é o seu discurso, cuja definição é um conjunto de dizeres que motivam práticas ou as reflete, dizeres esses representativos de uma dada comunidade e suas ideologias cujos processos de formação são as constantes inter-relações ecossistêmicas de aspectos sociais, linguajeiros, mentais, físicos, simbólicos, institucionais, políticos, históricos, culturais etc.

Quanto ao discurso do texto da *fake news*, ele se caracteriza pela polêmica, construindo sua força na oposição entre dois termos claramente marcados no texto: ditadura, repetido duas vezes no texto (ditadura soviética pela chinesa) e liberdade. Como o texto tem muito mais um caráter de acusação contra um lado dessa disputa do que a defesa do outro lado, o texto faz uma maior caracterização do campo semântico da ‘ditadura’, deixando completamente a cargo do leitor a caracterização do campo semântico da ‘liberdade’.

A ‘ditadura’ é associada no texto a duas nações; “ditadura soviética pela chinesa”. Ao associar o conceito de ditadura à antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e à atual

ECO-REBEL

China, país governado pelo partido comunista chinês, o autor caracteriza ditadura como sendo uma qualidade própria de um tipo de governo: o socialista ou comunista, tomando os dois conceitos como sendo idênticos. Quanto à ideia mencionada no texto de ‘liberdade’, não lhe é atribuída nenhuma qualidade, o que deixa implícito que liberdade é alguma coisa contrária ao que representa a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a atual China. Ou seja, o autor preenche o campo da ditadura com o socialismo e o comunismo, deixando em aberto para o leitor o campo da liberdade, que será obviamente preenchido pelo leitor com os termos Estados Unidos da América/capitalismo.

Em termos de contextualização, o que o autor do texto faz é re-contextualizar um dado momento histórico, a pandemia da covid-19, a um outro momento histórico originário. Nesse caso, a guerra fria. O autor busca um tempo primordial que remeteria a um conflito fundamental como a origem de todos os males no mundo contemporâneo, tudo se resumiria a esse conflito entre comunistas e capitalistas pelo controle do mundo, em que, de um lado só levaria a desastres – “Chernobyl” e “coronavírus” – e do outro, à liberdade, que o autor do texto não sabe muito bem o que é, apenas o que não é.

Segundo Eliade, o homem tradicional separa a existência em duas dimensões: o sagrado e o profano. Para o pensamento tradicional, as coisas se efetivam no real, assumem suas identidades, apenas na extensão de sua comunhão em uma realidade transcendente (ELIADE, 1992). Algo em nosso mundo é apenas "real" conforme se modela ao sagrado ou aos modelos estabelecidos pelo sagrado. Portanto, há espaço profano e espaço sagrado. Espaço sagrado é o espaço onde o sagrado se manifesta. Ao contrário do espaço profano, o espaço sagrado tem um senso de direção, seja um retorno a um paraíso perdido como no apocalipse bíblico, ou uma evolução que leva ao progresso no caso do mito científico do progresso positivista. Onde o sagrado cruza nosso mundo, ele aparece na forma de modelos ideais. Todas as coisas se tornam verdadeiramente "reais" imitando esses modelos. Eliade afirma: "Para o homem arcaico, a realidade é uma função da imitação de um arquétipo celeste" (ELIADE, 1992, p.13).

O que temos nesse texto da *fake news* é uma remodelagem desse tempo contemporâneo a um tempo mítico para o grupo representado por esse discurso, sendo esse tempo mítico a guerra fria. A resposta a um mal que surge nesse novo tempo, é buscada nas respostas dadas a outros males nesse tempo primordial, mítico.

ECO-REBEL

Em termos de discurso, o que temos é uma retomada do discurso da guerra fria, um discurso simplista e maniqueísta que divide o mundo em mocinhos e vilões muito bem definidos. Em que do lado dos vilões estão as nações governadas por regimes socialistas/comunistas, como a URSS e a China, e, durante a campanha presidencial de 2018, foi usado muito o exemplo da Venezuela; do outro lado as nações capitalistas, cujo modelo por excelência continua sendo os USA, que nessa *fake news* remeteria à ideia de liberdade.

Considerações finais.

Buscando descrever a dinâmica das *fake news*, seus elementos estruturantes discursivos e constitutivos e quais práticas sociais ideológicas são representadas nesse tipo de discurso, a proposta metodológica foi a delimitação do ecossistema integral da língua na produção desse discurso (SILVA, 2015), sendo tal discurso as *fake news* sobre a pandemia da Covid-19 nos primeiros meses de 2020 no Brasil, utilizando um modelo exemplar desse tipo de construção discursiva. Também procuramos empreender o que Albuquerque (2015) entende como sendo um “minimalismo empírico”, a partir do qual se estuda um objeto por meio de suas inter-relações no interior do ecossistema delimitado.

A dinâmica da produção de uma *fake news* segundo esse modelo é a seguinte: no território virtual das redes sociais um determinado grupo de afinidades ideológicas se reconhece e empenha-se em divulgar e replicar a mensagem transmitida por um autor representativo do grupo. Além disso, território e povo são categorias indissociáveis, um dado território virtual se consolida ao congregar um povo em torno de um autor com o poder de assumir a função de porta-voz desse povo.

Em relação a língua na qual se articulam os discursos, vimos um movimento de retorno a um discurso anterior fundante dessa ideologia. O movimento de construção discursiva consiste em mudar o *locus* a partir do qual o discurso se sustenta, em vez de apresentar uma resposta a uma questão emergente, movimenta essa emergência para um outro contexto onde uma resposta já havia sido formulada. Sendo assim, o leitor é levado a acreditar que tem uma resposta para tal questão emergente, quando na verdade ocorreu uma dissociação entre o contexto da pergunta e o contexto da resposta.

Referências

ALBUQUERQUE, Davi Borges. Palavras iniciais sobre metodologia em Ecolinguística. *Via litterae* v. 7, n. 1, 2015, p. 131-142.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

NOWOGRODZKI da Silva, Anderson. Confluências entre a sociolinguística qualitativa e a Ecolinguística: práticas religiosas virtualizadas. *ECO-REBEL* v. 05, n. 02, 2019, p. 54-74.

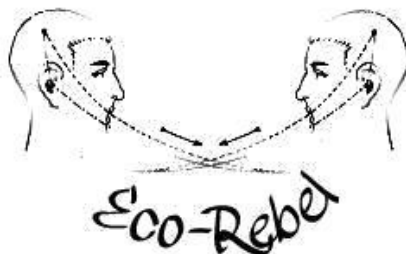
Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27662/23799>

SILVA, Samuel Sousa. Por uma metodologia própria para a Ecolinguística e a ADE. *Via litterae*, v. 7, n. 1, p. 143-155, 2015.

Aceito em 08/08/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.



PANDEMIA ESPIRITUAL

Genis Frederico Schmaltz Neto (FANAP/GEPL/NELIM)

Resumo: Este texto discute a maneira como os diversos ecossistemas religiosos brasileiros têm colocado em crise a relação entre o ser humano e seu próprio sistema religioso. Partindo das noções de linguística ecossistêmica de Couto (2015) e dos conceitos de religião e espiritualidade de Schmaltz Neto (2017), compreende-se que a situação pandêmica pela qual passa o mundo tem renovado as regras de interação espirituais entre as pessoas ao mesmo tempo em que as faz ressignificar a relação entre religião e sociedade.

Palavras-chave: Ecossistema espiritual; pandemia; religião.

Abstract:

This text discusses the way in which the different Brazilian religious ecosystems have put the relationship between human beings and their own religious systems in crisis. Based on Couto's (2015) notions of ecosystemic linguistics and Schmaltz Neto's (2017) concepts of religion and spirituality, it is understood that the pandemic situation that the world is going through has renewed the rules of spiritual interaction between people. It re-signifies the relationship between religion and society.

Key-words: Spiritual ecosystem; Pandemic; Religion.

1. O espiritual para a ecolinguística

Todo ser humano precisa de interagir. E assim o faz: consigo mesmo e com o Outro. O Outro – que já fora tão discutido em sua completude¹ – só existe na medida em que se torna Nós. Nesse movimento cíclico, nasce a comunicação: um ser humano estabelece nós com outros seres

¹ Cf. Lacan, J. (1985). *O Seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ECO-REBEL

humanos em um território físico, usando algum tipo de linguagem e, a partir daí, determina regras de convivência².

Essa é a premissa da ecolinguística brasileira ou linguística ecossistêmica: a língua não é apenas a necessidade de interação; a língua é a própria interação. Por ser a própria interação, a língua é objeto de estudo junto a todo processo³ que a permite existir. Isso significa que é necessário levar em consideração o todo que envolve os seres humanos e seus ambientes, meio ambientes – ecossistemas – diversos.

Sabe-se que há três ecossistemas fundantes: o natural, que diz respeito a como a interação acontece; o social, que versa sobre quem e/ou com quem se interage e o mental, que rascunha como a interação se dá. Apesar de terem suas características próprias, esses ecossistemas se espelham e se interdependem: o povo que fala é o mesmo que se organiza entre lugares sociais e padrões próprios de pensamento.

No entanto, mesmo que permita uma abertura teórica, a tríade de ecossistemas não contempla todos os nós possíveis estabelecidos por falantes. É possível que esses falantes queiram buscar explicações para sua existência em elementos que não se veem: na figura de um deus, por exemplo, responsável por reger e determinar seus lugares sociais, seus inícios e seus respectivos fins. Os falantes interagem com o espiritual.

A interação com o espiritual⁴ é uma experiência abstrata que se dá entre um ou mais falantes e o desconhecido. No entanto, diferente de uma interação comum, exige mais do que a simples vontade de comunicar. Afinal, está perpassada por uma sensação quase mágica de mistério: é preciso atingir condições específicas para que haja efetivamente uma troca com quem não se vê.

É por isso que discutir espiritualidade sempre precederá, inevitavelmente, uma discussão sobre religião. É a religião que sistematiza as regras de interação com o desconhecido, delimitando o que pode ser feito e onde pode ser feito. Ela constitui a ecologia da interação comunicativa

² Cf. COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e Meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

³ Observe o termo empregado: processo. não se trata de uma estrutura fundante, imutável, que sempre esteve ali; trata-se de uma teia de produção de sentidos, de pessoas que produzem esses sentidos em um Universo que permite a materialização em significantes e significados para quem as usa.

⁴ O termo espiritualidade é desaprovado pelos estudos da religião porque provoca uma associação direta entre cristianismo e o que estiver sendo discutido. Cf. DROOGERS, A. Espiritualidade: o problema da definição. In: *Estudos teológicos*. V. 23, n. 2, 1983.

ECO-REBEL

própria de uma interação espiritual. Aliás, ela permite que haja uma estrutura própria ao falante para que ele interaja com o espiritual.

Apesar de ser uma estrutura, não seria justo reconhecer a interação espiritual apenas como uma dinâmica social – porque também essa estrutura está embebida de uma atitude fenomenológica, mas, ao mesmo tempo, seria incoerente pensar a religião e espiritualidade apenas de uma perspectiva mental ou culturalista. Na verdade, ela é a junção de todas, mas também é única. Por isso ela constitui o ecossistema espiritual⁵.

O ecossistema espiritual é constituído por um falante (F_1) que deseja interagir com um ouvinte que não se vê (O_1), mas só é possível que isso aconteça caso F_1 esteja em um território (T) sagrado, demarcado por regras de interação (L) que não foram delimitadas por F_1 , mas são por ele creditadas sob a forma de uma religião. Por isso, o espiritual não está na tríade ecolinguística, mas coexiste com ela.

Nem todo falante busca a interação espiritual, mas a ele essa interação é possível, desde que se siga a sistematização. Geralmente, ela é procurada quando a comunidade ou o falante, de maneira individual, passa por alguma situação problemática cujo controle parece escapar ao que é natural. Também, costuma ser buscada quando há situações de morte ou doenças. *Ipsis litteris*, é acionada quando não se consegue mais ver.

Nesta segunda década do século XXI, há muito para se pensar a respeito de interações espirituais. A pandemia imposta pelo COVID-19 tem arrastado milhares à sepultura enquanto colapsa os sistemas econômicos. Diante de seus meios ambientes sociais em eminente perigo, os falantes têm buscado amparo naquilo que não se vê. Ao mesmo tempo, também têm questionado aquilo que pode ser visto.

É por isso que redijo este texto. Precisamos refletir sobre o comportamento dos ecossistemas espirituais em tempos de pandemia porque eles refletem exatamente como nossa sociedade lida com o que, aparentemente, não é possível de lidar. Ainda, ajudam a pensar em como há uma verdadeira pandemia espiritual em curso, ressignificando aquilo que é espiritual e expondo o que não é religioso.

Partindo dessas premissas, reúno diversos exemplos de como ecossistemas e suas religiões têm abordado a pandemia na seção 02, evocando, para isso, alguns dos aspectos teóricos do meio

⁵ SCHMALTZ, G. F. Meio ambiente espiritual. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, p. 83-96, 29 ago. 2018.

ambiente espiritual. Por conseguinte, teço algumas reflexões finais na seção 03, a fim de prever – no sentido científico da palavra – as próximas manifestações interacionais que veremos por aí, nas redes sociais, na televisão, no cotidiano.

2. O espiritual em tempos de pandemia

No mundo como o conhecemos até agora, é possível se deparar com diversos ecossistemas espirituais. Boa parte deles chega a constituir individualmente comunidades de fala diversas, apesar de possuírem um denominador comum, fazendo também as vezes de uma comunidade de língua. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, 34% dos brasileiros se denominaram evangélicos, enquanto 64%, católicos⁶.

Ambas as denominações, apesar de nominalmente cristãs, se referem a sistematizações religiosas específicas que se fragmentam e ramificam dependendo da região em que se encontram. Afinal, para acessar o território sagrado, os falantes precisam ter atitudes específicas e interagir com seres específicos – não humanos – que completam a experiência com o desconhecido.

Nos ecossistemas espirituais católicos, por exemplo, é comum a interferência dos chamados santos – falantes que experimentaram o desconhecido a ponto de receberem dele um poder específico operado em morte – enquanto nos ecossistemas evangélicos, é comum encontrar pessoas com poderes, apesar de não serem ovacionados ou talhados em madeira. Em geral, os falantes adquirem poderes de cura ou interagem com seres de cura.

Ao processo de interação com o sobre-humano dentro do ecossistema espiritual são chamamos fatos religiosos (FRs)⁷. Os FRs oscilam desde a figura de anjos, demônios ou espíritos até a existência mágica de elementos químicos como água, fogo, terra. Na maioria das vezes, o fato religioso funciona como manifestação visual do falante desconhecido para elevar a crença da comunidade.

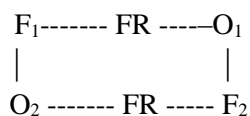


Figura 01. Esquema de interação com fatos religiosos.

⁶ Se em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, em 2010 essa fatia passou para 64,6%. Quem mais cresce são os evangélicos, que, nos últimos quarenta anos, saltaram de 5,2% da população para 22,2%. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>.

⁷ Cf. PIAZZA, W. *Introdução à Fenomenologia religiosa*. Ed. Vozes,. Petrópolis 1976.

ECO-REBEL

Os FRs são, portanto, facilitadores da interação com o desconhecido. Seus mecanismos só funcionam, apesar disso, porque têm fundamento em textos sagrados – isto é, estão previstos nas regras de sistematização. Os anjos, por exemplo, são figuras comuns que aparecem como auxiliares dos seres humanos e, mesmo os demônios, são personificados ou híbridos: revelam a junção entre humanidade e natureza.

Isso significa que, apesar de fantasiosos, os FRs são esperados e reconhecidos porque engendram a narrativa religiosa. Por precisarem de validação, são julgados por líderes estabelecidos pela própria comunidade. Estes, conhecedores dos FRs em geral, devem conhecer também o livro sagrado por excelência. É por meio dele que a comunidade saberá se a sistematização está sendo executada de modo adequado ou não.

No entanto, para que a validação pela escritura aconteça, é necessário saber, ao menos, ler. Infelizmente, essa não é a realidade comum. Segundo dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) de 2002, 54% da população evangélica brasileira, por exemplo, possuía o nível fundamental incompleto. Obviamente, o nível de escolarização não diminui ou dirime os falantes, mas ajuda a compor nosso quadro analítico.

Por vezes, os FRs dos textos sagrados são ressignificados de modo incoerente e facínora. Em maio de 2020, o líder Valdemiro Santiago, da comunidade Igreja Mundial do Poder de Deus, anunciou a venda de feijões mágicos contra o coronavírus por cerca de R\$1000. Posteriormente, foi interpelado pelo Ministério da Saúde e também pelo Ministério Público Federal, que apurou crime de estelionato⁸.

É fácil observar que, visando atingir a comunidade, escolhe-se um alimento comum e integrante da cesta básica a fim de torná-lo único quando manuseado por aquele líder naquele território. O que é normal passa a se comportar como espiritual, mas não por determinação do desconhecido. Pelo contrário, o falante líder, eleito pela comunidade, assume o status de intermediador do falante todo poderoso.

Não muito diferente, o líder R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, diz que membros de sua comunidade têm se curado bebendo a água abençoada⁹ pela sua oração. Mais uma vez, um elemento comum é eleito como instrumento de cura. No entanto, há de se observar

⁸ Cf. <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/ministerio-da-saude-retirou-alerta-contrafalsa-cura-da-covid-vendida-por-pastor-diz-mpf-24480671> Acesso em 20.06.2020.

⁹ Cf. <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,1,GERAL,196529>. Acesso em 01.07.2020.

ECO-REBEL

que esse elemento só se torna embebido por poder por passar pelas mãos do líder, não por si só. De novo, cria-se um papel de intermediador.

A necessidade de se apegar ao concreto faz com que os membros dos ecossistemas espirituais ignorem os próprios ensinamentos religiosos e passem a se apegar a símbolos ou representações de cura prometidas pelos líderes, não pelo desconhecido. É interessante observar que, apesar de soar absurda à sistematização, a prática de substituir a interação com o falante maior pelo líder humano é comum.

Em geral, os ecossistemas espirituais se sustentam pela ideia de poder entrar em contato com o mistério e dele conhecer o sentido de sua própria existência, mas em tempos pandêmicos como o que vivemos, as comunidades parecem se esquecer de que a interação individual com o desconhecido é possível, numa espécie de sensação generalizada de que a humanidade está sendo submetida a um juízo final.

Como boa parte dos falantes não consegue acessar o desconhecido, creditam e passam a imitar o falante que diz ter conseguido acessá-lo; se fere a sistematização religiosa inicial, isso parece não importar. Há um suposto vídeo¹⁰ da comunidade Igreja Universal do Reino de Deus em que um álcool em gel de R\$500 é considerado abençoado na luta contra Covid-19, por exemplo.

Ainda, em junho de 2020, uma mulher não identificada¹¹ foi filmada em conversa com o presidente da república brasileira em exercício sugerindo ser o enxofre presente no alho cru o componente responsável pelo fim do coronavírus, como mensagem direta do deus que não se vê. Incrivelmente, a mulher conseguiu uma reunião com o ministério da saúde posteriormente, mas nada mais se sabe a respeito disso.

Os FRs assim o são não apenas porque representam de modo mágico a manifestação do desconhecido, mas porque obedecem a uma lógica religiosa construída dentro da própria comunidade. Por exemplo, o elemento fogo, associado ao Apocalipse, curiosamente é evocado em batismos de fogo ou línguas de fogo que tomam falantes fiéis. Seu papel é destruir tudo de mundano que ocupa uma comunidade espiritual.

¹⁰Cf. <https://www.acessepolitica.com.br/pastor-vende-alcool-gel-ungido-por-500-reais-a-fieis-para-protecao-contracoronavirus/> Acesso em 01.07.2020.

¹¹ Cf. <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-arruma-reuniao-com-mulher-que-diz-curar-covid-19-com-enxofre/> Acesso em 01.07.2020.

ECO-REBEL

Talvez por isso, o COVID-19 tem sido associado a um castigo ou parte de um conjunto de pragas de deus¹² -- a destruição da Terra é parte dos escritos sagrados, mas álcool em gel não. Muito menos feijões ou alho cru. Inevitavelmente, se folhearmos qualquer livro de história da educação básica, nos depararemos com o hábito religioso de desconstruir o que é espiritual.

Nos livros sagrados, há diversos relatos de cura – mas eles partiram do desconhecido para os falantes, e não o inverso. Dessa forma, é comum que os falantes, além de fatos religiosos, também acionem atos religiosos (ARs) em suas interações espirituais. Trata-se de micro ou macro atitudes interativas tomadas para que a mensagem ou desejo de um falante ou comunidade alcance o mistério.

Um exemplo simples de ato religioso é a oração, prece ou reza. Uma série ou sequência de palavras espontâneas ou previamente elaboradas transmitem uma mensagem a deus. A resposta não é esperada no mesmo instante, mas vista como consequência de alguma ação ou como acaso de alguma situação cotidiana. Enquanto os FRs independem do falante, o ARs dependem totalmente dele.

Em abril de 2020, por exemplo, a comunidade religiosa Assembleia de Deus liderada por Roberto dos Santos em Pernambuco se ajoelhou nas ruas da capital¹³ enquanto dizia em voz alta que o país pertencia a Deus, bem como suas cidades e autoridades políticas. No mesmo mês, no Paraná¹⁴, comerciantes também se prostraram em frente aos seus estabelecimentos a fim de pedir ao mistério que os resgatasse.

O AR de conversar diretamente com deus costuma vir acompanhada de alguma sinalização corporal. Uma vez que o desconhecido está no nível abstrato, a aproximação com o concreto por meio do próprio corpo seria uma forma de provocar sua rápida manifestação. Por isso, dobrar-se seria um sinal de humildade ou de entrega total. Se um falante entrega o corpo, ele está à disposição para o que pode acontecer.

Ainda em junho de 2020, por exemplo, as comunidades evangélicas e católicas se mobilizaram em um AR de jejum¹⁵ – isto é, deixar de comer algum alimento por um período

¹² Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/03/22/coronavirus-traz-a-tona-praga-de-previsoes-do-fim-dos-tempos>. Acesso em 01.07.2020.

¹³ Cf. <https://pleno.news/fe/cristaos-se-ajoelham-nas-ruas-de-pernambuco-para-orar.html>. Acesso em 01.07.2020.

¹⁴ Cf. <https://guiame.com.br/gospel/noticias/comerciantes-se-ajoelham-para-orar-em-frente-lojas-fechadas.html>. Acesso em 01.07.2020.

¹⁵ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/em-dia-de-jejum-convocado-por-bolsonaro-religiosos-rezam-em-frente-ao-alvorada-24352961>. Acesso em 01.07.2020.

ECO-REBEL

específico de tempo – a fim de que a nação brasileira fosse purificada do COVID-19. O jejum é uma atitude de penitência em que o corpo se enfraquece daquele alimento e suas vitaminas a fim de que espiritualmente ele seja fortalecido.

Ao ser acionada de maneira nacional, as comunidades – talvez sem perceber – estavam evocando a vontade do desconhecido, não necessariamente a possível cura. O objetivo de um jejum não é convencer deus a agir em prol do humano, mas em reconhecer, como ser humano, a vontade do desconhecido. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, o prefeito de Ladário tornou oficial¹⁶ 21 dias de oração e jejum coletivos.

Aliás, há um frenesi específico brasileiro relacionado à possibilidade de um líder político se assumir essencialmente espiritual. O presidente da república brasileira em exercício tem aprovação quase espontânea de segmentos religiosos principalmente por tomar como emblema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Não é incomum ignorar toda a sistematização religiosa em prol de um humano com algum tipo de poder.

A abordagem do presidente relacionada a Deus provoca nas comunidades religiosas a sensação de que o país está sendo entregue nas mãos do falante todo poderoso, mas, curiosamente, essas mesmas comunidades religiosas alimentam discursos endossados pelas autoridades que contrariam totalmente os escritos considerados sagrados. Mais uma vez, há uma incoerência no ecossistema.

Claro, é interessantíssimo observar que no Brasil os ecossistemas espirituais tenham reconhecido o perigo do COVID-19 e tenham se proposto a combatê-lo também de maneira espiritual. Na Coreia do Norte, por exemplo, a comunidade religiosa foi uma das grandes responsáveis pela contaminação em massa de sua região¹⁷. Já nos Estados Unidos, o líder Landon Spradlin foi às redes sociais dizer que o vírus era invenção, mas acabou morrendo por conta dele um mês depois¹⁸. No Brasil, alguns líderes até tentaram impedir fechamentos de igrejas como medida contra o coronavírus, mas imediatamente foram contestados¹⁹ por outros pastores da comunidade.

¹⁶ Cf. <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/05/15/cidade-de-ms-decreta-21-dias-de-oracao-e-jejum-e-marca-cerco-espiritual-contr-a-covid-19.ghtml> Acesso em 01.07.2020.

¹⁷ Cf. https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/02/interna_internacional,1125611/lider-de-seita-religiosa-que-dificultou-o-combate-ao-coronavirus-na-co.shtml. Acesso em 30.06.2020.

¹⁸ Cf. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/07/coronavirus-pastor-que-chamou-epidemia-de-histeria-morre-apos-participar-de-carnaval.ghtml> Acesso em 20.06.2020.

¹⁹ Cf. <https://revista.cifras.com.br/noticia/ana-paula-valadao-silas-malafaia-discussao> Acesso em

3. Pandemia espiritual

O ecossistema espiritual tem sido esvaziado nos tempos de pandemia em detrimento de seus líderes que têm ignorado as sistematizações religiosas e vem tentando se tornar porta-vozes do desconhecido. A interação entre falantes e mistério tem sido substituída pela expectativa de que algum líder tenha acessado o mistério e, por meio de algum tipo de hiperrevelação, resolva o problema do coronavírus.

Por todo o território brasileiro, comunidades têm executado atos religiosos com a intenção de acelerar o processo de cura do mundo, enquanto outras têm sustentado fatos religiosos que jamais seriam assim aceitos em tempos de saúde plena. Uma perspectiva política tem perdurado sobre o religioso e, talvez, por isso, também o tenha colocado em crise: não se sabe de onde vem a explicação para algo ser feito, apenas se faz.

Quem sabe, se algum falante seguir as diretrizes do desconhecido, de fato, as estruturas espirituais ou religiosas podem deixar de estar adoecidas e a homeostase seja recomposta no ecossistema humano! O humano está em crise. Se está em crise, o ecossistema também está. Tudo está interligado. Nós fazemos parte do todo. Ainda é muito cedo para refletir sobre algo que ainda não acabou.

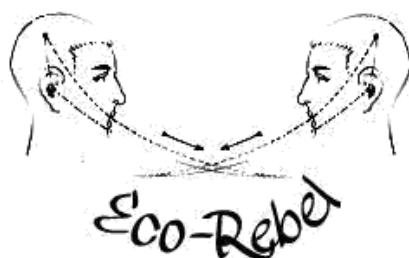
Referências

- COUTO, H. H. DO. Linguística Ecolinguística. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, p. 47-81, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>
- SCHMALTZ, G. F. Meio ambiente espiritual. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, 2018, p. 83-96.
- _____. Vale do Amanhecer como comunidade de fala: uma visão ecolinguística. 2017. 165 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Aceito em 20/08/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.

01.07.2020.



RESENHA

Papa Francisco. *Vida após a pandemia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020, 68p.

Resenhado por Tadeu Luciano Siqueira Andrade (UNEB/UnB/GEPL)

O livro *Vida após a pandemia*, de autoria do Papa Francisco, é uma coletânea composta por oito textos curtos que nos possibilitam uma reflexão acerca da situação por que a humanidade está passando com a propagação do COVID-19 e aponta para perspectivas futuras. O livro é prefaciado pelo cardeal Michael Czerny SJ, que diz logo no início que “a nossa vida depois da pandemia não deve ser réplica do que foi antes” (p.15). O cardeal nos possibilita uma leitura que evidencia o pensamento do Papa, sua preocupação com o futuro da humanidade, despertando em nós a esperança de um mundo melhor. Em 14 páginas faz uma sinopse de cada artigo e apresenta os dois objetivos da coletânea: “sugerir uma direção, chaves de leitura e diretrizes para a reconstrução de um mundo melhor que possa nascer desta crise da humanidade, em meio a tanto sofrimento e perplexidade, semear a esperança”. Na verdade, os textos são um convite reflexivo a toda comunidade e constituem-se de diversos pronunciamentos do Papa entre os meses de março e abril de 2020, período da eclosão do COVID-19.

No primeiro capítulo, “Porque sois tão medrosos?”, o Papa Francisco apresenta a Mensagem *Urbi et orbi* (expressão latina usada nas bênçãos pelo Papa; significa “à cidade de Roma e ao mundo”) durante o Momento Extraordinário de oração em tempo de epidemia. Usando uma linguagem bíblica, diz que toda a humanidade está em uma mesma situação diante da pandemia, alertando que “fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco” (p.19). Em toda a mensagem é reiterada a

pergunta inicial, aperta os questionamentos acerca da crise, mas, ao mesmo tempo, acredita que a esperança de um mundo melhor seja reacendida.

No segundo capítulo, “A preparação para o depois é importante”, epístola enviada a Roberto Andrés Galardo, o Papa Francisco preocupa-se com a progressão geométrica da pandemia, destaca o trabalho dos profissionais que se colocam em risco para defender as pessoas do contágio. Alerta ainda sobre a preocupação de alguns governantes para defender a população evitando um colapso econômico. O capítulo termina apresentando algumas consequências que deverão ser evitadas no período pós-pandemia.

O terceiro capítulo é “Como uma Chama”, chama que será a ressurreição, uma “vitória do amor sobre a raiz do mal” (29). A mensagem é uma intercessão por aqueles que se encontram em condições de vulnerabilidade e por aqueles que estão nas casas de cura ou em prisões. Para essas pessoas, a Páscoa é um momento de solidão. O Papa encoraja as autoridades públicas para que trabalhem com vistas ao bem comum da sociedade, possibilitando a todos as condições de viverem na dignidade humana, pois o mundo inteiro está sofrendo. Por isso, requer a ação de todos para enfrentar a pandemia. Não é tempo para egoísmo, mas um momento de enfrentamento que une todos a fim de evitar as atrocidades. Palavras como indiferença, egoísmo, divisão, esquecimento não são palavras que queremos ouvir neste tempo, mas bani-las de todos os tempos. Assim, o Papa conclui a mensagem de Páscoa em 12 de abril de 2020.

No quarto capítulo, “A um exército invisível”, o Papa Francisco dirige sua atenção às classes populares, considerando-as como responsáveis pela economia. Na verdade, é um exército que, lutando nas trincheiras mais perigosas, defende três T: Terra, Trabalho, Teto. Ainda neste capítulo, destacam-se os movimentos sociais, cujos membros são invisíveis pelo Estado, mas vistos como suspeitos devido à sua organização comunitária e reivindicação de direitos. Para o Papa, essas pessoas são poetas sociais, que, partindo de lugares esquecidos, por exemplo, as periferias, criam alternativas solidárias para as dificuldades mais extenuantes. O Papa convida todos “a pensar no “depois” da pandemia, porque esta tempestade vai passar e suas sérias consequências já estão sendo sentidas” (p. 40). Faz ainda referência aos refugiados e moradores de rua que, enfrentando profundas dificuldades no contexto de pandemia, encontram na solidariedade do próximo a oportunidade de salvação, como defende Lacerda em matéria publicada na revista *domtotal.com* em 25/05/2020.

No capítulo cinco, “Um plano para ressurgir”, o Papa Francisco, fazendo uma intertextualidade da pandemia com a Ressurreição, diz que a humanidade está “como as primeiras discípulas que foram ao Sepulcro; vivemos circundados por um clima de dor e de

incerteza” (p.44) e questiona como enfrentarmos a situação que domina todo o planeta. Em meio a tanta reflexão acerca da pandemia, o Papa convida a humanidade para uma vida em comunidade, unida na busca de um desenvolvimento sustentável e integral; defende que cada ato individual não é um ato isolado, seja positivo ou negativo, e sim um ato com consequência para toda a comunidade, pois tudo está interligado. Um plano para ressurgir consiste em uma mudança de estilos de vida, uma distribuição equitativa de rendas e adoção de medidas protetivas para o meio ambiente.

No sexto capítulo, “O Egoísmo: um vírus ainda pior”, o Papa Francisco argumenta que o vírus mais nocivo à humanidade, além da pandemia, é a indiferença egoísta em que tudo é “para mim”. A pandemia veio para nos mostrar que não existem diferenças nem fronteiras entre os que padecem do mal do vírus. Adverte o papa: “aproveitemos esta prova como uma oportunidade para preparar o amanhã de todos sem descartar ninguém” (p.55).

No sétimo capítulo, “Para o mundo dos jornais de rua”, o Papa Francisco se refere às pessoas sem um lar, marginalizadas e desempregadas que sobrevivem nas ruas vendendo jornais. Destaca-se a experiência do periódico *Scarp de' ténis*, publicação mensal de rua, projeto editorial e social apoiado pela Cáritas Ambrosiana e Italiana. O Papa nos chama atenção pelo fato de que a vida dessas pessoas oprimidas pela pandemia tornou-se mais difícil, sobretudo, daquelas que vivem nas ruas. Neste capítulo, está explícita a ideia de como é difícil colocar-se no lugar dos outros, popularmente falando *colocar-se no sapato dos outros*. Assim, disse o Papa na entrevista ao *Scarp de' ténis*, em fevereiro de 2017.

No oitavo capítulo, “Superar os desafios globais”, o Papa Francisco dedica seus argumentos à Terra por ocasião do 50º Dia Mundial da Terra e conclama a humanidade a cuidar da “Casa Comum”, tema da Encíclica *Laudato Si*, sobre a qual há um artigo de Fritjof Capra em *ECO-REBEL* (CAPRA, 2020). No contexto conturbado em que nos encontramos, devemos ter um plano compartilhado para cuidar dos mais frágeis e vencer os desafios globais. Alerta-nos ainda que precisamos de uma conversão ecológica, vivendo como uma só família interdependente, pois “a interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum” (p.63). Neste capítulo, o Papa focaliza os saberes ancestrais das comunidades indígenas e de outros povos tradicionais, incentivando que, com eles, devemos aprender o caminho para amar a Terra e nela criarmos o bem-viver.

Os textos que compõem esta coletânea nos mostram como a pandemia influencia e influenciará a nossa vida no contexto global. Todos esses textos convergem para uma única mensagem: “Uma emergência como a da Covid-19 derrota-se antes de tudo com os anticorpos da solidariedade” (p.50). Em uma linguagem clara, precisa e acessível, o Papa

ECO - REBEL

situa seu discurso no contexto de mudanças sociais, políticas econômicas advindas da pandemia, possibilitando uma análise multi- e transdisciplinar da pandemia nas diversas áreas do conhecimento, tais como, medicina, ecologia, direitos humanos e, no caso do grupo em torno de *ECO-REBEL*, Análise do Discurso Ecológica.

Resenhar este livro em uma perspectiva da Análise do Discurso Ecológica (ADE) justifica-se pelo fato de que, ao contrário das análises do discurso na visão tradicional, a ADE enfatiza a vida em todos os seus aspectos, os seres vivos de todas as espécies, buscando a ecoidelogia e todas as formas que possam erradicar o sofrimento de todos os que habitam o planeta Terra. Para a ADE, não vêm em primeiro lugar os conflitos ideológicos implícitos nos discursos, mas, sobretudo, a harmonia entre os seres vivos e o mundo que os cerca. O livro do Papa é um grande incentivo neste sentido, dada sua autoridade moral.

Referência

CAPRA, Fritjof. *Laudato si* – A ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 6, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>

Aceito em 25/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, n. 3, 2020.